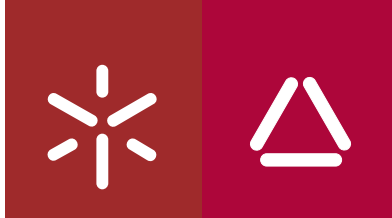




Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

João Miguel Lobo Ribeiro da Silva Monteiro

**As relações de hierarquia entre redações
do Record e as eleições no SC Braga**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

João Miguel Lobo Ribeiro da Silva Monteiro

As relações de hierarquia entre redações do Record e as eleições no SC Braga

Relatório de Estágio
Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de Especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor Luís António Santos

DECLARAÇÃO

Nome: João Miguel Lobo Ribeiro da Silva Monteiro

Endereço eletrónico: joalobomonteiro@gmail.com

Número do Cartão do Cidadão: 13966898

Título do relatório de estágio: As relações de hierarquia entre redações do Record e as eleições no SC Braga

Orientador: Professor Doutor Luís António Santos

Ano de conclusão: 2014

Mestrado: Mestrado em Ciências da Comunicação – Área de especialização em Informação e Jornalismo

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTE RELATÓRIO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

À minha mãe, por todo o apoio e pelos conselhos sábios que sempre me deu. E por se disponibilizar a esperar por mim e fazer o jantar às horas tardias a que eu chegava do Porto, naqueles três meses.

Ao meu pai, pelo apoio, pela (excessiva) preocupação, pelo contributo decisivo para que eu cumprisse o meu objetivo e pelas constantes viagens Braga – Porto – Braga.

Ao meu irmão, que esteve e está longe, mas esteve e está sempre perto, sempre comigo.

A toda a minha família, especialmente à minha avó, que deixei de visitar todos os fins de semana, mas que sempre me amparou e torceu pelo meu sucesso.

Ao Professor Doutor Luís António Santos, pela orientação, no verdadeiro sentido do termo.

Aos meus colegas e amigos, uns mais perto, outros à distância, mas que sempre me acompanharam nesta caminhada, que começou em setembro de 2009, quando entrei no curso de Ciências da Comunicação. Ana Isabel, Andreia, Filipa, João, Laura, Liliana, Rita, Samuel, Sónia, Tiago e Vera: obrigado!

A todos os meus colegas no Record, em especial ao Ricardo Vasconcelos, ao Vítor Pinto e ao Paulo Paulos, pelo contributo essencial que deram a este relatório, sem esquecer o suporte e companheirismo de todos, naqueles três meses. Agradeço também ao editor-chefe da redação do Porto, Jorge Barbosa, por me ter dado a possibilidade de lá estagiar.

As relações de hierarquia entre redações do Record e as eleições no SC Braga

Resumo

Com base nas experiências vividas entre os dias 16 de setembro de 2013 e 18 de dezembro do mesmo ano, período em que estagiei no jornal desportivo Record, na sua redação no Porto, pretendo estudar as relações de hierarquia existentes entre esta e a redação principal, em Lisboa, e demonstrar de que formas pode essa hierarquização afetar o trabalho dos jornalistas e aquilo que se escreve no jornal. No fundo, o objetivo é descortinar um pouco o que está envolvido nos processos de recolha de informações, de seleção do que é notícia e do próprio processo de escrita dos artigos, neste caso específico e neste jornal. Normalmente, é algo a que os leitores não têm acesso e um assunto sobre o qual nem sequer refletem. Não quero, contudo, fazer juízos de valor em relação ao modo de trabalhar do Record.

Posto isto, observo, através de uma análise de conteúdo, a cobertura da campanha eleitoral no SC Braga, feita por parte dos jornais Record e O Jogo, entre 21 de novembro e 14 de dezembro, ou seja, entre o dia a seguir a ter sido apresentada a primeira lista e o dia seguinte ao ato eleitoral. Este caso serve, essencialmente, para verificar se há diferenças no que é dito e escrito, em termos de tom e de destaque dado aos candidatos, que indique algum tipo de favorecimento, e que ligação existe entre a postura assumida pelo jornal e as relações de hierarquia presentes no seio das redações ou se, por outro lado, resulta de influências externas. No caso de haver parcialidade, repito, porque não é certo que haja.

Antes destas duas partes, abordarei, de modo mais específico, a minha experiência de estágio, explicando em que consistiu o meu trabalho diário e as diversas etapas que percorri. Farei também uma contextualização do jornal e da redação que me acolheu e do panorama do jornalismo desportivo em Portugal.

Pela descrição feita, parece que este relatório de estágio se baseia apenas na minha opinião e na minha experiência. Não é verdade. Terei sempre uma moldura teórica a suportar cada assunto, além de entrevistas com antigos colegas de redação.

Palavras-chave: hierarquia; redações; jornalismo desportivo; campanha eleitoral; SC Braga

Hierarchical relations between Record's newsrooms and the elections on SC Braga

Abstract

Based on the experiences that I lived between September 16th and December 18th, 2013, when I made my internship at the sports newspaper Record, in Porto, I want to study the hierarchical relations between the newsroom where I worked and the main newsroom, located in Lisbon, and show how this hierarchization may affect journalists' work and what is written on the newspaper. After all, the objective is to unveil a little bit of what is involved on the processes of newsgathering, news selection and news writing in this specific situation and specific newspaper. Normally, the readers don't have access to these processes and they don't even reflect about them. However, my intention isn't to make any kind of value judgement related to the *modus operandi* of Record.

After this, I observe, through content analysis, the coverage of the electoral campaign on SC Braga, made by two newspapers, Record and O Jogo, between November 21st and December 14th, i.e., the day after the presentation of the first list and the day after the elections. This case serves, essentially, to verify if there are differences on what is said and written, in terms of tone and emphasis given to the candidates, that might show some kind of favoring, and what is the connection between the position that the newspaper assumes and the hierarchical relations on the newsrooms or if, on the other hand, it results from external influences. If the case is that there is partiality, I repeat, because I'm not sure if there is any.

Before these two parts, I will write more specifically about my internship experience, explaining what my daily work was and the different steps that I had to climb. I will also make a contextualization of the newspaper and the newsroom that received me and of the sports journalism's panorama in Portugal.

With this description, it seems that this report relies only on my opinion and on my experience. That is not true. I will always bring a theoretical base to support every issue, as well as some interviews with my ex-colleagues.

Keywords: hierarchy; newsrooms; sports journalism; electoral campaign; SC Braga

Índice

Introdução	13
-------------------------	----

Capítulo I: O estágio

1. Contexto do jornal e do grupo	15
2. O jornalismo desportivo	16
3. O estágio	
3.1 – O início.....	19
3.2 – Trabalho de segunda divisão	21
3.3 – O despedimento de Vítor Paneira	23
3.4 – Fora da redação	24
3.5 – Incurções na divisão principal	25
3.6 – As modalidades	26

Capítulo II – Relações de hierarquia dentro de um jornal

1. A realidade percebida no estágio	29
2. Visões sobre a hierarquia	31
3. Relações de hierarquia aos olhos dos jornalistas	36

Capítulo III – Análise da cobertura da campanha eleitoral no SC Braga

1. Framing	39
2. Agenda setting	41
3. Favorecer ou reforçar o favoritismo?	43
4. Análise de conteúdo	45
4.1 – Metodologia	47
4.2 – Os antecedentes	48
4.3 – Análise das edições do Record	50
4.3.1 – Os artigos.....	50

4.3.2 – Entrevista a António Salvador	61
4.3.3 – Entrevista a Nuno Carvalho	66
4.4 – Análise das edições de O Jogo	69
5. A campanha eleitoral vista pelos jornalistas	78
Capítulo IV – Conclusões	81
Bibliografia	85
Anexos	87
Anexo 1 – Antevisão SC Braga B - Benfica B: 1.º artigo publicado (23 de setembro)	89
Anexo 2 – Crónica do SC Braga B – Atlético (24 de outubro)	90
Anexo 3 – Despedimento de Vítor Paneira (8 de novembro).....	91
Anexo 4 – Crónica do FC Porto – Kolding (1 de dezembro).....	92
Anexo 5 – Antevisão do SC Braga B – FC Porto B (11 de dezembro)	93
Anexo 6 – Notícia da lesão de Éder (14 dezembro)	94
Anexo 7 – Notícias de 21 de novembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	95
Anexo 8 – Notícias de 22 de novembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	96
Anexo 9 – Notícias de 25 de novembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	97
Anexo 10 – Notícias de 26 de novembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	98
Anexo 11 – Notícias de 27 de novembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	99
Anexo 12 – Notícias de 28 de novembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	100
Anexo 13 – Notícias de 29 de novembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	101
Anexo 14 – Notícias de 30 de novembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	102
Anexo 15 – Notícias de 1 de dezembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	103
Anexo 16 – Notícias de 2 de dezembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	104
Anexo 17 – Notícias de 3 de dezembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	105
Anexo 18 – Notícias de 5 de dezembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	106
Anexo 19 – Notícias de 6 de dezembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	107
Anexo 20 – Notícias de 7 de dezembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	111
Anexo 21 – Notícias de 9 de dezembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	112

Anexo 22 – Notícias de 10 de dezembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	113
Anexo 23 – Notícias de 11 de dezembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	114
Anexo 24 – Notícias de 12 de dezembro de Record e O Jogo (versão <i>Word</i>)	115
Anexo 25 – Notícia de 13 de dezembro de Record	117
Anexo 26 – Notícias de 14 de dezembro de Record	118
Anexo 27 – Notícias de 14 de dezembro de O Jogo (versão <i>Word</i>).....	119
Anexo 28 – Tipo de notícias e tom das notícias no Record	120
Tabela I: Tipo de notícias	
Tabela II: Tom das notícias	
Anexo 29: Tipo de notícias e tom das notícias em O Jogo	121
Tabela I: Tipo de notícias	
Tabela II: Tom das notícias	

Introdução

Desde pequeno, tive uma certeza: a minha vida profissional teria de estar ligada ao desporto. Talvez por influência familiar, porque o meu irmão jogou andebol e o meu pai também, além de ter sido dirigente do ABC (andebol) e do SC Braga (futebol). Sempre vivi no meio do desporto e sempre fui viciado em futebol, mas o jeito para jogar à bola foi-se perdendo, ao longo dos anos, e a casa com piscina que prometi à minha mãe, quando fosse um jogador famoso, continua por comprar. Apercebendo-me da falta de capacidades para tratar bem a bola com os pés, decidi dedicar-me a escrever sobre ela, até porque sempre me disseram, ao longo do meu percurso escolar e académico, que era para escrever que eu tinha jeito. Cheguei à licenciatura em Ciências da Comunicação, na Universidade do Minho, na minha terra natal, e, já no mestrado, consegui, finalmente, atingir o objetivo a que me propus desde muito novo e que justifica todas estas palavras introdutórias: trabalhar (ou estagiar, no caso) num jornal desportivo. Por já lá conhecer alguns jornalistas, optei por ir para a redação do jornal Record, no Porto.

Durante os três meses de estágio, cuja experiência vou relatar, mais à frente, de forma detalhada, a questão que mais me chamou a atenção e que mais me afetou no trabalho diário foi a dependência da redação onde estava, no Porto, em relação à redação principal do jornal, em Lisboa. Não quero com isto dizer que não fôssemos, em certa medida, autónomos e independentes, mas estávamos demasiado sujeitos ao trabalho feito em Lisboa, tanto em coisas simples, como mudar a posição de um jogador no grafismo das equipas prováveis para um jogo, como em matérias mais gerais - decidir qual a organização e distribuição das páginas, por exemplo. Tudo isto era empolado pelo facto de dependermos dos horários das pessoas que trabalham na paginação. Aconteceu-me, inúmeras vezes, chegar à redação às 14 horas, a minha hora normal de entrada, e começar realmente a trabalhar às 17 horas, porque só nessa altura é que Lisboa disponibilizava as páginas, para nelas podermos escrever.

Assim sendo, divido este relatório em três partes. Na primeira, contextualizo a minha experiência de estágio, explicando o funcionamento da redação deste jornal e a organização do próprio grupo Cofina, ao qual pertence o Record. Dando, é claro, a minha visão dos acontecimentos, projetarei a realidade vivida no jornal. Também abordarei, tendo uma base teórica, o panorama do jornalismo desportivo português, que, como se sabe, é um género jornalístico um pouco descredibilizado por parte dos leitores de jornais e por jornalistas fora desta área, apesar de os jornais desportivos serem dos mais vendidos no nosso país e de os seus *sites* serem os mais visitados.

Na segunda parte do relatório, o foco vai, então, para a questão específica das relações de hierarquia entre as duas redações do jornal e as diversas maneiras como essa hierarquização se reflete no trabalho diário dos jornalistas. Para isso, além do suporte teórico, não só sobre a hierarquia nos órgãos de comunicação, mas também sobre a organização da redação e sobre tomadas de decisão em relação ao que é (ou não) notícia, conto com a opinião de alguns dos profissionais do Record em relação ao tema.

Na terceira e última parte, dou destaque a um caso específico, que ocorreu durante o meu período de estágio e que me é bastante próximo: a cobertura da campanha eleitoral no SC Braga. Farei uma análise de conteúdo, quantitativa e qualitativa, ao que foi escrito nas páginas de Record e de O Jogo, de forma a ter um termo de comparação, detetando potenciais diferenças de abordagem, desde o destaque dado a um ou outro candidato até ao tom positivo ou negativo como se referem aos candidatos. Decidi abordar este caso não só pela proximidade geográfica, já que sou de Braga, mas também porque penso que se interliga com as questões de hierarquia no jornal, opções editoriais e possíveis influências externas, e também pela particularidade de não ter havido eleições no clube durante 25 anos, ou seja, era uma situação nova até para os jornalistas. Mais uma vez, tento complementar a abordagem teórica com uma abordagem prática, através da opinião de jornalistas que cobriram esta campanha eleitoral.

Capítulo I – O estágio

1. Contexto do jornal e do grupo

O jornal Record¹ nasceu da ideia de Manuel Dias, um ardina, de criar um jornal desportivo. Juntamente com José Monteiro Poças, que, na altura, era jornalista de A Bola, e Fernando Ferreira, professor de Educação Física, foi fundado o semanário Record, que teve a sua primeira edição no dia 26 de novembro de 1949. Tem 64 anos de história, portanto. Anos muito conturbados, por sinal.

Antes de se tornar num dos três diários desportivos em Portugal, Record estava à venda aos sábados, entre a data fundação e 3 de fevereiro de 1953. A partir dessa data, passou a ser bissemanário. No dia 18 de abril de 1972, tornou-se trissemanário. Passou a sair quatro vezes por semana em agosto de 1991 e cinco dias por semana a partir do dia 2 de fevereiro de 1995. Foi uma opção pouco duradoura, já que um mês depois, a 1 de março, tornava-se num jornal diário. Entre todas estas mudanças, a publicação esteve para desaparecer mais do que uma vez, sobretudo durante o período revolucionário que se seguiu ao 25 de abril de 1974. Record revolucionou também, de certa forma, o jornalismo português, pois foi a primeira publicação a ter um provedor do leitor: David Borges, em 1992.

Entre janeiro e junho de 2014, o jornal teve uma média de vendas de 47.083 exemplares e uma tiragem média de 79.329 exemplares, segundo dados da Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT)². Entre os meses de março e maio de 2014, de acordo com os dados do Bareme Imprensa da Markttest³, Record teve 9,1% de audiência, contra 9,5% de A Bola e 6,4% de O Jogo, sendo o quarto jornal mais lido em Portugal, a seguir ao Correio da Manhã, Jornal de Notícias e A Bola.

Record tem também forte presença na *internet*. O *site* do jornal, lançado a 20 de abril de 1999, foi o terceiro mais visitado (131 milhões de visitas) e também terceiro em termos de *pageviews* (829 milhões) no total do primeiro semestre de 2014, segundo dados do *ranking* Netscope da Markttest⁴. Nas redes sociais, Record tem sucesso: a página de *Facebook*⁵ tem mais de 330 mil ‘gostos’ e a do *Twitter*⁶ tem pouco mais de 160 mil seguidores. O jornal tem forte

¹ www.record.xl.pt/info/historia [acedido em 28 de agosto de 2014]

² www.apct.pt/Analise_simples.php [acedido em 28 de agosto de 2014]

³ www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/lazer/tv-media/correio-da-manha-reforca-lideranca101029793 [acedido em 28 de agosto de 2014]

⁴ www.markttest.com/wap/a/n/id~1da2.aspx [acedido em 28 de agosto de 2014]

⁵ www.facebook.com/jornalrecord [acedido em 28 de agosto de 2014]

⁶ twitter.com/Record_Portugal [acedido em 28 de agosto de 2014]

presença nas aplicações móveis para *tablets* e *smartphones*, sendo uma aposta cada vez maior deste órgão de comunicação, dirigido, desde 3 de setembro de 2014, por António Magalhães, sendo que, no meu período de estágio, o diretor era João Querido Manha. Por tudo isto, o Record foi considerado, entre 2006 e 2013, a Melhor Publicação Desportiva nos Prémios Meios&Publicidade.

É de referir ainda que Record pertence, desde 1999, à Cofina Media⁷, à qual pertencem cinco jornais, sete revistas e um canal de televisão por cabo. Entre estes, destacam-se o Correio da Manhã, o Jornal de Negócios, a Sábado e a TV Guia.

2. O jornalismo desportivo

O jornalismo desportivo em Portugal é, por vezes, visto como um mundo à parte, um mau exemplo do que deve ser a seriedade e a objetividade de um jornal. É uma espécie de “jornalismo menor” (Lopes & Pereira, 2006), em que a linguagem mais ligeira reina nos títulos e nos textos, publicações que estão identificadas, de forma mais ou menos clara, com determinado clube. Mas essa má imagem não é de agora e não é exclusiva do nosso país.

De facto, os jornalistas dedicados ao desporto sofreram, durante muito tempo, o estigma do “departamento dos brinquedos” (Rowe, 2007 *apud* Tulha, 2012: 18)⁸, fazendo um jornalismo descredibilizado, como se se tratasse de uma brincadeira de miúdos. Não eram levados a sério. Tanto que um dos mais conceituados jornalistas desportivos do nosso país, Vítor Santos, contava que durante alguns anos, nos seus documentos, à frente do item da profissão, aparecia um traço vermelho. Outro exemplo é o facto de alguns futebolistas terem passado, no fim das suas carreiras, para o mundo do jornalismo - José Manuel Delgado, atual sub-diretor de A Bola, foi um deles. Ou seja, a leitura era, e ainda é, de que qualquer um podia fazer jornalismo desportivo. Daqui resulta a ideia de que “os repórteres da área desportiva são, de longe, mais lidos do que admirados” (Rowe, 2005 *apud* Tulha, 2012: 18).

Apesar de o público não estar a par disso, como salienta Raymond Boyle, este é um tipo de jornalismo um pouco ‘preguiçoso’, já que “começa a tornar-se comum que os jornalistas (...) não estejam no local onde estão a decorrer os eventos desportivos, a ver o desenrolar dos acontecimentos ao vivo, mas sim a assistir àquilo que é possível ver na televisão (...) e, na maior parte das vezes, a basear os seus artigos nisso” (Boyle, 2006, *apud* Tulha, 2012: 26). Nem

⁷ www.cofina.pt [acedido em 28 de agosto de 2014]

⁸ Tradução livre do original em inglês: “toy department”

todos têm poder para fazer isso, mas foi algo que vi acontecer diversas vezes durante o estágio e que também serviu um pouco para levantar questões sobre a hierarquia dentro do jornal.

Outro dos defeitos apontados a esta área é a linguagem utilizada, o excessivo uso de metáforas e trocadilhos, sobretudo invocando a ideia de guerra, de confronto entre fações distintas num campo de batalha. Isto leva a que os jornais desportivos transmitam uma ideia de parcialidade e subjetividade nas suas páginas, conduzindo ao sensacionalismo. Como explica o jornalista Carlos Daniel, “[o] discurso noticioso sobre o futebol debate-se ainda com a exigência da valoração permanente. Não basta dizer que um remate aconteceu ao minuto 27 e foi da autoria de fulano. O público quer saber se foi bem ou mal executado, legal ou ilegal. Esta é claramente a área do jornalismo onde é mais difícil distinguir a informação da opinião, a análise do comentário, o explicativo do valorativo” (Lopes & Pereira, 2006: 42). Além disso, o próprio leitor, em certas situações, como numa grande competição de seleções ou num jogo de uma equipa portuguesa numa competição europeia, quase exige que o jornalista tome partido pela formação que representa Portugal. As questões da objetividade e da imparcialidade são, portanto, um pau de dois bicos. Até porque nada é tão discutido como o futebol, nada desperta tantas paixões e ódios como o futebol. Mesmo tentando ser imparciais e objetivos, os jornalistas e os jornais ficam conotados com determinados clubes. Por isso, Luís Sobral e Pedro Magalhães, citados por Ana Tulha dizem que “a verdade, no futebol, é demasiadas vezes moldável e multicolor” (Tulha, 2012: 30).

No entanto, o sensacionalismo de que o jornalismo desportivo é acusado acaba por ser, em parte, verdadeiro. É o que dá a entender Tom Humphries: “Queremos vencedores, mesmo que os derrotados tenham melhores histórias para contar. Queremos controvérsia em vez de sabedoria” (Humphries, 2003, *apud* Tulha, 2012: 24). Também José Manuel Ribeiro, atual diretor do jornal O Jogo, admite que “o que vende mais é a polémica, a discussão, a tragédia e o escândalo” (Macedo, 2008: 57), reforçando que “há no futebol um mundo de suposições e tudo o que se passa nos bastidores do futebol é o que interessa às pessoas e que tem alimentado o futebol” (Macedo, 2008: 57). A juntar a isto, segundo relatório da OberCom de maio de 2013, “as empresas de comunicação em Portugal operam num contexto de significativa rivalidade” (OberCom, 2013: 43), algo que se adequa totalmente à realidade do jornalismo sobre desporto no nosso país – por exemplo, uma das minhas atividades diárias, logo que chegava à redação, era ler a concorrência, isto é, A Bola e O Jogo, além de ler o Record, claro.

Esta questão da concorrência leva a uma pergunta óbvia: faz sentido a existência de três jornais desportivos diários em Portugal? À partida, nem por isso. Segundo Rogério Santos, a concorrência tende a favorecer a uniformidade da oferta (Santos, 1997, *apud* Tulha, 2012: 11). Para Bordieu, o facto de os jornalistas não passarem sem ler o que as publicações da mesma área escrevem sobre um assunto favorece essa uniformidade, deixando de lado um dos principais valores-notícia: a novidade (Bordieu, 1994, *apud* Tulha, 2012: 11). Ramonet defende até que, hoje em dia, um facto é verdadeiro simplesmente porque outros meios de comunicação repetem as mesmas informações e as ‘confirmam’ (Ramonet, 1998, *apud* Tulha, 2012: 11). Isto é verdade, no que toca ao jornalismo desportivo, principalmente na altura em que o mercado de transferências está aberto e todos os dias são lançados nomes de jogadores que podem vir para determinadas equipas, sendo que, na maioria das vezes, esses atletas acabam por não vir – mais um tópico que acaba por descredibilizar os jornais desportivos e contribui para que sejam definidos como sensacionalistas. A realidade é que, muitas vezes, as informações são fidedignas e verdadeiras, mas os negócios não acontecem, por razões que estão muito para além do controlo do jornalista. Os três jornais desportivos portugueses, dando, é certo, muitas notícias repetidas entre eles, tentam fazê-lo pegando por ângulos diferentes, daí que não seja descabido que todos existam num mercado jornalístico tão exíguo como o português. Além disso, e apesar de os jornalistas de órgãos de comunicação concorrentes conversarem entre si, há várias notícias exclusivas, que fazem com que um jornal venda muitos exemplares (mais uma vez, a *silly season* das transferências é quando estes exclusivos se concentram), como acontece, igualmente, com outras publicações.

Ao longo destes parágrafos a descrever o panorama do jornalismo desportivo praticamente só se falou de futebol. E a realidade, pelo menos em Portugal, é essa: jornalismo desportivo é, sobretudo, futebol. O jornalista Carlos Daniel dá uma explicação baseada em argumentos sociológicos e históricos: “Passa, desde logo, por atentar ao predomínio do futebol nas formas de sociabilidade quotidiana, já que domina as conversas, particularmente entre os homens, mais do que qualquer outro tema. Destaca-se igualmente o carácter transclassista, e nesse sentido profundamente democrático, que assume enquanto tópico que cruza opiniões de gente com a mais diversa origem social. Acrescente-se ainda o facto de ser elo de ligação entre povos distantes e que partilham identidades” (Lopes & Pereira, 2006: 38-39). A discussão vem de há muitos anos e as opiniões dos profissionais, desde jornalistas até diretores de órgãos de comunicação, não divergem muito: sem dúvida que se podia dar mais destaque às modalidades

e, dentro do futebol, a clubes de menor expressão...mas isso não vende jornais e não dá audiências na televisão. Dá-se ao público o que o público demonstra que quer.

Apesar de serem muito criticados, os jornais desportivos são dos mais vendidos em Portugal e os seus *sites* são os mais visitados, pelo que, mesmo com a crise económica, estão de boa saúde. K.C. Thakur, citado por Ana Tulha, defende que “à medida que o desporto cresceu em riqueza, poder e influência” (Thakur, 2010, *apud* Tulha, 2012: 18), as publicações ligadas a esta temática passaram a ser mais importantes. Como lembrou o ex-jornalista Pedro Sousa, por ocasião das XVII Jornadas de Comunicação, na Universidade do Minho, vários antigos e atuais ocupantes de cargos de direção nos grandes órgãos de comunicação portugueses passaram pelo jornalismo desportivo, assim como algumas figuras da televisão portuguesa. Além disto, e num contexto mais alargado, muitas expressões originárias do desporto foram e continuam a ser constantemente adotadas e adaptadas por outras publicações. Assim, roubando as palavras de Pedro Sousa, é justo afirmar que “o jornalismo desportivo é uma grande escola”.

Apesar de eu já ter alguma prática no campo do jornalismo sobre desporto, fruto dos anos em que colaborei com o jornal universitário ComUM, a minha primeira prova de fogo foi o estágio de três meses na redação nortenha do jornal Record.

3. O estágio

3.1 - O início

A minha experiência no Record começou no dia 16 de setembro de 2013. Sentia-me perdido e ansioso, porque não sabia bem o que iria fazer. A ansiedade aumentou porque cheguei à redação às 14h00, como me tinham pedido e como iria acontecer quase todos os dias, mas o editor-chefe do Porto, Jorge Barbosa, só chegou perto das 15h30. Ordenou que eu fizesse a ‘revista da 2.^a Liga’, com o jornalista André Gonçalves – que acabaria por ser o meu parceiro quase diário nesta tarefa, ao longo dos três meses seguintes. Sentei-me em frente a um computador e comecei a procurar informação sobre os vários clubes daquela divisão. Havia pouca coisa nos *sites* oficiais, até porque era segunda-feira e a maioria das equipas tinha jogado no dia anterior, portanto não havia muito para dizer. Entretanto, foram chegando, por telefone e por *mail*, informações dadas pelos correspondentes de alguns dos clubes, que eram passadas para mim e que eu reescrevia num documento *Word*. Ao final da tarde, perguntei a um dos colegas (Paulo Paulos, que já era meu conhecido) o que fazia com as breves que tinha escrito ao

longo do dia. Fiquei a saber que aquilo fazia parte do meu período experimental, que a página da 2.ª Liga, afinal, já estava feita e que tinha de imprimir o que escrevi e entregar ao editor-chefe. Assim fiz. Ainda antes de vir embora, por volta das 21h30, fiquei a saber que, no dia seguinte, teria de estar no Porto às 11h00, porque ia entrevistar, juntamente com o jornalista José Miguel Machado (que também já conhecia), o *kitesurfista* Francisco Lufinha, que partia nesse dia à procura de bater um *record* mundial, tentando percorrer a costa oeste portuguesa, entre a foz do Douro e Lagos, sem paragens.

Confesso que o meu primeiro dia de trabalho me desmotivou muito. Não que estivesse à espera de fazer logo artigos dos principais clubes, mas contava que, pelo menos, alguma coisa fosse publicada, até porque ninguém me deu indicação alguma sobre para que serviria o meu trabalho durante o dia. Também não senti grande apoio e atenção por parte da maioria dos meus colegas, algo compreensível, já que cada um tem de fazer o seu trabalho. O horário foi outra questão preocupante, porque não havia turnos: eu tinha uma hora para entrar, mas não tinha hora para sair e não havia possibilidade de conversa acerca disso com o editor-chefe, mas consegui explicar, a muito custo, que tinha de viajar entre Braga e Porto todos os dias.

No dia seguinte, senti-me já um verdadeiro jornalista. Além de estarmos rodeados de profissionais da televisão e de outros jornais, eu e o José Miguel Machado tivemos a oportunidade de conversar com o Francisco Lufinha, enquanto ele aquecia. Chegado à redação, estruturei uma notícia com as declarações do *kitesurfista* e, durante o resto do dia, fiz as tais breves no *Word* – o que no jornal se chama de ‘revista da 2.ª Liga’, como referi anteriormente – e artigos mais desenvolvidos. Entreguei o papel ao editor-chefe e recebi críticas positivas sobre o que tinha feito no meu primeiro dia de trabalho.

A rotina foi sempre a mesma até sábado. No domingo, fiz o meu primeiro artigo publicado: a antevisão ao SC Braga B – Benfica B⁹ do dia seguinte. Como a parte dos clubes sediados geograficamente abaixo de Viseu era feita na redação de Lisboa, apenas tive de colocar o onze provável e escrever um pequeno texto, no rodapé, a duas colunas, com as declarações do treinador da equipa bracarense, José Alberto Costa. Tive algumas dificuldades em funcionar com o programa de edição (*Millenium Editor*) e, em termos de escrita, joguei um pouco pelo seguro. Segui o conselho que me deram: adequar o meu estilo de escrever ao estilo retratado nas páginas do jornal. É um procedimento que não vem de hoje, pois já Warren Breed o preconizava: “O jornalista lê o seu próprio jornal todos os dias; alguns jornais requerem isso. É simples

⁹ Ver anexo 1

diagnosticar as características do jornal. A não ser que o jornalista seja ingénuo ou tenha uma independência pouco usual, ele tem tendência a formatar as suas histórias como outras que vê no jornal.” (Breed, 1955: 328)¹⁰.

Fiquei bastante contente nessa noite. Aliando esta ‘conquista’ às críticas positivas que tinha recebido durante a semana, começava a acreditar que estava no caminho certo. E já estava calejado, pois só ao fim de uma semana e meia é que tive as primeiras folgas, sem que as tivesse pedido, pois, mais uma vez, este não era um possível assunto de conversa com o editor-chefe. O que importa é que resisti e, pode dizer-se, fui feliz.

3.2 - Trabalho de segunda divisão

A maior parte dos artigos produzidos por mim entrou nas páginas da 2.^a Liga. Além da coluna lateral com as breves – a ‘revista’, de que já falei -, que constituíam grande parte do meu trabalho diário, escrevi também algumas peças de rodapé e aberturas de página (estas em menor número). Aqui entravam já os primeiros vestígios da hierarquização dentro da redação do Record no Porto e entre esta e a ‘casa mãe’, em Lisboa, que é o tema principal deste relatório.

Importa, antes de mais, referir como estava organizada a redação onde trabalhei. Contando comigo, éramos 12 jornalistas, além do editor-chefe, sendo que um deles, Vítor Pinto, editava praticamente todos os artigos, incluindo os meus, e lidava mais de perto comigo e com os restantes colegas. Quatro jornalistas faziam quase exclusivamente artigos sobre o FC Porto (Vítor Pinto, Nuno Barbosa, Rui Sousa e André Monteiro), embora não trabalhassem todos em simultâneo, dado o sistema de folgas. Outros quatro praticamente só escreviam artigos das equipas da Liga - Ricardo Vasconcelos, Pedro Malacó, António Mendes e Eugénio Queirós. Os restantes (eu, André Gonçalves, Paulo Paulos e José Miguel Machado) derivavam entre a Liga, a 2.^a Liga e as modalidades. Havia ainda os correspondentes de todos os clubes da primeira divisão, exceto do FC Porto, e de todos os clubes da segunda divisão, exceto do Leixões, sendo que neste último caso havia correspondentes que cobriam mais do que uma equipa.

A questão da hierarquização começava no facto de serem os correspondentes a dar as informações, por telefone ou *mail*, mas serem os jornalistas na redação a estruturar o texto e a pô-lo no jornal, sendo o artigo assinado só pelo correspondente. Noutras raras ocasiões, apareciam os nomes do correspondente e do jornalista. Não questiono esse protagonismo dado

¹⁰ Tradução livre do original em inglês: “The staffer reads his own paper every day; some papers require this. It is simple to diagnose the paper’s characteristics. Unless the staffer is naïve or unusually independent, he tends to fashion his own stories after others he sees in the paper”

aos correspondentes, pois muitas vezes era merecido. Conseguir a informação e transmiti-la corretamente para a redação era o mais complicado em algumas situações. Noutras, o mais difícil era mesmo construir a notícia à volta de informação que ‘não tinha ponta por onde se pegar’. Aí achava incorreto só aparecer o nome do correspondente. Assim, assinei sozinho apenas uma abertura de página da 2.ª Liga, quando fiz a antevisão do Braga B – Porto B¹¹.

Portanto, apesar de ter escrito artigos todos os dias, com a exceção daquela primeira semana, nem todos foram assinados por mim. Assim sendo, as minhas tarefas diárias passavam muito pelo contacto com os correspondentes. Tinha mais de uma dezena de colegas na redação e quase outros tantos espalhados pelo norte e centro do país. Relembro que nós fazíamos os artigos das equipas até ao distrito de Viseu, incluindo o Académico local e o Tondela. Quando cheguei ao Record, pensava que sabia muito de futebol nacional, mas os meus conhecimentos ficaram muito enriquecidos no que toca aos clubes da 2.ª Liga. Mesmo após o fim do estágio, passei a acompanhar mais este campeonato.

Além das peças de rodapé, das breves e das aberturas de página, que já referi, parte importante do meu trabalho passava pelas antevisões dos jogos, não só da 2.ª Liga, mas também de partidas da Taça de Portugal e da Taça da Liga em que entrassem clubes daquela divisão. O objetivo era quase sempre fazer uma pequena peça, normalmente com declarações dos treinadores ou salientando dados estatísticos relevantes para o confronto que se avizinhava, e colocar as equipas prováveis no grafismo. Estas constituições das equipas, assim como as listas de jogadores convocados, eram-nos enviadas pelos correspondentes ou, mais raramente, pesquisadas por nós nos *sites* dos clubes. Ligadas a estes grafismos – ou às ‘últimas’, como lhes chamavam no Record – estavam questões de hierarquia entre Porto e Lisboa, que abordarei detalhadamente no próximo capítulo.

Voltando às notícias, é verdade que a maioria era sobre jogadores em destaque, treinadores despedidos ou contratados ou dirigentes insatisfeitos com arbitragens, mas também tive de escrever sobre assuntos extra-futebol. Por exemplo, fiz alguns artigos sobre um processo que decorria em tribunal e que tinha em vista a insolvência da Sociedade Anónima Desportiva (SAD) do Beira-Mar. Isto é, não tive que pôr em prática apenas conhecimentos de futebol ou linguagem futebolística, mas também que falar de questões jurídicas e financeiras, de modo perceptível e conciso, já que foram peças de rodapé.

¹¹ Ver anexo 5

Convém ainda referir o único jogo de futebol que cobri ao vivo: SC Braga B – Atlético¹², no dia 23 de outubro, em que, curiosa e supostamente, estava de folga. Fiquei bastante entusiasmado, até porque era um jogo na minha cidade, num estádio que conhecia bem, apesar de nunca ter estado na bancada de imprensa. Tive de dar informações do resultado para a redação de Lisboa, onde publicavam o resultado em direto, deste e de outros jogos que decorriam, no site do jornal. Escrevi e enviei por *mail* a crónica do jogo (pequena, com 600 caracteres), além de outros dados, como as constituições das equipas, substituições ocorridas e cartões amarelos e vermelhos. Tive ainda que avaliar a prestação dos jogadores, dando notas de zero a cinco.

No entanto, quando o assunto é 2.ª Liga, o momento mais marcante na minha estadia no Record foi a noite em que houve troca de treinador em Tondela.

3.3 – O despedimento de Vítor Paneira

O dia 7 de novembro de 2013, quinta-feira e véspera de folga para mim, decorria normalmente. Fiz a ‘revista da 2.ª Liga’ e duas peças de rodapé. O editor-chefe estava na Rússia, porque tinha ido acompanhar o Zenit – FC Porto, enquanto o ‘sub-chefe’, Vítor Pinto, estava de folga. Nestas situações, era o jornalista Eugénio Queirós quem ficava a chefiar a redação. Havia um jogo de andebol nessa noite e quem ia cobri-lo era o Paulo Paulos, que tinha feito a página da 2.ª Liga comigo.

Perto das 20 horas, o correspondente José Luís Araújo ligou para a redação, dizendo que corria o boato de que o treinador do Tondela, Vítor Paneira, tinha sido despedido. Ou seja, eu estava sozinho, teria de confirmar a informação e, caso fosse verdadeira, mudar a peça de abertura da página da 2.ª Liga e as peças de rodapé. Tentei ligar várias vezes para o presidente do Tondela, que não me atendeu (nem tinha atendido o correspondente). Já com Vítor Paneira foi possível falar e, antes que eu sequer formulasse a pergunta, ele confirmou que tinha sido despedido. Durante três meses de estágio, foi o único protagonista futebolístico com quem falei diretamente. Foi bastante simpático e acessível, apesar da situação inexplicável por que estava a passar, já que não havia razão aparente para ser despedido. Ouvi as explicações do treinador, mas ficou a faltar o contraditório. Tive, então, que reformular toda a página¹³ sozinho e tenho a impressão de que o fiz em tempo *record*, ironicamente. Tentei ser o mais fiel possível ao que

¹² Ver anexo 2

¹³ Ver anexo 3

Vítor Paneira me disse ao telefone, já que tive de anotar as declarações, tentei explicar o contexto (o Tondela estava perto dos lugares de subida de divisão, objetivo assumido várias vezes ao longo da época) e referi, como mandam as regras, que tentei contactar o presidente e que, até ao fecho da edição, não obtive resposta.

Foi a primeira vez que senti de forma intensa a pressão a que um jornalista está sujeito, com muita coisa a acontecer e para fazer ao mesmo tempo, embora não estivesse muito apertado em termos de *deadline*. Foi uma experiência nova, estimulante e positiva, pois acho que me saí bem, fiz tudo o que estava ao meu alcance e a informação ficou corretamente dada no jornal. Apesar de estar sozinho a fazer aquela página, é de salientar que os colegas na redação ajudaram-me naquilo que lhes pedi.

3.4 – Fora da redação

O meu primeiro trabalho de campo coincidiu com o primeiro artigo que não era referente à 2.ª Liga. No final da segunda semana de estágio, fui cobrir as assembleias gerais do SC Braga. Ou seja, não era bem futebol, mas era uma ocasião importante, porque, mais do que serem reveladas as contas do ano anterior e o orçamento para o ano seguinte, podia ser que António Salvador, presidente do clube, anunciasse a recandidatura ao cargo. Não aconteceu. Mesmo assim, passei, por telemóvel, outras informações relevantes ao jornalista que estava na redação e que iria escrever o artigo, que neste caso era o António Mendes.

Três dias depois, mais uma vez em Braga. Fui à reabertura da escola de guarda-redes do clube. O intuito era tentar falar com o guarda-redes Eduardo, acerca da prestação no jogo com o Sporting (dizia-se que tinha sido mal batido no golo que ditou a derrota dos bracarenses), só que não foi ele a falar aos jornalistas, mas sim o treinador de guarda-redes do SC Braga, Jorge Vital, que enalteceu as qualidades de Eduardo e desvalorizou as críticas. Também me pediram que tentasse averiguar quem estava lesionado e indisponível para o jogo seguinte, informação que consegui obter. Mais uma vez, foi por telemóvel que trabalhei, juntamente com o António Mendes. Foram dois casos particulares e que marcaram o meu início no Record. Tinha a vantagem de viver em Braga para, quando fosse preciso, me mandarem cobrir alguns acontecimentos. Foi o que voltou a acontecer a 24 de outubro, dia em que estava de folga e fui acompanhar uma pequena manifestação de apoio à recandidatura de António Salvador. Falei com dois dos apoiantes, que já conhecia, e enviei, por *mail*, as (poucas) informações que havia para dar. Foi notícia no *online* e apareceu numa pequena caixa no jornal.

O mais marcante exercício de reportagem fora da redação foi no dia 30 de outubro, quando, juntamente com o Ricardo Vasconcelos, fui ao Centro Escolar de Moure, onde iriam estar jogadores do SC Braga. No dia anterior, o editor-chefe tinha-me dito que eu teria de agir como se estivesse lá sozinho: recolher as declarações por mim próprio e, chegado, à redação, escrever as notícias como se fossem para sair no jornal, mas em documento *Word*. O jogador que falou à comunicação social foi o capitão de equipa, Alan, que abordou a má fase que a formação bracarense estava a passar, antevendo a receção ao Rio Ave. Nesse dia, o SC Braga ocupou a página inteira, ou seja, tive de fazer uma peça de abertura, outra de rodapé e três peças mais pequenas para as colunas laterais. Tive que me guiar pelos assuntos que o Ricardo Vasconcelos iria colocar no jornal, embora os tenha abordado de forma diferente.

3.5 – Incursões na divisão principal

Nos três meses que passei na redação do Record não fiz muitos artigos sobre clubes da Liga, pelo menos comparando com o número de artigos sobre a 2.^a Liga. Um dos mais marcantes nem foi escrito por mim, mas teve a minha assinatura em conjunto com a do jornalista que o escreveu (tal como todos os que referi no ponto anterior). Foi no dia 4 de dezembro, em que transmiti a informação exclusiva de que o avançado do Penafiel, Rafael Lopes, ia reforçar o SC Braga em janeiro. Apesar de a fonte ser fidedigna e de ter a certeza daquilo que foi noticiado, também eu fui apanhado na velha máxima do antigo presidente do Vitória SC, Pimenta Machado, “no futebol, o que hoje é verdade, amanhã é mentira”: o jogador acabou por não se transferir para os bracarenses, mas para a Académica.

Marcante também foi o dia 7 de dezembro, aquele em que saí mais tarde da redação, já passava da meia-noite. Fiquei a fazer o apoio à reportagem do FC Porto – SC Braga, o que significava captar as declarações de jogadores e treinadores, transmitidas, no final do jogo, pela Sporttv e pelo Porto Canal, e construir notícias de rodapé nas páginas do jornal dedicadas a essa partida. Foi a única vez que fiz isto, mas ao longo do estágio familiarizei-me com o processo, pelo que não foi complicado executar a tarefa. Senti, isso sim, o quão difícil é trabalhar quando os jogos de futebol decorrem de noite, porque as páginas são feitas a alta velocidade, já que o tempo é apertado. Afinal, ser jornalista desportivo não é para todos e tem as suas complicações.

Escrevi também alguns artigos sobre o Gil Vicente, mas apenas um deles foi assinado por mim, juntamente com o correspondente Miguel Sá Pereira. De resto, as minhas excursões nos artigos da Liga passaram muito por informações ou opiniões que me pediam ou por algo que eu

descobria e sugeria que fosse notícia. Aconteceu isso, por exemplo, no dia 28 de outubro, quando encontrei uma petição a favor da continuidade do treinador do SC Braga, Jesualdo Ferreira, isto porque já circulava uma em que alguns adeptos pediam que fosse demitido. Alertei o Vítor Pinto, que fez disso notícia e colocou também o meu nome na assinatura da peça. Noutra ocasião, já nos últimos dias de estágio, soube que Éder, jogador dos bracarenses, estava lesionado, ia ser operado e desfaltar a equipa durante um mês e meio. Isto sucedeu na véspera do SC Braga – Vitória de Setúbal (ou Vitória FC, para ser mais correto). Fui eu a escrever e a assinar essa peça de rodapé, na página do jornal referente à antevisão do jogo¹⁴.

Uma última nota para a minha tarefa das quintas-feiras: fazer o Boletim Clínico. Isto implicava que eu enviasse para a redação de Lisboa, por *mail*, a lista de jogadores lesionados de cada uma das equipas da nossa ‘área de jurisdição’ – no caso da Liga, era até Arouca. Tinha de pesquisar os boletins clínicos nos *sites* dos clubes, embora nem todos os divulgassem, e procurar, nas últimas edições do jornal, notícias sobre lesionados. Assim se compunha a lista todas as semanas.

3.6 – As modalidades

Durante o estágio, apenas fiz dois artigos sobre outras modalidades que não o futebol. O primeiro foi no dia 24 de novembro, um domingo, e acabaria por ser uma odisseia. Tinham-me agendado a cobertura do Maia Basket – Benfica, jogo a contar para a Liga Portuguesa de basquetebol. A primeira dificuldade foi logo essa: ser um jogo de basquetebol, uma modalidade que não costumo acompanhar, embora tenha conhecimentos básicos sobre a mesma. A dificuldade seguinte aconteceu na viagem, porque não conseguia encontrar o pavilhão onde se ia realizar o jogo. Já na Maia, recebi um telefonema de Lisboa – é lá que são coordenadas as modalidades no jornal – a dizer que já não era para ir àquele jogo, mas sim à partida entre Desportivo de Leça e Académica, da Taça de Portugal. A Académica não tinha comparecido, no dia anterior, ao jogo com a Oliveirense, para o campeonato, e suspeitava-se que pudesse não aparecer também na partida da Taça. Em causa estavam dificuldades financeiras e promessas não cumpridas pela direção do clube de Coimbra. O que é facto é que a Académica compareceu mesmo no encontro da Taça de Portugal. O que me tinha sido pedido era que falasse com algum jogador, treinador ou dirigente, para tentar encontrar explicações para a falta de

¹⁴ Ver anexo 6

comparência no dia anterior e fazer um ponto da situação. Tentei conversar com alguém, logo que a comitiva chegou de Coimbra, mas disseram que iriam reagir através de comunicado, no dia seguinte. Telefonei para Lisboa, para transmitir esta informação, mas pediram que ficasse até ao fim do jogo e insistisse. Assim fiz, esperei até ao final do encontro, embora o resultado não fosse o mais importante para a notícia. Consegui conversar com o atleta Rui Mota e com o diretor da secção de basquetebol da Académica, João Bigotte de Almeida. O passo seguinte foi enviar para Lisboa, por telefone, as informações recolhidas – mais uma vez, mesmo não tendo escrito o artigo, apareceu também assinado por mim. Este episódio fez-me crescer, por todas as *volte-faces* que tive de enfrentar ao longo do dia. A parte má foi ter assistido a um momento histórico no basquetebol da Académica, porque dias depois foi anunciado que a equipa desistia da Liga. Ou seja, assisti ao último jogo da formação de Coimbra na época 2013/2014.

O outro artigo que fiz para a secção Modalidades foi o FC Porto – Kolding, da Liga dos Campeões de andebol¹⁵. Fiquei bastante entusiasmado, porque, a seguir ao futebol, esta é a minha modalidade favorita e a que acompanho mais frequentemente. Também teria de anotar certos dados estatísticos, como golos e exclusões, mas estava bastante familiarizado com isso e nada receoso, ao contrário do que aconteceu na preparação para o jogo de basquetebol. Desta feita, fui eu a preencher a ficha de jogo e a escrever o artigo no jornal. No entanto, ao ser editado em Lisboa, ficou com algumas imprecisões e falhas gráficas, que me foram alheias.

¹⁵ Ver anexo 4

Capítulo II – Relações de hierarquia dentro de um jornal

1. A realidade percebida no estágio

O fator que mais influenciou o meu trabalho durante o período de estágio no Record foi a excessiva dependência que tínhamos em relação à redação de Lisboa, que resultava de uma certa subordinação à hierarquia estabelecida. Mesmo na redação no Porto havia questões de hierarquia que afetavam o que era feito, como era o caso do protagonismo dado aos correspondentes, que já referi no capítulo anterior.

A influência da ‘casa-mãe’ começava na definição de como ficavam distribuídas as páginas. Praticamente todos os dias era preciso que o Vítor Pinto ligasse para Lisboa, negociando essa distribuição para as páginas do FC Porto (normalmente ficava com quatro páginas), dos clubes da Liga (duas ou três páginas) e, na parte que mais me afetava, da 2.^a Liga, que normalmente ocupava uma página e que podia ser nacional ou ter uma versão para o norte e outra para o sul. Depois de sabermos qual o espaço que tínhamos para escrever, ficávamos à espera que as páginas fossem feitas – não digo desenhadas, porque os modelos estavam definidos e raramente eram alterados. Por isso, só começávamos mesmo a trabalhar por volta das 17 horas. No meu caso, enquanto esperava, ia procurando informações dos clubes da 2.^a Liga ou agrupava, num documento *Word*, as que já nos tinham mandado por *mail*.

No que diz respeito à 2.^a Liga havia outra negociação para fazer: que equipa tinha direito a abrir a página, quer fosse nacional, quer fosse na versão norte/versão sul. Havia dias em que isso já ficava definido de véspera - mesmo assim, acontecia mudar-se à última hora -, outros em que era decidido no momento, consoante o que era dito por Lisboa. Também a distribuição das peças de rodapé estava sujeita a negociação. No caso da edição norte, optávamos pelas notícias do dia que tinham mais interesse ou por aquelas que, apesar de nos ser mandada pouca informação por parte dos correspondentes, davam para ‘espremer’ mais um pouco.

O agendamento para o dia seguinte também vinha de Lisboa. Apesar de ser feito pelo Vítor Pinto, o agendamento seguia para a redação lisboeta e de lá alguém nos ligava, para dizer aquilo que, algumas vezes, já sabíamos que tínhamos para fazer. Nunca percebi bem este procedimento, mas a explicação que me deram era que tinha sido decisão do editor-chefe da redação do Porto. A propósito disto, convém contar um episódio que vivi. No dia em que fui fazer o trabalho sobre a escola de guarda-redes do SC Braga, numa segunda-feira, viajei para o Porto, como se de um dia normal se tratasse, já que me disseram do agendamento que eu faria a

página do clube bracarense, juntamente com o António Mendes. No entanto, não me disseram que era para ficar em Braga, porque a minha tarefa era lá, ao fim da tarde. Cheguei à redação e, por acaso, o editor-chefe estava à entrada e disse-me que não era para estar ali, que ele especificou isso no agendamento. Voltei para Braga e fiz o que tinha para fazer. Este foi só um exemplo de um desentendimento em termos de agenda, um dos vários que vi acontecer, não só comigo, mas também com outros colegas. Quando havia serviços especiais – cobertura de um jogo, por exemplo -, éramos avisados com antecedência por Lisboa, através de chamada telefónica e/ou *mail*.

Porém, a situação que mais me afetava e que menos sentido fazia, na minha opinião, tinha a ver com as antevisões e com as fichas de jogo. Os dias em que tinha de fazer as antevisões dos jogos eram os mais estimulantes, porque, na maioria das vezes, começava a trabalhar mais cedo, isto é, o horário de entrada ao serviço era o mesmo de sempre, mas as páginas ficavam feitas mais cedo do que o que era costume. No texto que acompanhava o grafismo com as equipas prováveis não havia grandes problemas. A dificuldade começava precisamente quando era preciso alterar alguma coisa nesse grafismo – e era sempre preciso alterar, diga-se. Assim sendo, no final do dia, quando as ‘últimas’ estavam preenchidas, tínhamos de ligar para a paginação e pedir para alterar algumas táticas. Numa ocasião, já no fim do estágio, curiosamente, nem foi preciso ligar, porque alguém em Lisboa, já conhecedor do que era costume pedirmos, alterou o que era preciso. Enfim, a questão aqui é que não tínhamos qualquer autonomia para alterar este ou outro tipo de grafismo. Estávamos sempre sujeitos à disponibilidade do pessoal da paginação na redação da capital.

Se os dias em que fazia as antevisões eram animados, os dias em que havia jogos na 2.^a Liga eram os mais aborrecidos. Isto porque, mais uma vez, a hegemonia pertencia a Lisboa. Todas as fichas de jogo e respetivas crónicas iam diretamente para lá, mesmo que se tratasse de um confronto entre duas equipas nortenhas. O resultado era que não tinha nada para fazer, sobretudo aos domingos, porque também não era destacado para ir cobrir jogos ao vivo – a única ocasião em que isso aconteceu foi numa quarta-feira. Era algo que me incomodava bastante e uma situação que fugia à minha compreensão, pois não fazia sentido que não ficássemos incumbidos de cuidar das fichas dos jogos realizados na nossa ‘área de jurisdição’, além da desmotivação pessoal que me causava o facto de passar o dia sem fazer nada de útil.

Outra das circunstâncias em que se verificava - e ainda verifica – a hegemonia hierárquica de Lisboa é nas análises prévias e nas crónicas de jogos da Liga e das competições europeias.

Muitas vezes, quando havia partidas dos ‘grandes’ (ou do Estoril, que ganhou protagonismo ultimamente) no norte do país, o artigo de antevisão e, no dia seguinte, a crónica do encontro eram feitos por um jornalista da redação lisboeta. Isto comportava alguns riscos, como o de algum desconhecimento de quem escrevia em relação ao clube que não costumava acompanhar, dando origem a análises que não eram muito verdadeiras nem fidedignas, já para não falar que ver uma partida de futebol na televisão e escrever sobre ela com base nisso, apesar de ter algumas vantagens, acabava por fugir um pouco à essência do jornalismo desportivo e do jornalista que tem uma visão do jogo ao vivo, no estádio. Além das crónicas, houve também casos de jornalistas que vieram diretamente de Lisboa para fazer entrevistas a jogadores (o caso de Quim, do Desportivo das Aves) ou a presidentes (aconteceu com António Salvador, presidente do SC Braga), apesar de haver gente competente bem mais perto para fazer esses trabalhos.

2. Visões sobre a hierarquia

As questões de hierarquização numa redação jornalística, seja de um jornal, de uma televisão, de uma rádio ou no *online*, não têm a ver só com a forma como está organizada essa redação, com diretor, sub-diretores, editores e jornalistas. Além de olhar esta organização – o que é bastante importante, pois constitui uma boa base para análise -, é preciso ter em atenção como se desenvolvem as relações de poder dentro dela, como e porquê são tomadas certas decisões editoriais, se os jornalistas têm tendência para se conformarem com as normas do órgão de comunicação onde trabalham, mesmo que vão contra os seus valores ou contra os valores do jornalismo, e até que ponto há constrangimentos impostos pela empresa jornalística ou que derivam de pressões de grupos externos.

No livro *Deciding What's News* (2004, embora a primeira edição seja de 1979), Herbert Gans dissecava praticamente todas estas etapas, dando especial atenção aos assuntos relacionados com a hierarquia, o poder e a decisão. Falando, naturalmente, à luz da realidade americana, o autor refere que as organizações noticiosas têm uma lógica de cadeia de produção: “As organizações noticiosas continuam a ser linhas de montagem geridas por tomadores de decisão com funções quase militares” (Gans, 2004: XVII)¹⁶. Uma visão verdadeira, como comprovei na minha experiência de estágio. Como estas organizações se baseiam numa

¹⁶ Tradução livre do original em inglês: “[N]ews organizations continue to be assembly lines managed by decision makers with still quasi-military roles”

hierarquia, defende Gans (2004: 81), a divisão do trabalho é sustentada no poder, não só dentro da redação, mas em todo o processo de transmissão da informação, desde as fontes até ao leitor. Nestas relações de poder, quem tem mais autonomia é quem está nos lugares de topo da hierarquia: “Os superiores hierárquicos têm sempre mais autonomia individual do que os seus subordinados, e estes nunca sabem quando os seus editores estão dispostos a exercer a sua autoridade. «Qualquer pessoa que acredita que os redatores têm total liberdade», apontou um jornalista experiente, «também acredita na fada dos dentes» ” (Gans, 2004: 102)¹⁷. O autor acrescenta que, para prevenir o caos, prevalece a opinião dos editores acerca do que deve ser tido em consideração numa história e qual o ângulo de abordagem (Gans, 2004: 83-85).

O poder dos editores é, efetivamente, uma das particularidades mais evidentes na hierarquia estabelecida numa redação. A ideia de serem de difícil acesso e, por isso, só se poder falar com eles quando se é chamado ao gabinete, apesar de a porta estar sempre aberta – tal e qual como na redação onde estagiei -, também é abordada por Herbert Gans: “A comunicação com os editores, normalmente, deve ser feita através de canais, embora seja esperado que mantenham constantemente uma «política de porta aberta». Enquanto alguns editores o fazem com mais entusiasmo do que outros, a mística da posição é suficiente para intimidar os jornalistas, especialmente aqueles com menos experiência, de alguma vez se aproximarem da porta aberta do gabinete” (Gans, 2004: 97)¹⁸. Os editores sentem-se poderosos por várias razões. Desde logo, como aponta Gans, não têm de justificar as suas decisões a ninguém. No Record, o editor do Porto falava com os responsáveis de Lisboa antes de aprovar algumas notícias, mas costumava decidir sem ter de os consultar. Além disso, pela divisão do trabalho baseada no poder, criam-se interesses diferentes nos elementos da redação, o que fortalece o poder de decisão dos editores. Por último, a pressão da organização para que haja conformidade – algo que abordarei mais à frente – reforça a posição dos editores (Gans, 2004: 97-98).

No entanto, como salienta Héctor Borrat (2005), as relações de poder e de influência não são de admirar e não são exclusivas do jornalismo, já que o quotidiano está repleto de situações semelhantes. “De qualquer maneira, as versões jornalísticas da atualidade produzem-se e publicam-se dentro de uma vasta, complexa e volátil rede de relações de influência, poder e conflito. Ainda que grande parte destas relações escape ao nosso conhecimento, esta rede não

¹⁷ Tradução livre do original em inglês: “Superiors always have more individual autonomy than underlings, and the latter never know when their editors are likely to exercise their authority. «Anyone who believes writers have complete freedom,» a senior writer pointed out, «also believes in the tooth fairy»”

¹⁸ Tradução livre do original em inglês: “Communication with them [top editors] must normally go through channels, although they are concurrently expected to maintain an «open-door policy». While some top editors do so with more enthusiasm than others, the mystique of the position is sufficient to intimidate journalists, especially those with little seniority, from ever approaching the open door”

tem nada de peculiar se nos observarmos nas nossas relações quotidianas e se estendermos o olhar ao mundo em que vivemos: influência, poder e conflito enchem as nossas biografias e toda a história” (Borrat, 2005: 4)¹⁹.

Mesmo tendo os editores como protagonistas do poder, a organização, no seu todo, merece atenção quando o tema é a hierarquia nela existente. Embora se possa questionar se podia ser de outra maneira, a forma como as redações do Record estão organizadas acaba por resultar bem, pois o resultado final – o número de jornais vendidos – é satisfatório. No desporto, existe a máxima “em equipa que ganha, não se mexe”. É o que acontece neste caso e o que Herbert Gans defende: “Organizações que têm de publicar um produto regularmente, tendo um prazo apertado, não alteram desnecessariamente uma estrutura bem-sucedida” (Gans, 2004: XVI)²⁰.

A influência da organização no conteúdo das publicações é uma discussão antiga e há quem acredite que os constrangimentos organizacionais são decisivos para o que é escrito nos jornais, mas também há quem assegure que o jornalista tem o poder de decidir. Gans coloca o ónus nos eventos e nos jornalistas: “Alguns glorificam a organização em detrimento dos eventos, como se a seleção da história não fosse afetada por estes; outros esquecem que os jornalistas, sendo profissionais, também moldam a organização e as notícias” (Gans, 2004: 79)²¹. Já Borrat opta por focar a pouca autonomia que jornais e jornalistas têm. “Jornalistas e jornais, por mais protagonismo que reivindiquem ou que outros lhes atribuem, não são atores autónomos: dependem de organizações empresariais complexas, fortemente hierarquizadas e, para o observador externo, muito opacas.” (Borrat, 2005: 3)²², alerta. Porém, o autor espanhol não esquece que a organização é influenciada por outras forças: “A esfera da instituição exerce uma hegemonia inquestionável sobre os campos da profissão e do sujeito. Porém, na esfera social, a instituição parece a influenciadora, nuns casos, e a influenciada, noutros casos, exercendo e sofrendo pressões nas suas interações com outros atores sociais” (Borrat, 2005: 4)²³.

¹⁹ Tradução livre do original em espanhol: “De todas maneras, las versiones periodísticas de la actualidad se producen y publican dentro de una vasta, compleja, cambiante red de relaciones de influencia, de poder y de conflicto. Aunque gran parte de estas relaciones escapen a nuestro conocimiento, tal red no tiene nada de peculiar si nos observamos a nosotros mismos en nuestras relaciones cotidianas y si extendemos la mirada al mundo en que vivimos: influencia, poder y conflicto recorren nuestras biografías y toda la historia”

²⁰ Tradução livre do original em inglês: “Organizations that must put out a product regularly and on a tight schedule do not alter a successful structure unnecessarily”

²¹ Tradução livre do original em inglês: “Some reify the organization at the expense of events, as if story selection were not affected by them; others forget that journalists, being professionals, also shape the organization and the news”

²² Tradução livre do original em espanhol: “Periodistas y periódicos, por más protagonismo que se arroguen o que otros les atribuyen, no son actores autónomos: dependen de organizaciones empresariales complejas, fuertemente jerarquizadas, y, ante el observador externo, muy opacas”

²³ Tradução livre do original em espanhol: “La esfera de la institución ejerce una hegemonia incuestionable sobre las esferas de la profesión y del sujeto. Pero, resituada en la esfera social, la institución parece en unos casos la influyente y en otros la influida, ejerciendo y sufriendo presiones en sus interacciones con otros actores sociales”

Assim, a decisão sobre o que escrever e como escrever é responsabilidade de várias partes, embora nem todas com o mesmo grau de preponderância. Para Herbert Gans (2004: XIX), o poder das fontes, o poder da audiência e a eficiência jornalística são as razões principais para as notícias serem como são. Para atingir essa eficiência, os jornalistas vão criando mecanismos próprios que facilitam o trabalho de criação de notícias. Como as estratégias não variam muito, aponta Gans, o resultado é quase sempre idêntico. “Os eventos que os jornalistas cobrem são sempre novos, mas as suas histórias são-no menos, e os seus métodos para escolher o que incluir nas notícias e como reportar ainda são menos inovadores” (Gans, 2004: XVII)²⁴. Apesar da aura de imparcialidade e objetividade, o jornalismo, sendo uma construção social da realidade, como defende Nelson Traquina, e não um mero reflexo da mesma, não tem a função de emitir apenas julgamentos da realidade. “Como outras disciplinas empíricas, as notícias não se limitam a julgamentos da realidade; também contêm valores ou frases que indicam preferências. Os valores não são, necessariamente, os dos jornalistas e nem sempre se distinguem nas notícias” (Gans, 2004: 39)²⁵. Apesar disso, o autor americano admite que a liberdade do jornalista não é muita, não só por constrangimentos organizacionais, mas também por ter de se sujeitar a regras profissionais estabelecidas. Embora seja consultado na seleção da história, o profissional ganha autonomia na produção das notícias quanto mais experiente for.

Posto isto, o jornalista deve aprender, igualmente, a política editorial do órgão de comunicação onde trabalha, para a ela se adequar, evitando eventuais castigos. Warren Breed explica: “Basicamente, a aprendizagem da política editorial é um processo pelo qual o novo elemento descobre e interioriza os direitos e obrigações do seu estatuto e as normas e valores dessa política. Aprende a antecipar o que se espera dele, para que ganhe elogios e evite punições” (Breed, 1955: 328)²⁶. A concorrer com a política editorial, num universo jornalístico em que o mercado dita muita coisa, estão os critérios de vendas e de audiências. Na opinião de Rogério Santos, a submissão a esses critérios varia “consoante o grau hierárquico dos profissionais no interior das suas organizações: os que ocupam posições mais elevadas (responsáveis das redes, editores, redatores-chefes) aceitam melhor tais critérios, ao passo que os recém-chegados à profissão reagem e se inclinam para a defesa de princípios e valores de acordo com a reputação clássica do jornalismo” (Santos, 1997, *apud* Tulha, 2012: 6). De facto,

²⁴ Tradução livre do original em inglês: “The events journalists cover are always new, but their stories are less so, and their methods for choosing what to include in the news and how to report it yet less”

²⁵ Tradução livre do original em inglês: “Like other empirical disciplines, the news does not limit itself to reality judgments; it also contains values, or preference statements. The values in the news are not necessarily those of the journalists, nor are they always distinctive to the news”

²⁶ Tradução livre do original em inglês: “Basically, the learning of policy is a process by which the recruit discovers and internalizes the rights and obligations of his status and its norms and values. He learns to anticipate what is expected of him so as to win rewards and avoid punishments”

como argumenta Catarina Lopes, a preocupação com a concorrência e com o número de vendas “subalterniza a lógica informativa, e enfraquece e limita a independência do jornalista” (Lopes, 2006: 7).

A pressão imposta, direta ou indiretamente, pelo mercado jornalístico talvez seja o formato mais visível de pressão externa, mas não é o mais preocupante. Recorrendo novamente aos ensinamentos de Herbert Gans, constata-se que é costume haver outras intromissões vindas do exterior da redação e por uma razão simples: as notícias têm efeitos. “Porque as notícias têm consequências, os jornalistas estão susceptíveis a pressões por parte de grupos ou indivíduos (incluindo fontes e audiências) com poder para fazer mal aos jornalistas, às suas organizações e às suas empresas” (Gans, 2004: 80)²⁷. Apesar de alguma pressão ser exercida diretamente sobre os jornalistas, quem tenta influenciar fá-lo, na maioria das vezes, dirigindo-se aos editores ou ao diretor. Embora suspeitem que determinadas sugestões surgem devido a pressões externas, os jornalistas não estão certos disso, já que, como se disse anteriormente, quem está nos lugares de topo da hierarquia não está disposto a dar satisfações a ninguém. Mesmo assim, diz Gans, os profissionais do jornalismo têm três caminhos principais para lidar com a pressão externa: lutar contra ela, sujeitar-se à mesma ou, por último, preveni-la através de mecanismos de antecipação (Gans, 2004: 268). Mesmo que muitos o tentem influenciar, acaba por ser o jornalista a considerar os limites ao exercício da sua profissão: “[E]m todas as limitações ao trabalho do jornalista existe apenas um factor preponderante que as torna em constrangimentos: se o jornalista as sente ou não como tais” (Lopes, 2006: 76-77).

Por tudo isto, a atitude mais normal numa redação é o conformismo. Como explica Ana Tulha, “a inércia burocrática que se apodera das redações e que leva os jornalistas a agirem segundo determinadas práticas-padrão” faz com que se caia “num processo de racionalização em cascata, que enfraquece e desencoraja atos de consciência individual” (Tulha, 2012: 15). Deixar andar e desistir de demonstrar um ponto de vista contrário, ao fim de algum tempo, começa a ser o mais comum, até ao ponto em que se torna algo inconsciente: “Os jornalistas não parecem estar cientes da conformidade sob a qual trabalham” (Gans, 2004: 98)²⁸. Segundo Warren Breed, citado por Catarina Lopes, as regras editoriais ‘entranham-se’ mais facilmente no jornalista do que as ideias pessoais e o que promove o conformismo é a

²⁷ Tradução livre do original em inglês: “Because news has consequences, however, journalists are susceptible to pressure from groups and individuals (including sources and audiences) with power to hurt them, their organizations, and their firms”

²⁸ Tradução livre do original em inglês: “Journalists do not seem to be aware of the conformity under which they labor”

socialização do jornalista em termos de normas do seu trabalho, quando, recém-chegado à redação, vai à descoberta da política editorial da empresa (Lopes, 2006: 37-38).

Todavia, há sempre outra face da moeda e a questão do conformismo não é tão linear nem instantânea. Nas palavras de Warren Breed, o conformismo não é automático por três razões. A primeira é a existência de normas éticas no jornalismo. A segunda é o facto de os jornalistas ("*staff subordinates*", como lhes chama) terem atitudes e perceções mais liberais do que aqueles que estão no comando, podendo invocar aquelas normas para justificar alguma discordância com a escrita das notícias de acordo com a política do jornal. Por último, há um tabu ético que evita que os editores obriguem os seus subordinados a seguir aquela política (Breed, 1955: 326).

Mais uma vez, embora datem da década de 50 do século passado e sejam referentes a uma realidade diferente da portuguesa, as palavras de Breed continuam atuais. É verdade que há bastante pressão - uma pressão em cadeia, que pode começar fora e acabar dentro da redação - para que os jornalistas sigam as ordens dos seus chefes, mesmo que vão contra as suas crenças pessoais e, por vezes, contra algumas normas jornalísticas. São poucos os que têm a coragem necessária para contrariar as ordens, levantar a voz e defender aquilo que acreditam ser mais correto.

3. Relações de hierarquia aos olhos dos jornalistas

Complementando a base teórica que foi sendo deslindada ao longo das últimas páginas, está a visão de dois jornalistas do Record (Vitor Pinto e Ricardo Vasconcelos) sobre o seu dia a dia, em que estão sujeitos às relações hierárquicas. Desde logo, é considerado natural que haja um "núcleo central", que oriente as operações, mas "o grau de autonomia da redação do Porto está em níveis bastante satisfatórios", assume Vitor Pinto, 'sub-editor' da estrutura nortenha. O seu colega é da mesma opinião: "Os conteúdos são decididos por nós, sempre respeitando os critérios editoriais do jornal, mas, em algumas ocasiões, a chefia sugere reportagens ou entrevistas sobre os 'nossos' clubes". "A maior dependência em relação a Lisboa", aponta, "está na distribuição das páginas". Por isso, está claro para Ricardo Vasconcelos qual a hierarquia estabelecida: "O planeamento do jornal é feito por eles. Mesmo com diálogo permanente connosco, a palavra final é sempre deles".

O facto de haver jornalistas que vêm de Lisboa para fazer serviços no norte do país não é visto como um abuso de poder. "A redação do Porto tem limitações de recursos a nível humano,

que dificultam a cobertura de todos os serviços que nos são solicitados e que devemos garantir para dar resposta aos anseios dos leitores. Por isso, e na realidade atual, onde o acesso digital aos nossos conteúdos é uma vertente importantíssima, é irrelevante para o leitor se o jornalista designado é do Porto, Lisboa ou Coimbra”, refere Vitor Pinto. “A redação de Lisboa tem bem mais jornalistas do que nós aqui no Porto e, por vezes, estamos sobrecarregados de trabalho. Em Lisboa também há grandes repórteres e entendemos perfeitamente quando são destacados para fazer determinada reportagem aqui no norte”, completa Vasconcelos. Porém, a proximidade com os protagonistas, segundo o ‘sub-editor’, não é menosprezada: “É inegável que a identificação dos jornalistas com os temas e clubes pode ser uma mais-valia, pelo que isso é geralmente tido em conta no Record, em concreto no que diz respeito aos jogos. A esmagadora maioria de sugestões de marcação da redação do Porto é acolhida pela estrutura central”, indica. Falando em conhecimento dos factos, as funções e o protagonismo dos correspondentes também foram abordados por Ricardo Vasconcelos. “Os correspondentes têm um trabalho fundamental para o nosso jornal, porque estão diariamente no terreno, próximos das fontes. A maioria já manda o conteúdo escrito e na redação apenas se tem de dar acertos às peças, quando inseridas nas páginas. Se algum não escreve ou escreve mal, isso já é outro problema, que a chefia deve tratar. Quando se corrige um texto, a assinatura deve ser apenas do correspondente. Quando se recebe por telefone as informações, se for abertura de página, o jornalista da redação também pode assinar. Acima de tudo, o que sempre defendo é que os jornalistas da redação, profissionais, na maioria, devam ajudar os correspondentes e fazer contactos para enriquecer os conteúdos das peças. Aí, a questão da assinatura já não se coloca: o jornalista acrescenta dados novos e, naturalmente, vê o seu nome no jornal”, sintetiza.

Por tudo isto, a tendência para a conformidade não é tão grande. “Não são muitas as vezes em que Lisboa se intromete no nosso trabalho. Acima de tudo, deve existir diálogo e, quando entendemos que temos razão, devemos defender a ‘nossa dama’. Lisboa sabe ouvir e também muda de opinião”, diz Ricardo Vasconcelos. Esse diálogo, acrescenta Vitor Pinto, “pode levar a ajustamentos de rumo, sempre em benefício da qualidade da edição e da informação que chega ao leitor. Uma vez mais, existe um todo e não partes a funcionar isoladamente”.

Questão mais complexa é a das pressões externas exercidas sobre os jornalistas, neste ramo da atividade jornalística. “Um diretor de comunicação de um clube defende interesses e gere agendas que são divergentes em relação ao interesse informativo. A imprensa desportiva tem uma pressão diária para chegar primeiro à notícia, ao furo, à contratação, à polémica. Isso

difícilmente se faz, de forma credível, sem manter abertas vias que permitam fazer o escrutínio e validação da ‘praga dos tempos modernos’: a circulação de rumores via redes sociais, páginas pessoais ou *sites* de mercado. Tentativas de influência sempre existiram e continuarão a existir. O equilíbrio é a chave para lhes fazer frente”, atira Vítor Pinto. O seu colega afina pelo mesmo diapasão: “As pressões são constantes. Neste aspeto, a confiança das chefias nos jornalistas é fundamental. Acho que não devemos ter medo dos clubes, mesmo que alguns ameacem ou fechem as portas dos treinos. O jornalista deve ser independente e ter outras fontes, que não os dirigentes, mesmo correndo o risco de não ter informações de ‘mão beijada’, como alguns colegas que fazem favores ou cedem às pressões”, alerta.

Capítulo III – Análise da cobertura da campanha eleitoral no SC Braga

Durante o período de estágio no Record sucedeu algo inédito nos últimos 25 anos: houve eleições para a presidência do SC Braga. Convém explicar que, ao longo desse quarto de século, vários presidentes passaram pelo clube, mas nunca foram sujeitos a sufrágio, ora porque integravam comissões administrativas, ora porque eram candidatos únicos e, por isso, não havia votação.

Estas eleições e a respetiva campanha eleitoral, como foi referido na introdução, não me deixaram indiferente, tanto por se tratar do clube da minha cidade, como por esse facto de nunca ter havido eleições no meu tempo de vida. Resolveu-se, então, prestar particular atenção ao tema, através de uma análise de conteúdo das notícias dos jornais Record e O Jogo referentes à campanha eleitoral, que começou com a apresentação da primeira lista candidata, a 21 de novembro, e terminou a 13 de dezembro de 2013, quando se realizaram as eleições. Alargou-se um pouco o período de análise, até ao dia 14, de forma a incluir também o rescaldo do ato eleitoral. Tentou-se descobrir, através da análise e de entrevistas com jornalistas, pontos de contacto entre os assuntos ligados à hierarquia na redação e a forma como essas notícias foram escritas, demonstrando (ou não) algum tipo de preferência por um dos candidatos – isto porque, como já vimos, as ‘preference statements’ e os valores da organização e do próprio jornalista estão explícitos ou implícitos nas páginas dos jornais.

1. Framing

Ao longo dos tempos, vários têm sido os estudos acerca dos modos como são construídas as notícias e quais os seus efeitos na audiência, seja em relação a leitores, telespectadores ou ouvintes. Neste relatório, não se pretende estudar como é que quem lê os jornais desportivos interpreta as notícias, mas sim perceber de que modo os artigos são escritos e ‘embrulhados’, para depois serem abertos por quem os recebe, ao folhear o jornal. Neste âmbito, uma teoria jornalística tem muita relevância: o *framing*.

Há muitas definições de *framing*, mas a mais profícua será a de Robert Entman: “O *frame* jornalístico consiste em selecionar alguns aspetos de uma realidade percecionada e torná-los mais salientes num texto, de modo a promover uma determinada definição do problema,

interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento noticioso”²⁹ (Entman, 1993, *apud* Scheufele, 1999: 107). O mesmo Entman, agora citado por Claes de Vreese, sugere como podem ser encontrados *frames* nas notícias. “Os *frames* nas notícias podem ser examinados e identificados pela ‘presença ou ausência de certas palavras-chave, expressões utilizadas por determinados grupos, imagens estereotipadas, fontes de informação e frases que trazem temas que reforçam factos ou julgamentos específicos” (de Vreese, 2005: 54)³⁰. O próprio autor holandês completa a ideia: “Primeiro, um *frame* tem de ter características conceptuais e linguísticas identificáveis. Segundo, deve ser comumente observado na prática jornalística. Terceiro, tem de ser possível distinguir um *frame* de outros *frames*, de forma fiável. Quarto, um *frame* necessita de ter validade de representação (isto é, ser reconhecido por outros) e não ser meramente fruto da imaginação do investigador” (de Vreese, 2005: 54)³¹. Posto isto, como salienta de Vreese (2005: 53), ao enfatizar certos elementos de um tópico em detrimento de outros, o *framing* numa notícia dá à audiência uma forma de entender um acontecimento ou assunto. Opta por mostrar-se e salientar-se uma das várias abordagens existentes para aquele conteúdo, como poderia optar-se por outra abordagem, que, no entanto, não mostraria exatamente as mesmas coisas, exatamente da mesma forma. Por isso, o autor holandês apresenta uma definição resumida: “*Frame* é a ênfase na saliência de diferentes aspetos de um tópico” (de Vreese, 2005: 53)³².

Dentro da ‘família’ dos *frames*, há algumas divisões e dicotomias. A mais importante será entre *frame building* e *frame setting*. O primeiro, de acordo com Scheufele, engloba os fatores internos e externos ao sistema mediático, ou características dos jornalistas, que têm impacto e fazem surgir o *framing* no conteúdo noticioso (Scheufele, 1999: 115). No segundo, diz o mesmo autor, emergem os atributos do assunto, a forma como são apresentados, transmitindo valores ou factos específicos, dando destaque e relevância ao assunto, que não se teria visto através de outro ângulo ou *frame* (Scheufele, 1999: 116) – ou seja, a definição global de *framing*, já referida.

²⁹ Tradução livre do original em inglês: “To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation”

³⁰ Tradução livre do original em inglês: “frames in the news can be examined and identified by ‘the presence or absence of certain keywords, stock phrases, stereotyped images, sources of information and sentences that provide thematically reinforcing clusters of facts or judgments”

³¹ Tradução livre do original em inglês: “First, a news frame must have identifiable conceptual and linguistic characteristics. Second, it should be commonly observed in journalistic practice. Third, it must be possible to distinguish the frame reliably from other frames. Fourth, a frame must have representational validity (i.e., be recognized by others) and not be merely a figment of a researcher’s imagination”

³² Tradução livre do original em inglês: “a frame is an emphasis in salience of different aspects of a topic”

Mais uma vez, importa aqui realçar os constrangimentos a que o jornalista está sujeito, desde que, como vimos, os perceba como tal. A ‘volta’ que os profissionais do jornalismo acabam por dar nas notícias, porque estas não são um espelho da realidade e porque quem escreve deixa alguns dos seus valores nas páginas do jornal, deriva de constrangimentos organizacionais, julgamentos profissionais e julgamentos acerca da audiência. Ao mesmo tempo, a interpretação da informação, por parte da audiência, é influenciada, como vimos, por estruturas de significação preexistentes (Scheufele, 1999: 105).

É bom esclarecer que, embora não sejam ‘santos’, os jornalistas nem sempre têm intenção de tomar partido por alguém. Como lembra Herbert Gans, “eles estão a dar opiniões, mas não estão cientes de que o estão a fazer” (Gans, 2004: 199)³³. O autor americano tem ainda outra passagem que se adequa ao caso da cobertura da campanha eleitoral no SC Braga, cujas notícias eram relevantes para um pequeno número de pessoas: “Controvérsias de grande importância para um pequeno número de pessoas podem ser noticiadas através de uma perspectiva enviesada não intencional” (Gans, 2004: 142)³⁴. No entanto, como escreve Hugo Sampaio, “favorecer não é tão somente falar bem ou omitir, mas também citar corriqueiramente” (Sampaio, 2001: 29), ou seja, tentar menosprezar uma das partes.

2. Agenda setting

Tal como o *framing*, o *agenda setting* é uma teoria jornalística ligada à influência que os órgãos de comunicação tentam exercer, através do que escrevem ou dos assuntos que escolhem abordar, na perceção que a audiência tem em relação às notícias.

Maxwell McCombs – que, juntamente com Donald Shaw, foi o ‘criador’ da teoria do *agenda setting*, nos anos 70, apesar de as bases terem sido lançadas pelo *Public Opinion* (1922) de Walter Lippman – explica sucintamente do que se trata: “Os meios de comunicação podem estabelecer a agenda para ter a atenção do público para aquele pequeno grupo de assuntos à volta dos quais se forma a opinião pública” (McCombs, 2003:1)³⁵. Ou seja, através do *agenda setting*, a comunicação social acaba por dizer à sua audiência quais os assuntos importantes, ‘no que’ deve pensar, mas não ‘como’ pensar. Como diz Norman Fairclough, “em qualquer

³³ Tradução livre do original em inglês: “they are offering opinions, but they are unaware that they are doing so”

³⁴ Tradução livre do original em inglês: “Controversies of great importance to a small number of people may be reported in the news from an unintentionally biased perspective”

³⁵ Tradução livre do original em inglês: “[N]ews media can set the agenda for the public’s attention to that small group of issues around which public opinion forms”

representação, temos de decidir o que incluir e o que excluir, o que expôr e o que esconder” (Fairclough, 1995: 4)³⁶. Esta influência dos *media*, que está largamente comprovada, é bastante forte. “O que sabemos acerca do mundo é baseado, em larga escala, no que os meios de comunicação decidem contar-nos” (McCombs, 2003:2)³⁷.

A partir destas ideias, e com alguma razão, McCombs, Shaw e Weaver assumiram que o *framing* era um segundo nível de *agenda setting*, dado que, dentro dos assuntos gerais que eram trazidos à tona pelo processo de *agenda setting*, eram salientados certos aspetos e não outros, isto é, ocorria o *framing* dos tópicos a que o público tinha acesso (McCombs *et al.*, 1997, *apud* Scheufele, 1999:103). No entanto, Scheufele vê diferenças entre os conceitos, dando primazia à influência imposta pelo *agenda setting*, que está, segundo o autor, mais latente nos esquemas interpretativos dos elementos da audiência. “Scheufele (2000) declara que as premissas teóricas do *agenda setting* e do *framing* são diferentes – que o *agenda setting* (e o *priming*) se baseiam na teoria da acessibilidade das atitudes, ao aumentar a saliência dos assuntos e, assim, a facilidade com que podem ser recuperadas pela memória quando estamos a fazer julgamentos, enquanto o *framing* é baseado na teoria em que se assume que mudanças subtis na descrição de uma situação invocam esquemas interpretativos que influenciam a interpretação da informação adquirida, em vez de se tornar determinados aspetos do assunto mais salientes” (Weaver, 2007: 145)³⁸.

Tal como acontece com o *framing*, na teoria do *agenda setting* também há divisões e diferenciações a fazer. Desde logo, o conceito de *priming*, referido por Scheufele na citação anterior: são os primeiros critérios ou noções a que recorreremos aquando da avaliação e interpretação de uma situação ou de uma notícia, sendo os critérios influenciados pelo *agenda setting*. Porém, a principal distinção a fazer é entre os processos de *agenda setting* e *agenda building*. O primeiro já foi explicado, enquanto o segundo consiste na reunião dos assuntos que têm condições para figurar nos jornais, televisões ou rádios, isto é, os conteúdos que vão ser notícia. Um tópico pode destacar-se por si só, dada a sua relevância evidente (o 11 de setembro, por exemplo) ou resultar de várias camadas de influência, desde as fontes anónimas, passando por fontes oficiais e, por isso, com maior poder, e acabando nos editores e diretores das

³⁶ Tradução livre do original em inglês: “in any representation, you have to decide what to include and what to exclude, and what to ‘foreground’ and what to ‘background’”

³⁷ Tradução livre do original em inglês: “What we know about the world is largely based on what the media decide to tell us”

³⁸ Tradução livre do original em inglês: “Scheufele (2000) asserts that the theoretical premises of agenda setting and framing are different – that agenda setting (and priming) rely on the theory of attitude accessibility by increasing the salience of issues and thus the ease with which they can be retrieved from memory when making political judgments, whereas framing is based on prospect theory that assumes that subtle changes in the description of a situation invoke interpretive schemas that influence the interpretation of incoming information rather than making certain aspects of the issue more salient”

publicações. Assim sendo, o *agenda building* origina o *agenda setting* e acaba por ser mais complexo do que este último.

Pela explicação destes processos, compreendemos que nem tudo pode ser notícia e que, criada uma estrutura circular de informação, o público contenta-se com uma ‘alimentação noticiosa’ que deriva quase sempre dos mesmos assuntos e dos mesmos protagonistas, sendo as opiniões veiculadas sobre estes quase sempre unânimes, o que reforça a sua popularidade junto da audiência; ou a diminui ou impede sequer que chegue a haver popularidade, no caso de os protagonistas caírem na ‘espiral do silêncio’ preconizada por Noelle-Neumann, isto é, não chegarem a ter voz nos *media*. Como argumenta Kleiton Oliveira, “[a] mídia, ao selecionar determinados assuntos e ignorar outros, define quais são os temas, acontecimentos e atores (objetos) relevantes para a notícia; ao enfatizar determinados temas, acontecimentos e atores sobre outros, estabelece uma escala de proeminência entre esses objetos, ao adotar enquadramentos positivos e negativos sobre temas, acontecimentos e atores, constrói atributos (positivos ou negativos) sobre esses objetos; há uma relação direta e causal” (Oliveira, 2010: 45). Por isto, o *agenda setting* define, na grande maioria das vezes, a agenda pública: “[A] «agenda da mídia» são os temas presentes nos meios de comunicação; «agenda pública» são temas e assuntos presentes nas conversas entre pessoas. O modelo do Agenda-Setting prevê que os temas da agenda da mídia definem a agenda pública, isto é, passarão a ser discutidos pelas pessoas uma vez pautados pela mídia” (Oliveira, 2010: 45).

3. Favorecer ou reforçar o favoritismo?

Como vimos, as notícias resultam sempre de escolhas, mais ou menos discutíveis, provenientes de vários intervenientes, dentro e fora da redação. Os valores nelas inscritos nem sempre são fáceis de encontrar: “Os valores nas notícias raramente estão explícitos e têm de ser encontrados nas entrelinhas – nos atores e atividades que são reportados ou ignorados, e na forma como são descritos” (Gans, 2004: 40)³⁹. Os próprios critérios de noticiabilidade são elementos que podem enviesar o que é relatado, como escreve Catarina Lopes. “Não é só decidir fazer ou não fazer notícia de determinado acontecimento, porque a definição de noticiabilidade já é por si mesma um elemento constrangedor, na medida em que se perspectiva segundo os pontos de vista da importância (o jornalista levará fundamentalmente em conta o

³⁹ Tradução livre do original em inglês: “The values in the news are rarely explicit and must be found between the lines - in what actors and activities are reported or ignored, and in how they are described”

seu próprio juízo sobre esse acontecimento, no contexto dos condicionalismos e das características do media em que trabalha)” (Lopes, 2006: 44).

Posto isto, neste processo, com intenção ou sem ela, muitas vezes surge um lado que é favorecido e outros que ficam mais esquecidos. Veremos, através da análise de conteúdo, se isso se verificou na cobertura da campanha eleitoral no SC Braga, mas aproveito para relatar aqui um caso semelhante em termos de contexto, embora se tratasse de uma campanha política no Brasil – até porque, como também observaremos, a política esteve muito presente nos dias que antecederam as eleições no clube bracarense.

No seu estudo “Candidatos privilegiados” (2001), Hugo Sampaio analisa a cobertura jornalística da campanha eleitoral no município de Teresina, Piauí. O ponto de contacto mais evidente com as eleições no SC Braga é que um dos candidatos era quem estava no poder (António Salvador no caso bracarense, Firmino Filho no caso brasileiro) e ambos acabaram por ser reconduzidos nos respetivos cargos, vencendo os sufrágios com grande vantagem.

Firmino Filho era uma figura popular na sua terra – tal como Salvador era junto dos associados do clube -, o que já lhe dava grande favoritismo nas eleições. Hugo Sampaio conta, à luz do *agenda setting*, que “um candidato que ao longo de seis meses que antecedem uma eleição recebe o dobro da exposição de outro, é notório que o primeiro será mais lembrado, analisado e acreditado pela população” (Sampaio, 2001: 2). Foi o que aconteceu em Teresina, com o *prefeito* a ser citado mais de o dobro das vezes dos restantes candidatos. Ainda que o favorecimento não fosse intencional, os leitores tinham todas as condições para se aperceberem de que Firmino era o favorito dos órgãos de comunicação. “Quando um candidato é exposto com frequência, sendo claramente favorecido, o leitor comum pode perceber a tendenciosidade do veículo. E para isto ele não necessita dispor de conhecimentos e técnicas científicas que possam confirmar ou refutar suas opiniões/conclusões. A observação rotineira do noticiário garante ilações desse porte” (Sampaio, 2001: 3). De facto, assegura o autor do estudo, “ainda em abril e maio [cinco meses antes das eleições], ele [Firmino Filho] já era tido como vencedor” (Sampaio, 2001: 17).

Um pormenor curioso foi o facto de Firmino ter sido mais vezes citado na condição de *prefeito* do que no papel de candidato. Por isso mesmo, faz sentido a asserção de que “não podemos desconhecer que quem está no poder leva vantagem” (Sampaio, 2001: 19). Esse destaque natural é reforçado por Guálter George, diretor de um dos jornais estudados: “É

humanamente impossível cobrir os candidatos de forma igual, porque a cobertura é reflexo da campanha” (Sampaio, 2001: 19).

Naturalmente, os outros candidatos também tentaram fazer-se ouvir, recorrendo, sobretudo, às assessorias de imprensa. “Para os pequenos resta a criatividade e a perseverança na árdua tarefa de plantar uma informação nova, interessante e importante. Por isso as assessorias de imprensa foram amplamente citadas pelos editores como fatores que diferenciam a forma de percepção dos candidatos” (Sampaio, 2001: 27). Mas nem sempre o resultado foi o esperado. Um dos candidatos, que estava a ter pouca atenção mediática, decidiu atacar abertamente o *prefeito* e, assim, passou a ter maior atenção por parte dos jornais, ainda que por pouco tempo, mas esta postura acabou por lhe dar uma imagem negativa, pois a opinião pública não gostou do ataque sem sentido que o concorrente levou a cabo. Assim sendo, mesmo sem ser obrigado a fazer muito, o ‘candidato do poder’ gozou sempre de favoritismo, reforçado pela cobertura mediática. “[O]s meios de comunicação não pretendem persuadir, mas exprimem de forma clara uma lista de quais assuntos as pessoas devem ter uma opinião e discutir. Estando permanentemente no centro das discussões — haja vista sua cobertura numericamente superior - Firmino Filho ocupou uma posição confortável pelo simples fato de ter seu nome demasiadamente citado” (Sampaio, 2001: 28).

4. Análise de conteúdo

Já anteriormente se falou em objetividade jornalística, que acaba por ser um ideal utópico, embora sirva para reger a seriedade do trabalho de um jornalista. Quando se trata de uma campanha eleitoral, seja na política ou no desporto, tenta-se sempre encontrar resquícios de apoio de um jornal a um partido ou a um candidato. No campo da análise de conteúdo, ser totalmente objetivo também é complicado. Como explica Laurence Bardin, no seu livro de *Análise de Conteúdo* (1979), “a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjectividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido (...) por qualquer mensagem” (Bardin, 1979: 9). Aliás, focar esses outros sentidos escondidos é a essência da análise de conteúdo: “Por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissémico esconde-se um sentido que convém desvendar” (Bardin, 1979: 14).

Assim sendo, face à panóplia de hipóteses de estudo e de objetos passíveis de análise, é útil esclarecer o que queremos analisar, ordenando os objetos de estudo em categorias – no caso de ser feita uma análise categorial, como é mais comum - que sejam homogêneas, exaustivas (que esgotem a totalidade do texto), exclusivas - ou seja, que o mesmo elemento não se inclua em categorias diferentes -, objetivas, produtivas e pertinentes, isto é, que sejam adequadas ao objetivo da análise (Bardin, 1979: 36). No entanto, estas regras de validade da análise de conteúdo nem sempre são todas aplicáveis. Por isso, diz Bardin (1979: 36), “o analista (...) é considerado como aquele que delimita as unidades de codificação, ou as de registo (...): a palavra, a frase, o minuto, o centímetro quadrado”, acrescentando mais à frente (p. 98) as categorias de palavras – substantivos, adjetivos, verbos -, o tema, a personagem, o acontecimento, o documento, a entrevista ou resposta. Quando permanece a ambiguidade na categorização das unidades de registo, é útil recorrer a unidades de contexto (a frase como contexto para a palavra, por exemplo), que ajudam a compreender a significação dos itens obtidos. Exatamente por se ligar ao contexto, refere Bardin (1979: 38), “[a] intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (...), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”, ou seja, relaciona-se com a questão da hierarquia dentro da redação, elemento contextual que influencia as condições de produção do trabalho jornalístico. Por tudo isto, tem de haver articulação entre “a superfície dos textos, descrita e analisada e os factores que determinaram estas características, deduzidos logicamente” (Bardin, 1979: 40).

Desta forma, a autora define a análise de conteúdo da seguinte maneira: “Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos à produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 1979: 42).

É natural que o que é inferido e descoberto na e pela análise de conteúdo não tenha de ser tido como verdade absoluta, mas permite ter uma ideia clara do que está em causa no que é estudado, descobrindo-se os tais sentidos escondidos no que, à primeira vista, parece ser explícito. “É certo que o género de resultados obtidos pelas técnicas de análise de conteúdo, não pode ser tomado como prova inelutável. Mas constitui, apesar de tudo, uma ilustração que permite corroborar, pelo menos parcialmente, os pressupostos em causa” (Bardin, 1979: 75).

4.1 - Metodologia

Como foi referido no início do capítulo, analisámos todos os artigos e entrevistas que tinham ligação com a campanha eleitoral. A amostra selecionada correspondeu às edições dos jornais Record e O Jogo entre 21 de novembro de 2013 e 14 de dezembro de 2013. A análise de conteúdo abordou aspetos qualitativos e quantitativos, com aspetos que foram importantes salientar apenas nas entrevistas e não nos artigos diários, por serem géneros jornalísticos diferentes, em que diferem as unidades de registo. Pela especificidade do caso, a grelha de análise não se baseou noutros autores, sendo criada para este conteúdo particular.

Desta forma, em termos de análise qualitativa, analisámos se os artigos eram de índole positiva, negativa ou neutra em relação a Nuno Carvalho e António Salvador, o tipo de linguagem utilizada (verbos, nomes e adjetivos usados para caracterizar os candidatos, figuras de estilo, utilização de expressões do jornalismo político), modos como foram referidos os candidatos, ideias sugeridas pelos títulos, subtítulos, antetítulos e pelas fotos e respetivas legendas. Por parte dos candidatos, vimos as formas como se referiram ao opositor, direta ou indiretamente.

De modo a verificarmos os papéis que as relações de poder e o potencial favoritismo de um ou outro dos concorrentes tiveram na campanha eleitoral e, assim, relacionar o conteúdo das páginas dos jornais com as relações de hierarquia existentes nas redações, que levaram a que o quotidiano da corrida às eleições fosse abordado como foi, da vertente quantitativa constou a análise da mancha gráfica - para aferir se o destaque foi maior para um ou outro candidato, tanto nos artigos/entrevistas, como nas capas dos jornais -, o número e tipo de textos atribuídos tanto a Salvador como a Carvalho, o número total de vezes que os candidatos foram referidos e a frequência de algumas expressões-chave durante a campanha. A observação das entrevistas, tendo diferenças entre a de Nuno Carvalho e a de Salvador, focou-se mais no que foi dito pelos candidatos, mas também nas perguntas feitas. Em ambas as entrevistas, analisámos quais as palavras mais utilizadas por um e por outro (nas primeiras pessoas do singular e do plural) e o número de respostas com referência à oposição. Da parte do entrevistador, examinámos as perguntas com referências à oposição, perguntas sobre o próprio candidato e perguntas 'neutras'. Só em relação à entrevista de António Salvador, fizemos uma análise do número de respostas com referência ao passado, presente e futuro e das respostas com referência a sucessos desportivos/financeiros, suscitadas por perguntas com referência ao passado, presente e futuro e por perguntas com referência a sucessos desportivos/financeiros.

Escalpelizámos também a frequência de perguntas sobre a campanha eleitoral *versus* questões sobre todos os outros assuntos. Dividimos ainda a análise pelo número de perguntas ao Salvador presidente, ao Salvador candidato e ao Salvador empresário.

A toda esta análise, juntámos entrevistas feitas, por *mail*, a jornalistas do Record que estiveram mais ligados à cobertura desta campanha, para tentar aferir a influência das relações de hierarquia na redação, tanto na escrita dos artigos, como na potencial preferência por um ou outro candidato.

4.2 - Os antecedentes

Apesar de aqui só ter sido analisado um período (o mais quente, por assim dizer) da campanha eleitoral no SC Braga, convém contar alguns dos acontecimentos anteriores à apresentação das listas definitivas, para contextualizar o que foi alvo da análise de conteúdo.

Na realidade, as eleições no clube estavam marcadas para o dia 9 de novembro. António Salvador deu sempre a ideia que não se iria recandidatar e comunicou isso mesmo à equipa de futebol profissional e à restante direção bracarense. Chegado o último dia para a apresentação de listas, 25 de outubro, Nuno Carvalho apareceu em cena, ao início da tarde, dizendo que estava pronto para apresentar uma candidatura para a presidência, o que gerou grande surpresa, pois Carvalho era um perfeito desconhecido nas hostes futebolísticas de Braga, sendo apenas notado como um empresário relativamente bem-sucedido e sócio do clube há muitos anos. Nuno Carvalho avançava apenas para não deixar o SC Braga num vazio diretivo, até porque, na altura, tinha admiração por António Salvador. Naquele último dia para apresentação de listas, o porta-voz da candidatura de Nuno Carvalho comunicou que o candidato admirava “o excelente trabalho de António Salvador no comando do clube”, mas que se sentia na obrigação de avançar, porque Salvador “há três anos disse que queria sair e este ano também, não será agora que vai apresentar uma candidatura”, justificou, deixando uma ressalva: “[J]amais queremos entrar em sobressalto com ele [Salvador]”.

Esta aparição repentina de um candidato à presidência despertou António Salvador, que logo mudou de ideias e candidatou-se no fim dessa tarde, levando Nuno Carvalho a desistir. Este último assumiu ter mesmo equacionado “avançar com uma candidatura à liderança do clube, mas sempre partindo do pressuposto que António Salvador não seria candidato”, acrescentando que apoiava “total e inequivocamente a recandidatura de António Salvador para mais um

mandato". "Tomo esta decisão porque entendo que a missão de António Salvador à frente dos destinos do clube bracarense ainda não foi concluída e que o nosso clube ainda tem muito a receber deste homem notável que conseguiu levar a cabo um projeto fantástico e transpor o nome do Sporting Clube de Braga além fronteiras", disse, em comunicado.

Tudo parecia correr em direção à reeleição de Salvador no dia 9 de novembro. Porém, três dias antes do ato eleitoral, surgiu um comunicado do presidente da Assembleia Geral do clube, José Mendes, em que se dizia que a lista de António Salvador apresentava uma irregularidade, que o presidente/candidato não quis corrigir, pelo que, a bem da transparência do processo, as eleições ficavam adiadas para o dia 13 de dezembro, abrindo-se espaço a novo período para apresentação de listas candidatas. No mesmo dia 6 de novembro, sabendo do ocorrido, Nuno Carvalho disse que não compreendia a situação, não sabia qual era a irregularidade nem por que razão não foi corrigida e que passava a ponderar apresentar uma lista candidata à presidência, apesar de manter a ideia de que Salvador devia continuar a comandar o SC Braga.

O presidente voltou a alimentar o tabu, não revelando se se ia recandidatar ou se a irregularidade era uma forma de voltar a demarcar-se da corrida eleitoral. Nuno Carvalho foi mudando a sua posição e começou a desconfiar de Salvador. No dia 7 de novembro, pediu que o presidente desse uma explicação aos sócios sobre o que tinha acontecido e se realmente era recandidato, reforçando que o grande prestígio que o SC Braga construiu, durante a era Salvador, estava em causa. Contudo, Nuno Carvalho continuava a dizer que abdicaria caso o presidente se recandidatasse. Caso contrário, seguramente avançaria.

O desentendimento que levou a que houvesse duelo eleitoral deu-se a 14 de novembro. António Salvador alertou que não cedia "a pressões ou ultimatoss" e frisou que continuava a ser candidato, não esclarecendo, contudo, qual era a irregularidade existente na sua lista. Por fim, apelou a que aparecessem novas pessoas e novas ideias: "Já o disse, e repito, que seria importante para o Sporting de Braga que surgissem pessoas credíveis com projetos reais para um debate de ideias". Sentindo-se acossado, Nuno Carvalho esqueceu o 'pacto de não agressão' e, no mesmo dia 14 de novembro, fez anunciar que concorria contra Salvador. Começou a corrida ao poder no SC Braga.

4.3 – Análise das edições do Record

Contando com o dia da apresentação da primeira lista candidata, a de Nuno Carvalho, o jornal Record trouxe informações sobre a campanha eleitoral durante 20 dias, contendo 35 notícias e duas entrevistas, uma a cada candidato. Por serem gêneros diferentes e por terem sido sujeitos a análises distintas, separámos os artigos diários das entrevistas.

4.3.1 – Os artigos

Nas 35 notícias, António Salvador apareceu por 32 vezes, repartidas por sete aberturas de página, quatro artigos (de rodapé ou coluna) e quatro breves, mais 17 ocasiões em que foi referido em notícias onde não era personagem principal ou não era o único protagonista. Quanto a Nuno Carvalho, foi citado por 27 vezes: três aberturas, seis artigos, sete breves e 11 outras referências, não sendo citado nos dias 22, 29 e 30 de novembro⁴⁰.

Além de ter sido falado mais vezes, o ‘peso’ das notícias foi maior para o lado de Salvador, como é visível pelas sete aberturas de página, que se concentraram sobretudo na reta final da campanha, e no próprio tamanho da sua entrevista, já que teve direito a quatro páginas, enquanto a de Nuno Carvalho não chegou a ocupar duas páginas. Assim, no cômputo geral, Salvador teve maior destaque em 10 dos 19 dias analisados, Carvalho foi mais destacado em quatro e ambos tiveram coberturas semelhantes nos restantes cinco dias.

Em termos do tom das notícias, definimos como *positivas* aquelas em que houve apresentação de trunfos/promessas eleitorais, citações dos candidatos e/ou frases do jornalista em que se enalteceu o próprio candidato/candidatura; *neutras* quando houve apresentação de nomes das respetivas listas, anúncio de ações de campanha, referência muito breve num artigo do outro candidato ou quando o número de frases positivas e frases negativas se equiparava; *negativas* foram as notícias em que se retratam conflitos, desmentidos, citações dos candidatos e/ou frases do jornalista em que se criticava o próprio candidato ou o adversário. Assim, o presidente teve 12 artigos positivos, 11 neutros e nove negativos, enquanto o seu concorrente ficou com nove notícias positivas, oito neutras e 10 negativas. À medida que a data das eleições se ia aproximando, houve uma tendência de o candidato menos conhecido ir sendo retratado cada vez mais de forma negativa, fruto das ações de campanha de Salvador, que eram mais

⁴⁰ Ver anexo 28

destacadas e em que o recandidato criticava, quase diariamente, o seu concorrente. Em sentido oposto, com o avançar dos dias, Salvador foi acumulando notícias de tom positivo⁴¹.

De facto, desde o início, Nuno Carvalho era olhado de lado, dadas as hesitações que teve em candidatar-se e, sobretudo, pelo facto de várias vezes ter dito publicamente que não pretendia ir contra Salvador e que o trabalho do presidente não tinha acabado. Ter mudado de ideias repentinamente foi mais mal visto do que a mudança repentina de António Salvador na intenção inicial de não se recandidatar. Acrescido ao facto de o presidente andar nestas lides desde 2003 e ter granjeado grande prestígio em vários quadrantes, pelo crescimento que o SC Braga teve durante estes 10 anos, e aliado à circunstância de Nuno Carvalho ser praticamente desconhecido de toda a gente, o destaque dado a Salvador e a ideia generalizada de que as eleições eram ‘favas contadas’ tornaram-se naturais. Importa aqui olhar a frequência com que a expressão “caso seja eleito” – e derivadas dela – foi utilizada. Neste parâmetro, Nuno Carvalho ganhou com uma ‘goleada das antigas’, como se costuma dizer no meio desportivo: 11 vezes contra apenas duas aplicadas a Salvador.

Outro exemplo claro da certeza em relação à vitória de António Salvador foi o artigo de 13 de dezembro⁴², em que se fez uma antevisão das eleições, bem como um resumo da campanha eleitoral e das promessas dos candidatos. Desde logo, no título estava escrito “Salvador mede forças”, ou seja, o presidente foi destacado e o opositor não foi referido, dizendo-se apenas no antetítulo que Nuno Carvalho ainda acreditava. No *lead*, escreveu-se que a previsão da lista A era de uma vitória com 90% dos votos e que Salvador não estava muito preocupado com o facto de, pela primeira vez, ter concorrência, dado que “o atual presidente bracarense não perdeu o sorriso e foi com ele que ontem se passeou nos bastidores do Estádio Axa”. Quanto à lista B, referiu-se que Mesquita Machado, que se desentendeu com Salvador e, portanto, fez uma oposição velada ao presidente, poderia arrecadar votos que servissem para “suavizar o fosso na contagem final”. Daí para a frente, a toada foi a mesma: Salvador parecia ter “caminho aberto para a vitória”, mesmo não havendo “sondagens que suscitem uma antecipação do resultado eleitoral”, ao passo que a lista de Nuno Carvalho só podia contar com a ajuda de Mesquita Machado para conseguir minorar a derrota. Na parte em que eram enumeradas as promessas eleitorais, contava-se que António Salvador “não se assusta com o atual momento do Sp. Braga e garante «um novo ciclo vitorioso», continuando a manter as contas com números positivos,

⁴¹ Ver anexo 28

⁴² Ver anexo 25

como aconteceu nos últimos cinco anos” e que o seu adversário “sprintou forte na reta final das eleições, apresentando jogadores com cartaz”, sendo um deles o brasileiro Carlos Alberto “que, a uma rádio, desmentiu qualquer acordo com a lista B”, ou seja, mais uma nota de descredibilização para a sua candidatura.

Como vemos, os protagonistas desta campanha eleitoral não foram apenas António Salvador e Nuno Carvalho. Logo no início, outro nome ganhou força e tempo de antena: o do antigo presidente da Câmara Municipal de Braga, Mesquita Machado. O ex-autarca e, na altura, presidente do Conselho Geral do clube, era um dos nomes previsíveis na lista de António Salvador, como candidato a presidente da Assembleia Geral, em substituição de José Mendes, outro dos intervenientes importantes nesta corrida eleitoral. Porém, quando Salvador apresentou a lista definitiva (26 de novembro), não constava nenhum dos dois nomes. José Mendes não fez alarido, até porque teria a seu cargo a aprovação das listas e o controlo de todo o ato eleitoral, mas Mesquita logo manifestou a sua revolta. Durante quatro dias (entre 28 de novembro e 1 de dezembro), Record fez artigos sobre o desentendimento entre Salvador e Mesquita. No dia 14 de dezembro, o antigo edil de Braga foi citado no artigo sobre o rescaldo das eleições, onde disse que era importante ter havido um ato eleitoral depois de tanto tempo, para que ninguém se sentisse “rei e senhor” do clube – uma indireta para Salvador. Durante toda a campanha, portanto, Mesquita Machado foi a “grande sombra” da lista A, como é dito no artigo de 13 de dezembro. Algo que poderia ter sido bom para Nuno Carvalho, mas não foi. Mais do que lhe ter dado apoio, ainda que não assumidamente, o ex-presidente da Câmara ‘roubou’ protagonismo ao candidato opositor de Salvador, que, já não sendo muito conhecido da generalidade dos sócios, acabou por não sair totalmente do anonimato, dado o combate paralelo entre os outros dois protagonistas. Acrescente-se que quem ficou como candidato a presidente da Assembleia Geral foi outro político, o eurodeputado do PSD, José Manuel Fernandes, o que, aliado ao facto de a Câmara Municipal de Braga, ao fim de quase 40 anos, ter mudado do PS para o PSD, gerou especulações em torno dos interesses e ligações políticas nestas eleições numa instituição desportiva.

Voltando à divisão de protagonismo, é interessante olhar o número de vezes e a forma como foram referenciados os candidatos, as três figuras faladas anteriormente (Mesquita, Mendes e Fernandes) e o novo presidente da Câmara Municipal de Braga, Ricardo Rio. Sem novidade, Salvador foi mais citado do que o seu concorrente: 123 vezes do primeiro contra 106 do segundo. O líder do clube desde 2003 foi referido em 42 ocasiões pelo seu nome composto,

“António Salvador”, e 29 vezes só como “Salvador”. Depois, a referência mais feita foi enquanto figura de poder – “presidente” (oito vezes), “atual presidente” (sete vezes), “líder do clube” (quatro vezes) e “dirigente” (três vezes). Mesmo quando a citação teve a ver com a candidatura, Salvador apareceu em destaque, como se comprova pelo uso de “lista de António Salvador” (quatro vezes), além das referências a “lista A” (cinco vezes) e “candidato da lista A” (duas vezes). Houve também alusões únicas a “candidatura do atual líder”, “o ainda presidente”, “líder da continuidade”, “aquele que gere os destinos do Sp. Braga” e “vencedor anunciado”.

Estas foram as palavras utilizadas pelos jornalistas, mas ainda se acrescentou o discurso direto. Assim, Salvador foi citado por Nuno Carvalho e pelo porta-voz da lista B, Nuno Ferreira; pelos jogadores Eduardo e Pardo; por dois integrantes da sua lista, José Manuel Fernandes e Fernando Oliveira; por Mesquita Machado, por Marcelo Rebelo de Sousa e...por ele próprio. O concorrente disse que o presidente era um “vendedor de sonhos”, tratou-o por “senhor António Salvador” e criticou, na apresentação da sua candidatura, os impasses da “atual direção”, enquanto o porta-voz da lista B falou em “Salvador” aquando do desentendimento entre este e Mesquita Machado. O guarda-redes Eduardo, no início da campanha eleitoral, disse que o grupo de trabalho estava tranquilo, depois das palavras que “o presidente” lhes transmitiu, ao passo que o seu companheiro de equipa, Felipe Pardo, admitiu que, se fosse sócio, votava no “presidente atual”. Numa ação de campanha, José Manuel Fernandes aludiu à “credibilidade de António Salvador”, enquanto Fernando Oliveira reforçou a confiança numa vitória da “lista A”. Já Marcelo Rebelo de Sousa, no seu comentário semanal na TVI, expressou o desejo de que “António Salvador” ganhasse as eleições. No fim do dia eleitoral, como já foi referido, Mesquita Machado enalteceu a importância do ato, para que “ninguém se sinta rei e senhor do Sp. Braga”; antes, numa conferência de imprensa dada na altura em que se desentendeu com Salvador, Mesquita referiu-se a duas vezes a “ele”. Finalmente, no seu discurso de agradecimento, Salvador salientou a vitória da “lista A” e o trabalho feito por “esta direção”.

O opositor de Salvador também foi tratado em bastantes situações por dois nomes, “Nuno Carvalho” (48 vezes), mas em muitas menos apenas pelo apelido – três vezes. As referências foram, sobretudo, à condição de aspirante à presidência e de cabeça de lista: “candidato” (13 vezes), “lista B” (11 vezes), “candidato da lista B” (cinco vezes), “lista de Nuno Carvalho” (três vezes), “empresário” e “o opositor de Salvador” (duas vezes cada). O caráter de duelo com o presidente esteve também presente, uma vez cada, em “candidato que concorre com António Salvador”, “candidato opositor”, “lista concorrente de Nuno Carvalho”, “líder da lista B”,

“adversário”, “opponente”, “oposição” e “concorrência”. Quanto a citações diretas, elas vieram quase todas de António Salvador, que se referiu a Carvalho e à sua lista como “aventureiros” (duas vezes), “quem está ligado a um passado condizente com o processo registado nos últimos anos”, “alguém diz que eu sou um vendedor de sonhos”, “quem apareceu”, “todos os que atacaram, a mim e ao clube” e “sonhadores”. Outros dois elementos da lista A também se pronunciaram sobre Carvalho. José Manuel Fernandes citou a “lista adversária” e Fernando Oliveira pediu que “eles” cedessem à lista A, caso ganhasse as eleições, o projeto de cinco milhões pelo *naming* do estádio. O próprio Nuno Carvalho referiu-se como “candidato” e mencionou a “lista B”.

Os intervenientes políticos nestas eleições foram, naturalmente, falados menos vezes do que os candidatos, mas mesmo assim foram dignos de nota. Mesquita Machado foi referido em 49 ocasiões, comprovando que foi uma espécie de terceiro concorrente à cadeira de presidente do clube. O antigo edil da cidade foi mencionado como “Mesquita Machado” (18 vezes), “antigo presidente da Câmara Municipal de Braga” e “Mesquita” (seis vezes cada), “antigo autarca”, “antigo edil” e “candidato à liderança da AG” (três vezes cada), “antigo líder da Câmara” (duas vezes) e uma vez como “possível substituto de José Mendes na presidência da assembleia geral”, “presidente do conselho geral”, “eventual líder da SAD”, “MM”, “o homem que presidiu durante 37 anos à Câmara Municipal de Braga”, “o reator”, “quem comandou não só a autarquia mas também o Sp. Braga” e “grande sombra” da candidatura de Salvador. O ex-presidente da Câmara foi também citado pelo porta-voz da lista B - “Mesquita Machado” – e por António Salvador, que se referiu ao “cidadão Mesquita Machado” e a “todos os que atacaram, a mim e ao clube”, sendo que esta indireta também foi para Nuno Carvalho.

Menos destaque tiveram os dois protagonistas do PSD. O candidato a presidente da AG do clube foi referenciado em nove ocasiões: “José Manuel Fernandes” (cinco vezes), “eurodeputado” e “candidato à assembleia geral” (duas vezes cada). Já o atual presidente da Câmara de Braga foi falado por sete vezes, sendo denominado como “Ricardo Rio” (duas vezes), “poder laranja que agora domina a cidade dos arcebispos”, “o político que pintou de laranja um concelho que era rosa”, “edil de Braga”, “autarca”, “apoiente de Salvador”. Finalmente, outro dos excluídos da lista de Salvador, José Mendes, foi referido por cinco vezes: uma pelo seu nome, outra como “presidente da assembleia geral” e, nas restantes, citado por Nuno Carvalho como “presidente da AG” (duas vezes) e “José Mendes”.

Em relação aos destaques de capa, apesar de terem sido só quatro, não fugiram da tendência de destacar factos relacionados com Salvador. No dia 29 de novembro, na parte de cima da primeira página, falou-se do desentendimento entre o presidente e Mesquita Machado, com o ‘carimbo’ de “Rutura” e a legenda “Mesquita Machado distancia-se de António Salvador”. No dia 6 de dezembro, o destaque foi para a entrevista de Salvador ao jornal, aparecendo no rodapé da página, numa coluna, a citação “Braga campeão não é impossível”. No mesmo fundo da página, mas numa coluna mais pequena e num dia diferente – 12 de dezembro – surgiu a chamada para a entrevista concedida por Nuno Carvalho, com a frase “Quero um Sp. Braga campeão”. Ou seja, com palavras diferentes, o destaque acabou por ser o mesmo: a ambição dos candidatos de atingir um título inédito. Por fim, no dia 14 de dezembro, após as eleições, apareceu no cabeçalho da página o título “Salvador arrasa Carvalho”. No entanto, registre-se que este destaque surgiu na mesma posição do de 29 de novembro, mas o espaço foi mais alargado para a quezília entre Salvador e Mesquita. Mais: o relevo dado ao triunfo de Salvador foi menor porque também se assinalou que o jogador Éder foi sujeito a uma operação.



Imagem 1 - Destaques de capa do jornal Record

Ao longo dos 19 dias analisados, alguns artigos mereceram um olhar mais atento. Desde logo, aquele último, o do rescaldo das eleições⁴³. O louvor a Salvador foi elevado pela força das palavras. No subtítulo podia ler-se “Líder da continuidade registou uma vitória eleitoral esmagadora de 87 por cento”, com o título a ser “Claro, Salvador olé”. O “claro” reforçava a previsibilidade da reeleição, enquanto o “Salvador olé” era referência a uma música que os adeptos bracarenses cantam para o presidente, mas também uma forma de festejo. Ao longo do

⁴³ Ver anexo 26

texto, o ‘arraso’ anunciado no destaque de capa foi sendo notório: “Quando António Salvador exerceu o seu direito de voto, às 12.35, o sinal de vitória já estava no ar. Tudo se confirmou com um triunfo esmagador daquele que gere os destinos do Sp. Braga desde fevereiro de 2003”. Além da força da percentagem de votos que o presidente arrecadou, outros números deram força ao triunfo de Salvador, como quando foi referido que “num total de 3.080 sócios votantes, houve apenas 11 nulos e 21 em branco, mais um sinal de que quem exerceu o seu direito quis mesmo mostrar que conta com... António Salvador!” - o que ajudou a que se fizesse história “pela simples razão de que se tratou do maior ato eleitoral do clube” -, ou no momento em que se apontou que “Salvador fechou o seu discurso de vitória e ficou com a lágrima no canto do olho perante uma sala com perto de 200 adeptos”. A emoção de Salvador não lhe tolheu o juízo, pois, nesse mesmo discurso, lançou “algumas farpas à concorrência” que teve nas eleições: «Os sócios não se deixaram levar pelos aventureiros que fizeram da calúnia a sua bandeira nos últimos tempos. (...) Espero que com este sinal todos os que atacaram, a mim e ao clube, enterrem de vez o machado de guerra»”. Tudo isto ilustrado com uma foto de Salvador, triunfante, de braços no ar.

Em contraste com a congratulação do homem eleito, estiveram as últimas palavras de alguma desvalorização da candidatura oponente. Escreveu-se que “de nada valeram os argumentos de Nuno Carvalho e da lista B, pois cedo se percebeu que os sócios do Sp. Braga (...) não o deixariam «tomar de assalto o clube», como catalogou Salvador, quando carregado em ombros”. Foi lembrado também o desmentido do empresário de Carlos Alberto, jogador que o candidato disse que ia contratar caso vencesse o sufrágio. Ao desmentido, Carvalho respondeu com outro desmentido, declarando que tudo o que prometeu era verdade, mas isso foi visto como uma tentativa de “minimizar os danos de uma aposta que não surtiu efeito” nas urnas. Finalmente, ficou o esclarecimento do presidente da Câmara, Ricardo Rio, de que a mistura entre política e desporto nestas eleições foi pura especulação, já que a “[a]proximação entre o Sp. Braga e a Câmara nunca esteve em causa” porque “[o] clube é um ativo estratégico para a cidade”, mesmo que não tivesse algum elemento do PSD na direção. Isto além das palavras de Mesquita Machado, a que já se aludiu, quando exaltou a importância das eleições para que ninguém se sentisse dono do SC Braga.

Seguindo por ordem cronológica, destacou-se a apresentação da candidatura de Nuno Carvalho, a 21 de novembro⁴⁴. Naturalmente, além das primeiras palavras e ideias para o clube

⁴⁴ Ver anexo 7

enquanto candidato, puxou-se pelas hesitações que teve para avançar. “Estranho” foi o subtítulo que introduziu o tema. Lembrou-se que “[n]uma primeira fase, Nuno Carvalho afirmou que só avançaria caso António Salvador abandonasse o clube, mas algo o fez mudar de ideias e agora assegura que vai mesmo até ao fim”. De qualquer modo, foi dada a oportunidade ao candidato para se justificar: “O que me fez avançar foram os impasses da atual direção. Ainda não tive nenhuma explicação sobre as razões que levaram a que as eleições fossem adiadas. A irregularidade detetada na lista podia ter sido corrigida e não foi”, explicou. Um pormenor importante nesta abertura de página foi o relato da apresentação da candidatura, que revelou o pouco mediatismo a que Carvalho estava habituado: “À chegada, o empresário não escondeu um largo sorriso por ver um contingente tão grande de jornalistas à espera. As primeiras palavras, após ser oficialmente candidato, foram mesmo junto a um dos portões do estádio”. Outro dado interessante foi o título do quadro onde apareciam os principais nomes da candidatura de Nuno Carvalho: “Figuras da lista que desafia Salvador”, sendo que o presidente ainda não tinha confirmado a recandidatura. A foto que acompanhava a abertura da página, onde aparecia Nuno Carvalho, sorridente, a fazer sinal com dois dedos, teve a curiosa legenda “V de Vitória - Nuno Carvalho mostrou-se bastante confiante”. Ora, a polissemia do “V de Vitória” podia indicar a intenção do candidato de vencer as eleições ou dar ideia de uma ‘provocação’ em relação ao rival do SC Braga, o Vitória de Guimarães.

Já depois de Salvador ter assumido que ia à luta, Carvalho lançou as primeiras acusações. A 26 de novembro⁴⁵, o candidato questionou a gestão financeira feita pela direção e revelou que queria fazer uma auditoria, por ter receio de “encontrar dívidas avultadas”. Admitiu ter “andado na sombra”, mas que “os sócios não podem só estar preocupados em saber se a bola entra”. “Eu não quero ver o meu clube como o V. Guimarães e não vou permitir que o Sp. Braga se endivide” foi a frase mais forte. No mesmo dia foram divulgadas as palavras de Salvador, que afirmou que o futuro do clube não podia ser “hipotecado por meras aventuras de quem está ligado a um passado condizente com o processo registado nos últimos anos”.

A troca de acusações entre os candidatos começou acesa, mas teve uma paragem mediática derivada da rutura entre Mesquita Machado e António Salvador. No dia 28 de novembro⁴⁶, o título da notícia de rodapé dá conta de “Salvador e Mesquita em guerra”, uma “guerra que deixou de ser surda”, isto é, que não se escondia mais que existia. Escreveu-se que

⁴⁵ Ver anexo 10

⁴⁶ Ver anexo 12

António Salvador “surpreendeu com a novidade de uma mudança no nome do presidente da assembleia geral”. Como referido anteriormente, o escolhido foi José Manuel Fernandes, eurodeputado do PSD, “a cor política que gere a Câmara depois de 35 anos de domínio socialista com Mesquita Machado ao leme”. O jornalista deduziu, portanto, que houve razões políticas por detrás desta mudança repentina, acrescentando que “a «colagem» de Salvador ao novo domínio partidário parece óbvia e até natural, uma vez que grande parte dos projetos para o futuro do clube (...) está dependente do apoio camarário”. Mesmo estando “de costas voltadas” com Salvador, Mesquita Machado não se bandeou para a lista concorrente. Pelo menos não de forma assumida pelas partes.

A segunda etapa aconteceu a 29 de novembro, com uma conferência de imprensa dada por Mesquita Machado, em que se esperava que explicasse o que estava a suceder e, eventualmente, anunciasse uma candidatura à presidência do clube, o que não aconteceu, mas a troca de acusações com Salvador aqueceu. “Mesquita arrasador” foi o título escolhido para ilustrar esta notícia, em que, “sem papas na língua”, o antigo autarca “disparou” e “atirou-se a Salvador”. O ex-edil bracarense contou que só tinha aceitado ser candidato à assembleia geral porque o presidente insistiu muito, mas depois o cenário mudou. “Houve uma irregularidade, ele lá saberá porquê, e depois comunicou-me que eu não estaria na nova lista. Foi um gesto indigno, que me magoou e me deixou desiludido. Tenho um passado no clube, ao contrário dele”, além de argumentar que tinha palavra, ao contrário de António Salvador. O envolvimento da política local nestas eleições era notória, embora Mesquita não o assumisse: “Se alguém pretende misturar vida partidária com o clube, é lá com eles...”. Não se candidatando, para “não causar mais estragos”, apesar de ser só do Sp. Braga, “ao contrário de pessoas que estão no clube”, o antigo autarca deixou no ar que estava disponível para ter qualquer cargo no futuro.

No dia seguinte⁴⁷, o terceiro episódio desta saga. No rescaldo da vitória do SC Braga frente ao Olhanense, Salvador passou pela zona mista para dizer “não cedo a pressões” – é este o título da notícia. Não esclareceu “as razões que levaram ao afastamento de Mesquita Machado”, mas disse ter respeito pelo “cidadão Mesquita Machado”, pela obra feita na cidade e no clube. “Confiante em continuar a liderar os arsenalistas”, escreve o jornalista, Salvador reiterou: “Estou aqui para servir o clube, tal como o tenho feito nestes últimos dez anos e só espero que esta seja uma campanha limpa e não de roupa suja”. Ao mesmo tempo, o presidente lembrou os 10 anos de sucesso do clube aos seus comandos – prática recorrente durante a campanha – e

⁴⁷ Ver anexo 14

lançou uma farpa aos opositores. Contou-se que Mesquita Machado viu o jogo na bancada, não ocupando o seu lugar no camarote presidencial (“até já terá enviado para o clube o cartão que lhe dava acesso à zona VIP”, revela o jornalista). Foram dadas ainda duas explicações para o acirrar do conflito. Primeiro, o facto de “Mesquita Machado se ter posicionado para uma futura corrida pela presidência”; depois, porque “MM exigiu a António Salvador um cargo na administração da SAD, situação que o atual presidente não aceitou. E começou aí a confusão...”.

O último capítulo e resumo desta novela surgiu no dia 1 de dezembro⁴⁸. Sob o título “Xeque ao bispo”, o que constituía uma metáfora relacionada com xadrez (não só pelo ‘xeque-mate’ ao bispo’, mas igualmente pela vertente estratégica) e com religião, porque Braga é conhecida como ‘cidade dos arcebispos’, escrevia-se que “as pedras estão em movimento no tabuleiro político-desportivo de Braga”, ou seja, era demasiado claro que estas eleições estavam já marcadas por um grande envolvimento da política local. “Embora não assuma a corrida eleitoral, vai tentar desviar votos para o opositor de António Salvador”, referia-se, em relação a Mesquita Machado, uma “figura agregadora na cidade” e “reator da campanha de Nuno Carvalho”, como foi caracterizado. Foi revelado que o candidato até ofereceu a liderança da SAD do clube a Mesquita Machado e este não aceitou, demarcando-se de uma ligação direta às eleições, isto depois de Salvador lhe ter recusado um cargo de administrador executivo da mesma sociedade. “Uma situação que o líder não podia garantir, pois o clube não tem a maioria das ações da SAD”, recordava-se. A abertura de página deste dia acabava com mais uma revelação: “Record sabe que o momento em que saltou a tampa a Mesquita Machado deu-se quando Salvador lhe propôs ser o seu ‘braço direito’, o que foi considerado uma ofensa para quem comandou não só a autarquia mas também o Sp. Braga, indicando os presidentes, como aconteceu, aliás, com o próprio António Salvador – hoje um dirigente já enamorado pelo poder laranja que agora domina a cidade dos arcebispos”. De referir também a foto que acompanhava o artigo, em que se via Salvador em cima, no camarote, e Mesquita Machado em baixo, na bancada.

No dia 5 de dezembro⁴⁹, a lista B lançou a suspeita de que havia funcionários do clube a trabalhar na campanha da lista A. Uma “denúncia” que a candidatura de Salvador classificou como “manobra de diversão”, voltando a apelar a uma “campanha limpa, sem truques ou ataques”. No entanto, quem mais atacou foi mesmo António Salvador. No dia 7 de dezembro⁵⁰, sob o título de citação “Um projeto credível e sem vender ilusões”, dava-se conta da resposta do

⁴⁸ Ver anexo 15

⁴⁹ Ver anexo 18

⁵⁰ Ver anexo 20

presidente ao epíteto que Carvalho lhe deu – “vendedor de sonhos”. Na tentativa de “frisar a credibilidade da sua candidatura”, numa ação de campanha, o presidente apelou ao voto e “qualificou os associados do clube como «inteligentes»”. “Eles sabem a credibilidade que conquistámos”, disse Salvador, ou seja, a demonstração de inteligência dos associados, deduz-se, seria votar nele.

Dois dias depois⁵¹, num lanche em que o líder do clube conviveu com dezenas de adeptas bracarenses – como ilustrava a foto do artigo – e até lhes entregou flores, as “críticas à oposição” aumentaram de tom, com “Salvador e os seus pares” a contestarem “promessas de milhões” da lista B. Mais uma vez, o recandidato bateu na tecla de não vender sonhos: “Os sócios têm de escolher se querem um clube para continuar a crescer ou escolher alguém que diz que eu sou um vendedor de sonhos, mas que tem um projeto que, esse sim, é de sonhadores”. Falando em sonhos (realizados, no caso), “o ainda presidente” não deixou de recordar “a obra que realizou”, algo que José Manuel Fernandes, candidato a presidente da AG pela lista A, reforçou: “Fez algo que muitos diziam ser uma utopia, como lutar pelo título ou andar na Champions”. O eurodeputado foi “bem mais contundente” do que o seu líder nas críticas à oposição: “Não conheço nenhuma ideia da lista adversária, mas afirmações como aquelas onde dizem ter 20 milhões de euros só descredibilizam quem as profere”. Porém, este foi um dia em que Nuno Carvalho deixou de lado as promessas eleitorais e também entrou na troca de acusações. Primeiro, criticou a recorrente lembrança de Salvador em relação ao que de bom o clube conseguiu no passado recente: “Falar do que fizemos no passado não faz com que se ganhem jogos. Eu e os adeptos do Sp. Braga queremos vencer jogos”, alertou, apesar de ter dito, dias antes, que “os sócios não podem só estar preocupados em saber se a bola entra”. A quatro dias das eleições, mesmo com todo o descrédito, fez uma declaração assertiva: “Chegou a altura de dizer basta. Sábado será o último jogo sob a letargia do senhor António Salvador. Parece que anda mais preocupado em tentar solucionar os seus problemas pessoais e empresariais do que em impor respeito pela camisola do Sp. Braga”.

No dia 11 de dezembro⁵², Salvador juntou 350 apoiantes num jantar que representou “a sua maior ação de campanha”. Parafraseou Barack Obama para dizer “sim, nós podemos ser campeões”, uma “tirada absolutamente presidencial” com que o líder bracarense “arrancou o aplauso da noite”. Sem novidade, não esqueceu as provocações aos opositores: “Se dizem que

⁵¹ Ver anexo 21

⁵² Ver anexo 23

eu vendo ilusões posso sempre responder-lhes dizendo que não vendo mentiras”. Voltando à sua candidatura, declarou que “ninguém vai parar esta onda”, o que simbolizaria “a derrota dos aventureiros que querem tomar de assalto o nosso Sp. Braga”. Uma grande confiança, sem acusar pressão, como ficou patente no ar sorridente de Salvador, demonstrado na foto do artigo.

A última ocorrência digna de registo foi na véspera das eleições⁵³, quando a lista B revelou a suspeita de nova irregularidade na lista adversária, tendo solicitado reunião urgente com o presidente da Assembleia Geral, José Mendes, que “recusou e confrontou” Nuno Carvalho “de modo estranho”. “Caso se conclua que a atitude do presidente da assembleia geral, de ocultar e impedir acesso aos documentos, seja ilegal a Lista B irá solicitar a impugnação do ato eleitoral”, avisou a candidatura. Foi ‘só fumaça’ e tudo decorreu com normalidade no dia 13 de dezembro.

4.3.2 – Entrevista a António Salvador

Começamos por analisar a entrevista feita a António Salvador, até por ter sido a primeira a ser editada, a 6 de dezembro⁵⁴. Desde logo, houve dois elementos distintivos em relação à de Nuno Carvalho: o primeiro, como já se disse, foi ter o dobro do espaço em termos de páginas (quatro contra pouco menos de duas); o segundo foi que quem fez a entrevista foi António Magalhães, atual diretor do jornal, que, na altura, tinha estatuto de ‘redator/repórter principal’, fazia parte da redação de Lisboa e veio de propósito ao norte do país para fazer este serviço.

A entrevista foi muito focada no passado, presente e futuro de Salvador e do clube. Das 62 questões colocadas pelo jornalista, 53 remetiam para a campanha eleitoral de Salvador ou para a equipa de futebol (presente), para as conquistas desportivas e financeiras do clube desde 2003 (passado) ou para promessas eleitorais (futuro). Sobre a oposição nas eleições foram colocadas sete perguntas e outras nove foram acerca de relações de amizade/inimizade de Salvador com outros protagonistas do futebol português e acerca de questões não diretamente relacionadas com o SC Braga, versando mais a faceta empresarial de António Salvador. O resultado desta contagem excedeu as tais 62 perguntas, visto que algumas delas se encaixavam em mais do que uma das categorias enumeradas.

Assim, sobre a campanha eleitoral (incluindo as indecisões de Salvador em avançar com a candidatura, promessas eleitorais, críticas de e à oposição, a relação SC Braga – Câmara

⁵³ Ver anexo 24

⁵⁴ Ver anexo 19

Municipal e a quezília com Mesquita Machado) foram feitas 26 perguntas. Em nenhuma ocasião Salvador referiu o nome de Nuno Carvalho, existindo apenas referências indiretas à oposição. Quando questionado sobre o facto de, pela primeira vez, ter um adversário nas eleições, o presidente respondeu que “hoje o Sp. Braga é um clube apetecível”, ou seja, com o crescimento que o clube teve durante a sua presidência, era natural e até mais fácil alguém como Nuno Carvalho ter-se candidatado ao cargo. Acrescentou que não precisava de protagonismo - “eu estou cá e não preciso de qualquer visibilidade” – ao contrário do adversário, pois “há quem faça tudo para conseguir ter notoriedade e chegar ao poder”. O que não foi novidade foi a referência às hesitações de Nuno Carvalho, por parte do líder bracarense: “Eu não troco de opinião de um momento para o outro e em função das ocasiões”. Em resposta às acusações de má gestão financeira, António Salvador argumentou que “as pessoas não sabem o que estão a dizer (...). As pessoas deviam olhar com atenção para os números dos relatórios”. Uma ‘manobra de diversão’ que servia para que se esquecesse os sucessos dos últimos anos, algo que “ninguém pode esconder e escamotear”. Era agarrado a esses êxitos que o dirigente dizia que os sócios “terão de escolher se querem continuar neste caminho de crescimento ou se querem voltar ao tempo que já falei de instabilidade”, uma inconstância que aconteceria se Nuno Carvalho vencesse. O presidente esclareceu ainda que “as irregularidades de que se falam não têm fundamento” e que a inclusão de José Manuel Fernandes na lista (e a exclusão de Mesquita) “não valida que se possa dizer que haja interesses políticos no Sp. Braga”. Finalmente, em resposta a outra crítica da oposição, António Salvador explicou que “ao contrário do que dizem não acabaram as modalidades”, sendo que revitalizar o atletismo e a natação era uma das promessas eleitorais de Nuno Carvalho.

Posto isto, verificámos em que condição foram feitas as perguntas a António Salvador ou em que condição lhes respondeu, isto é, enquanto presidente do clube, enquanto candidato à presidência ou enquanto empresário/em nome pessoal. Ao ‘presidente António Salvador’ foram colocadas 46 questões, ao ‘candidato Salvador’ foram feitas 12 perguntas e o ‘homem/empresário’ foi questionado por quatro vezes. Constatou-se, portanto, que a posição de poder se destacava em relação à figura de recandidato ao cargo, tal como acontecia no caso brasileiro, citado no ponto 3 deste capítulo.

Visto que, ao longo da campanha, Salvador referiu, constantemente, os sucessos desportivos e financeiros do clube nos seus anos de presidência e o que de bom ainda estava por vir, tentando esquecer o mau momento que a equipa de futebol passava naquela altura, importava

observar se havia um padrão temporal nas perguntas e nas respostas. Desta forma – e havendo, mais uma vez, questões que cabem em mais do que uma ‘gaveta’ -, 44 questões remetiam para o presente, 27 que referiam o passado e 12 que apontavam para o futuro. Em todas elas, apenas seis tinham referência a conquistas financeiras ou desportivas. Por outro lado, as respostas de António Salvador não condiziam muito com o que lhe era perguntado. O maior exemplo disso foi quando o jornalista o questionou se o jogo seguinte, com o FC Porto, seria o ideal para “dar uma sapatada em definitivo na crise” de resultados e o líder bracarense respondeu que o Porto “é um grande clube, ali não há crises”, acrescentando que “a estabilidade é um ponto comum aos clubes que conseguem ter sucesso”, dando como exemplo os portistas, o Benfica e o próprio Braga, lançando duas questões: “Antes das estruturas que têm desde há alguns anos, qual era o êxito que tinham? O que tem sucedido ao Sporting e ao V. Guimarães ao longo deste tempo com as sucessivas trocas de liderança?”. Em todo o caso, o número de respostas com referências ao presente e ao passado assemelhou-se, 55 contra 50, existindo também um número elevado de referências ao futuro (27), comparando com o número de perguntas que para lá remetiam. Pouco surpreendente foi o volume de respostas em que o presidente referiu sucessos desportivos ou da sua gestão financeira: foram 25 no total.

Contabilizando a frequência de palavras nas primeiras pessoas do singular e do plural, houve clara tendência do líder minhoto em falar mais de si e não tanto em nome coletivo: 134 vezes no singular e 105 vezes no plural, sendo que este foi mais usado a partir do meio da entrevista. As palavras mais utilizadas são “minha” (10 vezes), “temos” (oito vezes) – não contando com as ocasiões em que aparecia como verbo auxiliar -, “comigo” (sete vezes), “nosso/a” e “estou” (seis vezes cada), o que poderia indicar um carácter possessivo por parte de António Salvador. Atenção também para outra palavra-chave no discurso de Salvador: a “missão”, referida por cinco vezes, de estabilizar financeiramente o SC Braga e de fazê-lo crescer, algo que pretendia continuar a cumprir.

A introdução às quatro páginas de conversa até foi elogiosa para o presidente: “Chegou há 10 anos ao Sp. Braga e transformou o clube num caso de sucesso”. Depois, não podemos dizer que o entrevistador facilitou a vida ao candidato da lista A. Além de ter sido uma entrevista longa, com muitas perguntas e respostas quase sempre curtas, essas questões não fugiram aos assuntos polémicos. Desde logo, aludiu-se à pretensa ligação que António Salvador tinha com outro clube nortenho: “Sempre assumiu a sua simpatia pelo FC Porto. Hoje, após dez anos no Sp. Braga e pronto para mais três, admite ser presidente de outro clube?”. Um rotundo “não” foi

a resposta. E prosseguiu: “Sou sócio de apenas um clube: o Sp. Braga. E nunca fui de outro, ao contrário do que possam dizer. Logo, não posso ser presidente de mais nenhum clube. Nem quero”, avisou. A ‘provocação’ não ficou por aqui, já que logo a seguir o entrevistador interrogou se Salvador “[p]rocurou «imitar» alguém quando se lançou nesta aventura do dirigismo”, uma referência indireta a Pinto da Costa. “Tenho as minhas convicções e são essas que procuro seguir”, respondeu.

Como não podia deixar de ser, o desentendimento com Mesquita Machado foi abordado. A maior curiosidade desta parte da entrevista acabou por ser a foto que a ilustrava: Salvador junto ao busto do antigo edil, exposto no museu do clube. Quanto às perguntas, a primeira foi “Desde a primeira hora que contou com o apoio de Mesquita Machado. O que aconteceu para ele ter passado para o outro lado?” – ainda que, oficialmente, o ex-autarca não tivesse “passado para o outro lado”. O presidente disse que “não se passou nada, a história é que não está bem contada”, mas também não foi ele a contá-la (apesar da insistência do jornalista), por respeitar Mesquita e continuar a ser amigo dele. Quando interrogado se “[n]ão fica magoado” com a situação criada, o líder do clube contou que não e que também não mudava de opinião em relação a Mesquita Machado em função das circunstâncias e das declarações proferidas. No entanto, não aceitava as acusações que lhe foram feitas: “O eng.º Mesquita Machado sabe que as coisas não foram como têm sido contadas (...). Convidei-o para estar comigo no projeto e ele não aceitou. Além disso, as irregularidades de que se falam não têm fundamento. O processo de candidatura foi limpinho, limpinho, limpinho”. Ainda na senda das relações entre política e futebol, foi perguntado ao presidente do SC Braga se “[t]em já sentido da nova câmara o apoio que reclama” e “[o] que entende que deve ser esse apoio”. Assumindo que o clube “jamais poderá dissociar-se da câmara”, já que o Braga “atingiu tal dimensão que as duas instituições têm de estar em sintonia” e uma rutura “seria prejudicial para a cidade”, essa asserção “não válida que se possa dizer que haja interesses políticos no Sp. Braga”, até porque “[s]e há alguém que separou a política deste clube com a câmara chama-se António Salvador”, recordou.

As indecisões iniciais também não foram esquecidas. Foi perguntado a António Salvador “o que o levou a alimentar o tabu da recandidatura”, ao que este respondeu que “a hesitação teve que ver com o trabalho desgastante” que acumulou desde 2003 e que “depois de muitos apelos” acabou por avançar, apesar de até já ter um nome em mente para lhe suceder, alguém que “desafiou” (é a palavra usada pelo jornalista na pergunta), mas que não revelou quem foi. O

entrevistador insistiu e questionou se “não se tratou de uma estratégia premeditada para provocar uma vaga de fundo”, hipótese negada veementemente.

Na fase de confrontar o recandidato com as acusações da oposição, todas refutadas e justificadas com a força dos números por Salvador, o jornalista perguntou: “Não estranha que surjam este tipo de críticas quando a imagem que existe é que o Sp. Braga tem sido um caso de sucesso exemplar?”. Foi nesta altura que o presidente disse que havia quem fizesse tudo para chegar ao poder, voltou a elencar os méritos desportivos e financeiros do clube nos últimos 10 anos e concluiu, dizendo que estava no Braga “por missão”, ao que o entrevistador retorquiu “[e] por dinheiro, está?”, o que levou o dirigente bracarense a apontar que “nunca ao longo destes dez anos a administração da SAD auferiu salários”.

As relações extra-futebol também foram abordadas na entrevista, nomeadamente a ligação empresarial entre os presidentes de Braga e Benfica – Salvador contou que “não foi o futebol que [os] uniu, antes pelo contrário” – e a influência de Jorge Mendes no clube bracarense, que o jornalista assumiu ter-se reduzido, questionando “o motivo para este afastamento”, sendo que o presidente negou que houvesse algum desentendimento e, mais uma vez, disse que já era amigo do empresário antes de presidir o SC Braga.

Outro assunto delicado era a má temporada que a equipa principal de futebol estava a fazer, depois de se terem gerado grandes expectativas no início. Começou com a “frustração da saída da Europa”, como colocou o jornalista, mas António Salvador mostrava-se confiante de que o cenário ia melhorar e admitiu que os ‘solavancos’ eram naturais, pela mudança de ciclo, que previa vir a ser vitorioso. Perguntado se “não foi um grande risco” fazer tamanha revolução, Salvador referiu que estava ciente do que fez e convicto de que os resultados iam ser bons, embora admitisse que, tal como o entrevistador interrogou, estava a ser “mais complicado do que esperava”. Questionado sobre se em algum momento pensou em trocar de treinador, o líder do clube foi perentório: “Nunca! (...) O pior que pode acontecer numa organização e que a fragiliza é o impasse, a dúvida, e a saída do treinador nunca esteve na minha mente. Acredito que Jesualdo Ferreira vai alcançar aquilo a que nos propusemos”. Aqui, o jornalista lembrou a impaciência que o presidente teve com o insucesso de outros treinadores, perguntando se “admite que noutros tempos poderia ter reagido mais a quente”, algo que Salvador confirmou, mas sempre foi dizendo que era uma lição que tinha aprendido. Certo é que, dois meses depois, Jesualdo foi mesmo demitido.

Porém, a entrevista também versou sobre assuntos mais agradáveis para o presidente do SC Braga. Como vimos anteriormente, houve seis perguntas que referiam sucessos desportivos e financeiros, méritos da direção de Salvador. Uma delas foi sobre o melhor momento destes 10 anos, que o presidente, emocionado, elegeu como tendo sido o jogo entre Sevilha e Braga, que valeu a primeira qualificação do clube para a Liga dos Campeões. As questões sobre as promessas eleitorais também foram favoráveis ao recandidato, nomeadamente quando se abordou o aumento no número de sócios desde 2003: de 12 mil passou para 31 mil e a meta era atingir os 40 mil associados. Quando se falou da oposição, o tom foi mais positivo para o homem no poder. António Salvador admitiu gostar da exigência e do desafio de ter um adversário na corrida à presidência. Seguindo esse caminho, o jornalista lembrou que “Nuno Carvalho inicialmente abdicaria se Salvador avançasse”, mas “[a]final, vai a votos”, questionando “[q]ue explicação tem para este volte-face”, ao que o dirigente respondeu que não tinha ideia, porque não mudava de opinião de um momento para o outro e seguia o rumo que traçou para continuar a construir o projeto delineado. Finalmente, quando se perguntou, a propósito de treinadores, se lhe dava “um gozo especial ver que quem passa pelo banco do Sp. Braga tem dado o salto para outros voos”, António Salvador não foi de falsas modéstias: “Não fico indiferente à situação, até porque todos eles têm sido uma aposta pessoal minha. É com orgulho que constato o acerto das opções e o reconhecimento dos seus trabalhos”. Refira-se que na foto que ilustra esta parte, em que se fala nas “apostas pessoais”, Salvador aparecia de pé, apoiado no cadeirão da sua secretária, tendo atrás de si um painel onde se lia “Construímos uma Equipa, Erguemos um Clube”, a ilustrar uma foto da construção do estádio municipal. Mais abaixo, alguns troféus e lembranças de participações na Liga Europa, sinais que remetiam para um passado recente vitorioso, que o presidente sempre recordou ao longo da entrevista.

4.3.3- Entrevista a Nuno Carvalho

Significativamente menor do que a do seu adversário – 18 perguntas e um espaço que não chegou a duas páginas completas -, a entrevista de Nuno Carvalho surgiu na véspera do dia eleitoral, pelo que não houve grandes novidades no discurso proferido: demonstrou confiança em ser eleito, apontou a ambição de fazer do Braga campeão, criticou o oponente, reforçou e especificou as suas promessas eleitorais⁵⁵.

⁵⁵ Ver anexo 24

Mesmo nesta entrevista, o presidente teve bastante destaque, já que houve nove questões sobre António Salvador ou em que ele foi citado; de resto, 10 perguntas foram acerca das ideias e promessas de Carvalho e outras duas sobre o que pensava da equipa e do treinador Jesualdo Ferreira. De salientar que o próprio candidato deu azo a que o líder do clube fosse destacado, já que fez várias referências diretas (recorde-se que o dirigente não lhe fez nenhuma) e indiretas. Efetivamente, apenas em cinco das 18 questões não houve alusões a Salvador.

Quando foi perguntado “[a] que atribui os maus resultados” da formação principal, Nuno Carvalho lembrou que tudo começou quando “o António Salvador foi ao balneário despedir-se” e que “António Salvador deixou toda a gente apreensiva” com o receio de se cair num vazio diretivo. O candidato estava seguro de que a sua mensagem estava a passar para os sócios e que o seu opositor o sabia: “António Salvador já se apercebeu disso e anda a reboque das nossas ideias”. Avisou ainda que se notava “o nervosismo do António Salvador” face às críticas, aproveitando para fazer outra acusação: “António Salvador nunca diz se o Sp. Braga tem um fundo de jogadores”. Confrontado com a assunção de que a intenção inicial do presidente era não se recandidatar, o líder da lista B disse que não ficou surpreendido com o *volte-face*, porque “nem eleições ele queria” e não esqueceu a irregularidade na primeira lista de Salvador, lembrando que “António Salvador nunca a explicou aos sócios”. Interrogado sobre se sempre pediu um debate com o adversário “para o confrontar com essas situações” – tanto da irregularidade, como das mentiras em relação à gestão financeira, de que Carvalho acusava a direção -, o candidato apontou que “[a]té como sócio, gostava que houvesse um debate”, mas “António Salvador nunca o aceitou”. “Não entendo porque foge ou do que tem medo. Frente a frente, ele podia-me esclarecer algumas questões que tenho levantado sobre a atual situação do Sp. Braga. Eu disse que não avançava se ele continuasse, mas importa dizer que, entretanto, recebi informações sobre a realidade financeira do clube e da SAD que me preocuparam”, justificou.

Em termos de referências indiretas, Nuno Carvalho – “o primeiro com ousadia para defrontar António Salvador”, como foi caracterizado pelo jornalista - venceu que um dos seus primeiros objetivos, caso fosse eleito, era implementar um modelo de gestão diferente “do que esteve em vigor nos últimos 10 anos”. Quando o entrevistador lhe perguntou se “[a]vança apenas por não concordar com a gestão de Salvador”, lançando que “[n]o futebol terá feito obra...”, o candidato avisou que as pessoas estavam cansadas de ouvir “esta direção” recordar que o SC Braga quase foi campeão ou que foi a uma final europeia.

Em relação às promessas, além de nomes de jogadores, a mais impactante que Carvalho fez foi a de ter investidores que injetariam 20 milhões de euros no SC Braga, sendo que “a lista de António Salvador não gostou nada de ouvir isso” e “até o criticou”, indicou o jornalista. O empresário contou que anunciou 20 milhões, mas se calhar até tinha mais, que revelaria todos os pormenores sobre os investidores quando fosse eleito e que “a lista A está equivocada quando diz que os 20 milhões são apenas do «naming» do estádio”. Ainda a propósito deste tema, o empresário referiu que “o programa da lista A diz tudo: é um vazio de ideias e de explicações”. Outras promessas estavam relacionadas com assuntos deixados de lado pela direção de Salvador, como o bingo do clube, as modalidades e o antigo estádio, cujas instalações seriam preteridas em detrimento da cidade desportiva prometida pela lista A, e em que Nuno Carvalho prometeu pegar. A mais abstrata das promessas da lista B teve a ver com questões sociais. Carvalho acusou António Salvador de “andar a reboque de algumas das suas ideias, como, por exemplo, falar da parte social do clube”, apontava o jornalista, questionando o candidato sobre o que realmente pretendia fazer naquele âmbito. Além da criação da Fundação SC Braga, para ajudar os mais necessitados, na resposta foi referida a criação de uma sede, que o SC Braga não tem, onde os associados pudessem conviver e onde se realizassem diversas atividades, visando sobretudo os adeptos mais idosos, o público-alvo de Carvalho.

O tema quente da campanha eleitoral foi igualmente citado. Questionado sobre o que lhe pareceu “o afastamento, à última hora, de Mesquita Machado da lista de António Salvador”, Nuno Carvalho foi assertivo: “Sempre questioneei se a nova lista seria igual à primeira e verificasse que, afinal, não é. (...) O Mesquita Machado foi uma pessoa que deu muito ao clube e que sempre o ajudou nos momentos mais difíceis. (...) Não sei se houve razões políticas para o afastamento, mas que parece lá isso parece. De limpinho, limpinho, limpinho não vejo nada. Ninguém esclarece as preocupações dos sócios”, alertou.

De notar, por fim, que o ‘empreendedorismo’ demonstrado por Carvalho ao longo da entrevista e da própria campanha refletiu-se nas palavras usadas. Desde logo, tal como acontecia na entrevista de Salvador, a primeira pessoa do singular foi mais utilizada do que a mesma pessoa do plural: 53 contra 32. Posto isto, as palavras mais usadas revelaram propensão para a ação: “vamos” (nove vezes), “queremos”, “quero” e “tenho” (cinco vezes cada). No entanto, perdendo com estrondo as eleições, Nuno Carvalho não passou à prática.

4.4 – Análise das edições de O Jogo

Como termo de comparação com a cobertura da campanha eleitoral feita pelo Record, decidimos analisar também o conteúdo do jornal O Jogo, conhecido por ser mais próximo dos clubes do norte do país e, por isso, partia-se do princípio de que teria feito um acompanhamento diferenciado das ocorrências. Além disso, também por uma questão de facilidade em obter as notícias, optámos por este jornal em detrimento de A Bola.

Analisámos 37 notícias e uma entrevista (a José Manuel Fernandes, da lista A), publicadas ao longo dos 19 dias em que houve textos relacionados com a campanha eleitoral no clube bracarense. António Salvador apareceu em 29 ocasiões e teve direito a quatro aberturas de página, oito artigos, cinco breves e um artigo de opinião sobre a sua promessa de criar a Braga TV, e foi ainda referido em mais 11 ocasiões, ficando só um dia sem ser falado. Já Nuno Carvalho também apareceu em 29 notícias, com apenas uma abertura de página, seis artigos e oito breves, além ter sido referido em mais 14 notícias não relacionadas diretamente consigo e ficando três dias (consecutivos) sem ter sido falado. Apesar de o número de notícias em que foram citados ter sido igual, as que foram dedicadas a Salvador tiveram maior dimensão e importância, enquanto Nuno Carvalho teve mais pequenas referências e breves. Carvalho teve maior destaque do que o presidente/recandidato em apenas seis desses 19 dias. Nos restantes, Salvador foi mais falado (11 dias) ou o destaque dado a ambos foi semelhante (dois dias). Em termos de tom das notícias, registaram-se seis artigos positivos, 11 neutros e 12 negativos para Nuno Carvalho e 15 artigos positivos, oito neutros e seis negativos para António Salvador⁵⁶.

Tal como no Record, Salvador não só teve mais destaque, como também foi retratado de maneira mais positiva do que o seu concorrente, como na abertura de página de 21 de novembro⁵⁷, dia a seguir à apresentação da candidatura de Nuno Carvalho. Logo no subtítulo escrevia-se que o candidato “recusou a ideia de cair de para-quedas na corrida à presidência do clube”, ou seja, uma metáfora para quem apareceu de repente, sem que se esperasse. No seguimento dizia-se que “Nuno Carvalho passou os últimos anos no anonimato, mantendo-se até à margem de assembleias gerais (...) «Estive sempre ‘off’, nunca quis lá estar [nas AG], mas estive sempre atento a todas as movimentações do Braga», venceu o empresário, sócio 12 022 dos arsenalistas, que, ao invés do que sucedeu em outubro, em que desistiu em detrimento de

⁵⁶ Ver anexo 29

⁵⁷ Ver anexo 7

António Salvador, desta vez avançou mesmo” – mais uma ocasião em que era lembrada a indecisão de Carvalho. Ainda na notícia do dia 21 de novembro, puxava-se pelo anterior reconhecimento e respeito de Carvalho por Salvador: “Convencido de que poderá ganhar o ato eleitoral mesmo com a concorrência de António Salvador, Nuno Carvalho reconheceu que o trabalho efetuado pelo atual presidente «tem sido bom» ”. Por último, foi trazida à baila uma polémica da altura, que só O Jogo destacou – o aparecimento, nas redes sociais, de uma foto de Carvalho com um cachecol do Benfica. Escreveu a publicação: “Fotografado com o cachecol do Benfica, depois de amigos terem dito a O JOGO que era bracarense de gema, Nuno Carvalho desvalorizou o episódio. «Já está esclarecido e a nossa candidatura não vai entrar em qualquer tipo de polémicas» ”.

Nuno Carvalho voltou a ter grande vantagem (ou desvantagem, derivada das dúvidas quanto à sua eleição) no número de vezes em que foi usado o termo “caso vença as eleições”: sete vezes contra apenas uma de Salvador. No artigo de 26 de novembro⁵⁸, em que se deu conta do programa eleitoral do presidente, o jornalista projetou claramente uma vitória de Salvador nas eleições. Expressões como “os pontos estratégicos para os próximos três anos”, “os seus projetos para o clube no próximo mandato de três anos” e “António Salvador enumerou os objetivos para o próximo mandato” demonstraram essa confiança do recandidato e alguma certeza por parte do jornalista, até porque em nenhuma notícia se referiram ou projetaram os possíveis três anos de mandato de Nuno Carvalho, apenas se falou na conversa que o candidato pretendia ter com o treinador Jesualdo Ferreira “já na condição de dirigente do clube” (10 de dezembro). Acrescente-se que, no fim do artigo de 26 de novembro, era feito um resumo dos sucessos desportivos conseguidos pelo SC Braga na presidência de Salvador.

Dada esta luta desigual, Nuno Carvalho teve de pôr na mesa os seus trunfos, nomeadamente promessas relacionadas com a contratação de jogadores. Foi isso que aconteceu, mais nos últimos três dias de campanha, já que o candidato anunciou ter acordo com três jogadores, revelando os seus nomes. O ainda presidente não usou esse expediente. Posto isto, o verbo “prometer”, nas suas variantes, foi aplicado por seis vezes em notícias sobre Nuno Carvalho e apenas numa acerca de António Salvador.

A totalidade de vezes e o modo como foram referidos também foram reveladores, como aconteceu no Record. Mais uma vez, o destaque foi para o líder do clube desde 2003, referido por 113 vezes no total, contra as 100 do seu opositor. Os nomes compostos foram a habitual

⁵⁸ Ver anexo 10

forma de os mencionar, havendo até um empate: “António Salvador” e “Nuno Carvalho” (43 vezes). Também foram várias vezes citados só por um nome, “Salvador” – 16 vezes - e “Carvalho” – nove vezes. A seguir a estas formas normais de nomeação, o poder do... poder voltou a ser o dado mais forte, pelo menos no caso de quem o tinha. Assim, Salvador foi sete vezes caracterizado como “atual presidente” ou “atual líder”, seis vezes como “presidente do Braga” ou “presidente do clube” e quatro vezes como “dirigente”. Depois, as denominações tiveram mais a ver com a própria candidatura, mas mesmo assim estavam muito ligadas à figura de Salvador: “lista A” (oito vezes), “lista de António Salvador” e “candidato da Lista A” (cinco vezes cada), “candidatura de Salvador” (três vezes), “líder da lista A” (duas vezes) e “cabeça de lista”. António Salvador também é referido três vezes como “empresário”.

Quanto a Nuno Carvalho, não tendo a posição de poder que Salvador tinha, ou era referenciado como concorrente, muitas vezes com referências à sua lista, ou através da sua atividade profissional. Desta forma, “lista B” (10 vezes), “candidato da lista B” e “empresário” (sete vezes cada), “candidato” (cinco vezes) e “adversário” (quatro vezes) foram as formas mais utilizadas para citá-lo. Ainda dentro da categoria “candidato”, já no rescaldo das eleições, Nuno Carvalho foi referido como “o candidato derrotado”. Além desta, outras denominações foram utilizadas uma vez cada: “sócio 12 022 dos arsenalistas”, “concorrente” e “os opositores”.

Passando a citações diretas, o presidente foi referenciado por menos pessoas do que no Record. Referiram-no Mesquita Machado, Marcelo Rebelo de Sousa, Nuno Carvalho e o próprio Salvador. Repetiram-se o “ninguém se sinta rei e senhor do Braga” do antigo edil bracarense e o registo do desejo do professor universitário de que “António Salvador” fosse reeleito; Carvalho referiu-se à oposição como “lista vencedora”, “novo presidente”, “presidente”, “lista A” e “Salvador”; por fim, o próprio presidente lembrou palavras de Nuno Carvalho sobre ele: “vendedor de sonhos”, “António Salvador” e “homem notável”.

Neste caso, a recíproca foi totalmente verdadeira, já que o candidato e a sua lista só foram citados por Salvador, mas em muitas ocasiões: “aventureiro” e “sonhadores” (duas vezes cada), “quem está ligado a um passado pouco condizente com o progresso registado nos últimos anos”, “alguém”, “uma pessoa”, “alguém diz que sou um vendedor de sonhos”, “quem apareceu” e “os que me atacaram e atacaram também o Braga”.

Atente-se também nas referências aos outros quatro protagonistas destas eleições: Mesquita Machado, José Manuel Fernandes, Ricardo Rio e José Mendes. O primeiro apareceu em O Jogo por 25 ocasiões - quase metade das vezes em que o fez no Record - das seguintes formas:

“Mesquita Machado” (sete vezes), “ex-autarca” (seis vezes), “ex-presidente da Câmara Municipal de Braga” (quatro vezes), “candidato a presidente da Assembleia Geral” (três vezes), “Mesquita” (duas vezes), “engenheiro Mesquita Machado”, “os opositores” e, esta última dita por Salvador e que também serviu para Nuno Carvalho, “os que me atacaram e atacaram também o Braga”. Repare-se que a referência mais utilizada, além do nome, é a de antigo edil da cidade.

José Manuel Fernandes, por outro lado, foi referido quase o triplo das vezes em relação ao que acontecia no Record: 23 ocasiões em O Jogo. Além das nove vezes em que foi escrito o seu nome, foi caracterizado como “eurodeputado” (sete vezes), “candidato à presidência da Assembleia Geral” (três vezes), “substituto de Mesquita Machado”, “Fernandes”, “engenheiro” e “ex-autarca de Vila Verde”. Mais uma vez, o cargo político era o mais importante. Assim se vislumbrava mais um pouco da mistura que houve, nesta campanha, entre política e desporto.

O atual autarca bracarense foi outro protagonista político citado, mas com menor frequência. Ricardo Rio foi referido duas vezes pelo seu nome e uma vez cada como “recém-eleito presidente da Câmara Municipal de Braga”, “atual presidente da Câmara Municipal” e “novo autarca bracarense”. Cinco referências no total, portanto. Por último, as referências a José Mendes (13, no total). O seu nome foi citado por oito vezes, o seu cargo na altura, “presidente da Assembleia Geral do clube”, foi referido quatro vezes e apenas uma vez se falou no papel que tinha na primeira lista de Salvador, “candidato a presidente do Conselho Geral”, isto numa etapa em que ainda se especulava quem faria parte da lista definitiva.

Outro dado importante eram os destaques de capa. Apesar de escassos (somente por três vezes se referiu a campanha eleitoral na capa), demonstraram, novamente, a supremacia de Salvador. Primeiro, a 26 de novembro, quando anunciou as suas grandes ‘bandeiras eleitorais’, a televisão do clube e a cidade desportiva, além dos nomes que compunham a sua lista. Depois, a 11 de dezembro, no dia seguinte à sua última ação de campanha, em que citou o famoso “Yes, we can!” de Obama. Porém, também apareceu na capa que Nuno Carvalho anunciou reforços. Pode dizer-se que houve um empate no destaque, embora Salvador aparecesse primeiro. Finalmente, no pós-eleições, houve uma natural primazia dada ao presidente reeleito, que se disse sair “reforçado depois da eleição mais participada de sempre”, sendo que a sua popularidade era vincada pela imagem de festa e pelos 87% de votos que arrecadou. Este destaque apareceu no cabeçalho da capa, junto com a informação da operação do jogador Éder, assim como acontecia no Record.

26 novembro (dia a seguir
apresentação lista AS)



11 de dezembro (rescaldo do
penúltimo dia de campanha)



14 dezembro (dia a seguir à vitória de Salvador nas eleições)



Imagem 2 - Destaques de capa do jornal O Jogo

De entre as quase quatro dezenas de artigos analisados, alguns mereceram maior atenção. Tal como no rescaldo das eleições por parte do Record, O Jogo também enfatizou a vitória concludente de Salvador⁵⁹. O título da abertura de página é “António Salvador esmaga e é reeleito”, seguindo-se uma introdução ao artigo em que se dizia: “António Salvador venceu Nuno Carvalho por larguíssima margem. A vitória foi comemorada com um discurso de união, contra a calúnia”. Enaltecido “o ato eleitoral mais concorrido da história do Braga”, reforçava-se que “António Salvador foi reeleito presidente do clube com uma vitória categórica sobre Nuno Carvalho”. Uma diferença em relação à abordagem do Record foi no tocante aos números, pois não se recorreu tanto a eles e, quando se recorreu, houve divergências. Se no jornal da Cofina se falava em “perto de 200 adeptos” na sala onde Salvador discursou, O Jogo contava que “António Salvador surgiu na sala de Imprensa do Estádio AXA para discursar perante uma plateia composta por cerca de uma centena de sócios”, acrescentando que “[a]ntes mesmo de os resultados oficiais serem divulgados, as claques arsenalistas já cantavam para António Salvador, que, no fim do discurso da vitória, até foi levado em ombros pelos seus apoiantes”, como se via na foto na capa. Foi interessante o apontamento do jornalista, que referiu que o presidente deu os parabéns “ao presidente da Mesa da Assembleia Geral (José Mendes), «pela forma como decorreram os trabalhos», e aos «funcionários», que, no seu entender, mostraram que «o Braga é um clube organizado, à altura dos desafios» “, sendo que tanto Mendes como alguns trabalhadores do clube foram “acusados” pela lista B de favorecerem a candidatura de Salvador.

A desconfiança quanto à vitória de António Salvador era nula, tanto que “os sócios do Braga esperaram duas horas pelos resultados”, mas “previam uma contagem mais rápida e não colocavam outro cenário que não a vitória de Salvador: nenhum, aliás, mencionou o nome de

⁵⁹ Ver anexo 27

Nuno Carvalho”. Falando nele, “o outro candidato” – escreveu o jornalista – felicitou “a lista vencedora”, e formulou um desejo: “[Q]ue o nosso clube tenha os maiores sucessos sob a gestão do novo presidente”. Também referido como “candidato derrotado”, Nuno Carvalho prometeu “estar atento às opções de gestão, exigindo que estas sejam mais criteriosas” e garantiu “uma oposição responsável”. Esta foi outra das diferenças em relação à abordagem do Record, já que neste não houve referência às declarações de Nuno Carvalho no pós-eleições. Quanto a Mesquita Machado, além da famigerada referência a Salvador como alguém que se sentia “rei e senhor do clube”, foi dito que “esteve envolvido numa recente polémica com António Salvador, por alegadamente ter sido excluído da Lista A”, sendo questionável o uso do “alegadamente”, dado o que se disse nas trocas de palavras entre ambos.

Aliás, O Jogo até acompanhou mais a ‘pré-exclusão’ de Mesquita do que propriamente o conflito que depois se gerou, esse mais seguido pelo Record. No dia 22 de novembro⁶⁰, quando o líder do clube ainda não havia apresentado a nova candidatura, existia alguma especulação quanto à composição da lista: “A expectativa para saber quem acompanhará Salvador é enorme, já que, há cerca de um mês, antes de serem detetadas irregularidades na lista que elaborara, Mesquita Machado aparecia como candidato a presidente da Assembleia Geral e José Mendes como presidente do Conselho Geral”. Três dias depois⁶¹, já havia alguma certeza: “A lista do dirigente já está praticamente definida, tudo apontando para que Mesquita Machado, o ex-presidente da Câmara Municipal, troque o Conselho Geral pela presidência da Mesa da Assembleia Geral”. O culminar das dúvidas e o aparecimento das surpresas surgiu no dia 26 de novembro. Escreveu O Jogo que “José Manuel Fernandes (...) é a maior novidade na lista de António Salvador, na qualidade de candidato à presidência da Assembleia Geral. O desaparecimento do nome de Mesquita Machado, como candidato à presidência da Assembleia Geral, é o dado mais inesperado da lista definitiva de António Salvador”. Outra novidade foi a apresentação, por parte do jornal, da sua versão do desentendimento que levou às mudanças na lista de Salvador: “Em caso de vitória, o ex-autarca da cidade, que ainda preside ao Conselho Geral, preparava-se para trocar de órgão social com José Mendes, mas o segundo não gostou da ideia e recusou-se terminantemente a assinar o primeiro elenco apresentado, tendo sido essa uma das irregularidades detetadas”. Acabaram os dois excluídos, como se sabe.

⁶⁰ Ver anexo 8

⁶¹ Ver anexo 9

Uma particularidade da cobertura feita por O Jogo foi que, não tendo entrevistado os candidatos à presidência, entrevistou precisamente o sucessor de Mesquita na lista de Salvador⁶². Ainda que pequena, a entrevista a José Manuel Fernandes trouxe declarações interessantes, até em relação ao antigo autarca. “Quem ama o seu clube, não profere afirmações que o possam beliscar. Não posso comentar atitudes ou afirmações de nenhum sócio, especialmente as do engenheiro Mesquita Machado que sempre contribuiu para o clube com o seu amor”, asseverou, tendo revelado que não estava a par da saída de Mesquita da lista A, quando foi convidado para integrá-la. “Sabia apenas que tinham sido detetadas irregularidades numa lista inicial”, contou. O eurodeputado assegurou que sempre foi “contra a mistura do futebol com política”, embora tenha dito que ele e o presidente do SC Braga tudo fariam para “manter um bom relacionamento com as mais diversas instituições, sendo a Câmara Municipal um parceiro importantíssimo”. Afastou ainda qualquer suspeita de se integrar agora na direção de modo a suceder a Salvador – “nem a brincar” o admitia -, até porque o presidente atual “desempenha melhor do que qualquer um dos sócios esse cargo”.

Outra das diferenças em relação ao Record foi ter havido um artigo de opinião (28 de novembro)⁶³, de Joel Neto, em que se falava das eleições no SC Braga. Ou sobre uma das promessas de Salvador, para ser mais exato. O presidente falou em criar uma televisão do clube e o colunista questionou esse projeto, dado que o público-alvo seriam apenas os 31 mil sócios bracarense. Dizendo que “António Salvador não precisava ter reunido o Conselho de Estado na Comissão de Honra da sua candidatura” para lhe dar força, admitiu que este “é o melhor presidente que os arsenalistas alguma vez tiveram e, seguramente, um dos melhores jamais surgidos num clube português de segunda linha” e, apesar de Salvador ter ambições que pareciam desmedidas, o colunista deixava uma certeza: “Este homem não pára aqui...”.

Na fase decisiva da campanha eleitoral, as abordagens dos dois jornais analisados não foram muito diferentes. No dia 6 de dezembro, em relação à acusação da lista B de que o presidente da Assembleia Geral não facultava a listagem dos sócios votantes, como tinha feito à lista A, acrescentavam-se as declarações de José Mendes: “O candidato da lista B falou-me hoje de dificuldades, mas os serviços do clube dizem-me que não há qualquer problema”.

No dia seguinte, surgiu o novo cognome de António Salvador – “vendedor de sonhos” -, da autoria de Nuno Carvalho: “Ver o programa da Lista A é embarcar numa ilusão só comparável a

⁶² Ver anexo 16

⁶³ Ver anexo 12

um vendedor de sonhos. A promessa da construção da cidade desportiva tem dez anos, mas ainda ninguém disse quem a pagará. Quem vai investir 200 milhões de euros? Tenho a informação de que a construção seria na Quinta de Jós, onde os terrenos pertencem a Salvador”, acusou o candidato. No mesmo 7 de dezembro, mas com maior destaque, apareceu a resposta do presidente. “Não vendemos ilusões” foi o título da abertura de página, seguindo-se o elenar de “alguns dos méritos” de Salvador: “O Braga é agora um clube apetecível, que projetou a cidade, o país e a marca. Fizemos um trabalho com ambição, rigor e persistência. Temos um projeto credível, sustentável; não é daqueles de atirar para o ar”. No entanto, a grande diferença nesta abordagem foi o momento em que Salvador citou Nuno Carvalho, remetendo para as hesitações do opositor: “No dia 25 de outubro houve uma pessoa que emitiu o seguinte comunicado, e passo a citar: «Tomo esta decisão, porque a missão de António Salvador não foi concluída e o clube tem muito a receber deste homem notável.» Os meus ideais são sempre os mesmos no passado, no presente e no futuro”, garantiu⁶⁴.

Ainda no ‘mundo dos sonhos’ em que andavam os concorrentes, no dia 9 de dezembro⁶⁵, Salvador “enviou bicada ao rival” (mais à frente foi “uma alfinetada no adversário”), tendo aproveitado para defender a credibilidade do seu projeto: “Estamos a viver uma semana importante, como não se via há quase 25 anos, e isso deve-se à estabilidade e ao crescimento do Braga. Hoje é um clube apetecível, mas têm de ser vocês [sócios] a escolher se querem a continuidade de um projeto sustentável e em crescimento ou outro liderado por alguém que diz que sou um vendedor de sonhos. A verdade é que do outro lado só vejo um projeto de sonhadores, que jamais será concretizado”.

O momento em que o presidente parafraseou Obama, no jantar de apoio ao presidente, no dia 11, também mereceu natural destaque, com ênfase semelhante à que foi dada pelo Record. “Salvador sonha a citar Obama”, complementado com a citação “Título? Sim, podemos!”, deu o mote para a introdução: “Presidente crê em vitória esmagadora nas eleições, referindo-se a Nuno Carvalho como «aventureiro» “. A descrição do que se passou, além de pormenorizada, deu ideia da tal “onda” que Salvador disse que ninguém ia parar: “Entrou ao som de Vangelis e saiu em verdadeira apoteose. António Salvador não podia ter desejado maior manifestação de apoio (...). Cerca de 350 pessoas estiveram no jantar organizado pela comissão de honra do candidato da Lista A, que surpreendeu ao inspirar-se na frase que guiou Barack Obama à

⁶⁴ Ver anexo 20

⁶⁵ Ver anexo 21

presidência americana num discurso em que manteve vivo o sonho de ver o Braga conquistar o título nacional. « (...) Um dia Obama disse: 'sim, nós podemos'. Pois bem, eu digo a todos: sim, nós podemos ser campeões», venceu, para júbilo dos presentes”. As recorrentes ‘bicadas’ à oposição voltaram quando António Salvador lembrou que, em 2003, entrou no SC Braga “com o espírito de missão” e que ali permanecia para servir o clube e não para se servir dele. Depois, acusou Nuno Carvalho “de ter beneficiado de um perdão para regularizar as quotas em atraso e, assim, candidatar-se às eleições”. “Sempre disse que seria benéfico para o Braga o surgimento de candidatos com ideias e projetos, mas apelei a uma campanha limpa, sem ataques e insinuações. Infelizmente, quem apareceu não está a honrar a história do clube”, exclamou sobre os “aventureiros que pensam que é fácil tomar de assalto o Braga”. Por sua vez, Carvalho criticou o discurso do oponente, sempre virado para o passado: “Quero um Braga ganhador, que é uma coisa que não tem acontecido. Andamos a falar do passado, mas nós não vivemos do passado”. O erro de comunicação aconteceu quando o próprio candidato remeteu para uma das grandes figuras do passado recente do SC Braga comandado por Salvador, pois “deixou escapar a admiração pelo técnico Domingos Paciência”. “Traz boas memórias”, referiu, numa altura em que o treinador dos bragarenses, Jesualdo Ferreira, era muito contestado, sendo que a maioria dos adeptos não escondia o desejo de voltar a ter Domingos a treinar a equipa principal⁶⁶.

O último ato antes das eleições, relembre-se, aconteceu no dia 12 de dezembro, quando a lista B se queixou de um impedimento, por parte do presidente da AG, de consultar as folhas de assinatura da candidatura da lista A, em que diziam existir irregularidades. Já na fase em que tinha desistido de impugnar as eleições, Nuno Carvalho disse que a situação “só prova a falta de transparência dos atuais órgãos sociais”. Na resposta, José Mendes, presidente da Assembleia Geral, tomou uma posição pouco condizente com as suas responsabilidades, quando declarou que tudo não passava de “manobras de diversão”, pois aconteceu uma reunião com as listas e “a [lista] B não colocou nenhuma objeção”. Uma última nota, no mesmo dia, para o facto de o destaque no título de uma breve ter sido “Salvador vota às 12h30”, apesar de, no corpo da notícia, também se dizer quando Nuno Carvalho e os jogadores iam votar⁶⁷.

⁶⁶ Ver anexo 23

⁶⁷ Ver anexo 24

5. A campanha eleitoral vista pelos jornalistas

Diariamente, os jornalistas Vítor Pinto e Ricardo Vasconcelos acompanharam a campanha eleitoral no SC Braga. O destaque dado a António Salvador, não sendo uma escolha editorial expressa, é de explicação simples. “Houve opção editorial concreta apenas nas entrevistas. Nuno Carvalho expressou livremente as suas ideias e foi-lhe dado o espaço ajustado à sua intervenção. A haver desequilíbrio em termos de cobertura, resultou de dois pontos: o facto de Salvador ser o presidente em exercício, o que o vinculava diariamente à atividade do clube, e a dificuldade de Nuno Carvalho em promover atos públicos com o caudal necessário para inverter o caudal mediático. Por exemplo, a exposição conseguida no momento da entrega das listas nunca mais foi igualada”, argumenta Vítor Pinto. O ‘sub-editor’ aponta que as circunstâncias de Salvador ser o presidente em atividade, “que fez obra à frente do Sp. Braga”, e de “ter ficado evidente que, apesar do esforço generoso realizado por um grupo de pessoas, nunca existiu uma vaga de fundo em torno de Nuno Carvalho”, contribuíram muito para que se registasse tal desequilíbrio no destaque mediático e nos votos. “Os fóruns e redes sociais davam exemplos diários de como, mesmo havendo descontentamento em relação a um certo distanciamento entre Salvador e os sócios, Nuno Carvalho também não era visto como uma alternativa de peso, condenando qualquer protagonismo futuro do candidato, como ficou expresso pelo seu desaparecimento de cena tão súbito quanto a sua aparição”, menciona Vítor Pinto. Como refere Ricardo Vasconcelos, fazendo um paralelismo com esta campanha eleitoral, “os grandes clubes, o Ronaldo ou o Mourinho vendem mais do que qualquer reportagem brilhante de um clube amador ou de outra modalidade qualquer”, apesar de a campanha de Nuno Carvalho ter tido “dias ricos em informação, com possíveis reforços para o plantel”.

Além de lutar com alguém que, à partida, era mais poderoso, Nuno Carvalho também deu ‘tiros nos pés’, apontados por Vítor Pinto: “Caso tivesse maior penetração social e conseguisse realizar atos públicos que transmitissem uma imagem de mobilização, o cenário poderia nivelar-se, mas isso nunca sucedeu. Rapidamente foi ficando a ideia de que não se tratava de uma candidatura que acreditasse seriamente na possibilidade de triunfo, mas que pretendia marcar alguma espécie de posição, que nunca ficou clara e que desvalorizou alguma argumentação positiva que pudesse ser apresentada”. O facto de Nuno Carvalho “não ter historial de intervenção na vida do clube” diminuiu ainda mais as possibilidades de sucesso da lista B. O ‘sub-editor’ recorda dois incidentes que ajudaram a que crescesse o descrédito em torno da

candidatura de Carvalho. O primeiro foi o desentendimento entre Mesquita Machado e Salvador, um “episódio eloquente” de como Nuno Carvalho era “um mero peão em tabuleiro de maior dimensão, de âmbito político”. O outro, e derradeiro, foi o desmentido de Carlos Alberto: “O fiasco que foi a divulgação da contratação do jogador, em caso de triunfo eleitoral, e que Carlos Alberto negou, foi o golpe de misericórdia na aspiração de um resultado honroso”. A descrença, no entanto, começou com as hesitações iniciais. Ricardo Vasconcelos admite que “Nuno Carvalho pode ter sido prejudicado por esse facto, já que, nos jornais, havia dúvidas se seria uma lista que sequer chegaria ao ato eleitoral”, uma posição corroborada e alargada pelo seu colega de redação: “Quem parte muito de trás tem grandes dificuldades em retirar do poder figuras tão marcantes como a de António Salvador”. Ainda assim, segundo Vítor Pinto, o candidato deu um contributo importante para o clube e até para o futebol português. “O seu grande mérito, mesmo sendo ‘esmagado’ nas urnas, foi o de ter contribuído para o ato eleitoral mais participado da história do SC Braga, transmitindo a ideia de que é possível haver cultura democrática, em oposição aos cultos de personalidade que são regra nos clubes nacionais”.

Por fim, as estratégias de comunicação de ambas as candidaturas também são analisadas. Para Ricardo Vasconcelos, “houve erros estratégicos das duas partes. Salvador resguardou-se e apenas apareceu na reta final, confiante na reeleição”. Já Vítor Pinto indica a “linha mais comum no âmbito político”, seguida por Carvalho, “de divulgar temas que excediam questões desportivas, interrogando a credibilidade da lista adversária”, apesar do “forte apoio de uma equipa de comunicação” que Nuno Carvalho teve à disposição.

Capítulo IV – Conclusões

Antes de mais, convém recordar o ponto de partida para este relatório: o meu estágio de três meses na redação do Record no Porto. Apesar das dificuldades diárias, que fazem parte do trabalho jornalístico, foi, sem dúvida, uma boa experiência, porque foi o cumprimento de um sonho de criança. Contribuir um pouco, todos os dias, para o sucesso de um dos principais jornais portugueses foi enriquecedor, ter a minha assinatura em alguns artigos foi um motivo de orgulho e a despedida, com o reconhecimento do meu bom trabalho por parte dos meus colegas, foi uma grande honra.

Posto isto, a conclusão principal refere-se à ligação entre as relações de hierarquia nas redações e a cobertura da campanha eleitoral no SC Braga. Aqui constatou-se que não houve um favorecimento explícito a um dos candidatos, mas é inegável o favoritismo que António Salvador teve desde início. Não foi algo que chocasse nem foi algo que tenha influenciado em demasia os leitores mais interessados – sócios do clube -, porque o líder do SC Braga era o preferido dos associados. Como foi dito no ponto anterior, Salvador partia com vantagem por já ser presidente do clube há 10 anos e ter conseguido feitos impensáveis nessa década. Sendo que, além de dar informação correta aos leitores, o jornal é feito para ser vendido, e seguindo a estrutura circular de informação criada pela agenda mediática desportiva, o resultado foi um destaque maior e natural para o candidato do poder. Na verdade, o adversário de António Salvador, Nuno Carvalho, mesmo partindo em clara desvantagem, por todas as razões que já foram abordadas, também cometeu erros estratégicos, durante a campanha, que levaram a que a situação ficasse mais facilitada para os jornais na hora de decidir, dia a dia, quem merecia ser mais destacado. É certo que as críticas foram mútuas, ambos duvidaram da credibilidade do outro, mas, por ter maior 'arcaboço mediático', Salvador soube conduzir melhor a situação e, mesmo lançando acusações fortes ao opositor, estas foram sempre passando incólumes, porque vinham emolduradas pelas lembranças do passado recente de glórias e das promessas de um futuro risonho - pode dizer-se que houve *framing* favorável ao homem no poder.

O que importa concluir da ligação entre estas duas vertentes deste relatório de estágio é que as relações de hierarquia entre redações – mesmo havendo o tal diálogo entre Lisboa e Porto, para decidir os conteúdos e a forma de os abordar – ditam quem é o favorito ou, num caso extremo, o favorecido. Mais ainda quando há pressões externas inerentes a essa opção. Neste caso, a opção foi natural e foram poucos os dias em que se podia questionar o destaque dado a Salvador. Quanto às entrevistas, é claro que o presidente tinha mais assuntos para falar e, por

isso, teve mais espaço. Contudo, se essas conversas versassem apenas a campanha eleitoral, que era o principal objetivo, à partida, ambos os candidatos deveriam ter o mesmo número de páginas. Ainda em relação a entrevistas, mas falando em O Jogo, notou-se um favorecimento mais claro a Salvador, não só pelo tom maioritariamente negativo com que Nuno Carvalho foi referido, pelo pouco destaque que mereceu (menor do que no Record), mas sobretudo pela opção de, não entrevistando os candidatos à presidência, terem entrevistado apenas o candidato à assembleia-geral pela lista de António Salvador. Apesar da pertinência, já que foi feita na ressaca do confronto Mesquita-Salvador, é questionável a opção da entrevista a José Manuel Fernandes. O que leva a outra particularidade desta campanha: a mistura entre política e futebol, que empolou o destaque dado ao presidente e, ao contrário do que seria de esperar, até foi contraproducente para Nuno Carvalho, que se viu ultrapassado pela figura de Mesquita Machado, uma espécie de terceiro candidato à presidência do clube em termos de atenção mediática. Por isso, a base teórica referente a coberturas de campanhas políticas assentou bem nesta abordagem às eleições numa instituição desportiva.

Quanto às relações de hierarquia nas e entre as redações, embora sendo normal a supremacia de uma sobre outra e sendo essa circunstância aceite como fazendo parte de uma cadeia de comando, a verdade é que a redação situada no Porto depende muito da redação de Lisboa, apesar de ter um certo grau de autonomia na decisão dos conteúdos que lhe são mais próximos e de até ter algum protagonismo dentro do jornal, em termos de páginas. A verdade é que a redação do Porto sente bastante a influência de Lisboa, em várias vertentes já referidas, sobretudo no que toca a questões de paginação, que ‘atrasam a vida’ dos jornalistas do norte e geram alguns mal-entendidos que, não havendo esta centralização excessiva, seriam evitados. Neste aspeto, é incontornável a questão do poder dos editores e do diretor, ainda para mais quando há duas redações e dezenas de jornalistas e correspondentes para gerir e, ao fim do dia, fazer sair um produto de qualidade. Talvez por isso, o poder é exercido de forma quase militar, como refere Gans, e a figura do editor acaba por extravasar a linha do respeito e passar para uma certa intimidação ou abuso de poder. Uma maior abertura ao diálogo – que não é tão pacífico como fazem crer as entrevistas aos jornalistas do Record - seria a solução e refletir-se-ia num melhor produto final.

Outra questão, já sobejamente falada, é a de que o jornalista nunca é um profissional totalmente independente e autónomo, apesar de ir adquirindo autonomia e independência à medida que se torna mais experiente e mais respeitado por todos os intervenientes no processo

de produção de notícias. Num mundo tão competitivo como é o do desporto, todos os intervenientes estão sujeitos a pressão, interna e externa. Os jornalistas, os editores e diretores de jornais não são exceção. Tal como se referiu, depende do jornalista olhar essas pressões como sendo ou não constrangimentos à sua atividade e, portanto, conformar-se com eles ou tentar enfrentá-los, mesmo prevendo consequências nefastas para si ou para o jornal. Importante também é que o jornalista saiba contornar as situações, não se focando apenas em fontes oficiais, mas noutras fontes que, com maior ou menor dificuldade, deem as informações corretas. O jornalista tem de ser o decisor final, respeitando mais as normas éticas e editoriais do que os interesses instalados.

Concluindo as...conclusões, apesar da inquestionável influência das relações de hierarquia e de todos os constrangimentos, sobretudo no que toca a critérios editoriais, se há ramo jornalístico em que se dá mais azo à criatividade é o do jornalismo desportivo. Também por isso acaba por ser mais subjetivo e, portanto, mais sujeito a críticas em relação ao 'mau jornalismo' que lá é feito, sobretudo por parte de quem não fica agradado com o que é escrito – porque, sem dúvida, o futebol, em Portugal, é o que gera polémicas e ódios mais acesos.

Bibliografia

Bardin, L. (1979) *Análise de Conteúdo*, Lisboa: Edições 70

Borrat, H. (2005) 'Periódicos de calidad: primeras propuestas para una lectura crítica', *Portal Comunicación.com* [http://www.portalcomunicacion.com/lecciones_det.asp?id=21], accedido em 27 de agosto de 2014

Breed, W. (1955) 'Social Control in the Newsroom: A Functional Analysis' in Breed, W. (1955), *Social Forces*, 33:4, University of North Carolina Press, pp. 326-335

Bro, P. (2010) 'Chain Reactions in the Newsroom: Factors affecting journalistic action', *Journalism Studies*, 11:1, Londres: Routledge pp. 36-49

de Vreese, C. H. (2005) 'News Framing: Theory and Typology', *Information Design Journal + Document Design*, 13:1, pp. 51-62

Fairclough, N. (1995) *Media Discourse*, Londres: Arnold

Gans, H.J. (2004) *Deciding What's News: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time (25th Anniversary Edition)*, Evanston, Illinois: Northwestern University Press

Hanusch, F. (2009) 'A Product of Their Culture: Using a Value Systems Approach to Understand the Work Practices of Journalists', *International Communication Gazette*, 71:7, pp. 613-626

Lopes, C. (2006) *Constrangimentos organizacionais da prática jornalística: A coluna dos provedores do leitor como reflexo dos constrangimentos organizacionais vividos pelos jornalistas no contexto das empresas mediáticas*, Almada: Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares

Lopes, F. & Pereira, S. (org.) (2006) *A TV do Futebol*, Porto: Campo das Letras

Macedo, A. S. (2008) *O papel do jornalismo desportivo na hegemonia do futebol - Observações e reflexões de um estágio no diário desportivo O Jogo*, Braga: Universidade do Minho

McCombs, M. (2003) 'The Agenda-Setting Role of the Mass Media in the Shaping of Public Opinion', *Infoamérica* [http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/mccombs01.pdf], acedido em 27 de agosto de 2014

OberCom (2013) *Modelos de negócio em tempos de tensão digital: Perspectivas de renovação no caso da imprensa*, Lisboa: OberCom

Oliveira, K. (2010) *A hipótese do Agenda-Setting aplicada ao texto jornalístico*, Manaus: Centro Universitário do Norte - UNINORTE

Sampaio, H. A. (2001) 'Candidatos privilegiados: como alguns jornais elegem os principais concorrentes em uma eleição', *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC)* [<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sampaio-hugo-candidatos-privilegiados.pdf>], acedido em 27 de agosto de 2014

Scheufele, D. A. (1999) 'Framing as a Theory of media Effects', *Journal of Communication*, Volume 49:1, International Communication Association, pp. 103-122

Tulha, A. (2012) *O jornalismo sentado e a dependência das agências: o caso da secção de Desporto do jornal PÚBLICO*, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Weaver, D. H. (2007) 'Thoughts on Agenda Setting, Framing, and Priming', *Journal of Communication*, 57, International Communication Association, pp. 142-147

ANEXOS

Anexo 1 – Antevisão SC Braga B - Benfica B: 1.º artigo publicado (23 de setembro)

SP. BRAGA B	BENFICA B
Equipa provável	Equipa provável
 <p> • DIOGO • HEBERT • CHIDI • KAPPEL • CRISTIANO • DJIBRIL • WELTRON • GONÇALO • PATRÃO • THALES • PIQUETI </p>	 <p> • CANELO • • U. MATIC • • H. COSTA • F. CARDOSO • • LINDELOF • B. VARELA • • HARRAMIZ • RODRIGUES • • B. SILVA • • CAVALEIRO • RODRIGUEZ • </p>
Treinador José Alberto Costa	Treinador Hélder Cristóvão
Outros convocados: A lista não foi divulgada Lesionados: Nuno Valente Castigados: Diogo Ribeiro	Outros convocados: A lista não foi divulgada Lesionado: Rui Forte Castigados: Nêxo a registar
Árbitro Manuel Oliveira (Porto)	
Estádio 1.º de Maio, em Braga  18 horas	

SP. BRAGA B → COSTA SEM MEDO DAS ÁGUIAS

Postura ambiciosa

■ José Alberto Costa lamenta as limitações impostas às equipas B pelos regulamentos, mas promete um Sp. Braga “concentrado, solidário, motivado e com ambição de ganhar” frente ao Benfica B.

O técnico diz que a equipa “estabilizou em termos de rendimento e de controlo emocional”, confiando que a sua juventude vai prevalecer sobre

a maior experiência dos encarnados. Depois de um jogo de loucos e de uma vitória (4-3) com a Oliveirense, o treinador do Sp. Braga B assegura que defrontar a versão da 2.ª Liga das águias “é aliciante” e que esta boa campanha bracarense serve para chamar cada vez mais adeptos ao Estádio 1.º de Maio, potenciando o importante fator casa. JLM. □

Anexo 2 – Crónica do SC Braga B – Atlético (24 de outubro)

BRAGA VOLTA ÀS VITÓRIAS

Kappel a abrir e a fechar

▣ O extremo Kappel foi decisivo no regresso do Sp. Braga B aos triunfos, depois de 4 jogos sem vencer. O holandês abriu o marcador, com um desvio subtil a um cruzamento de Patrão e já perto do fim ganhou um penálti e converteu-o, isto quando os bracarenses jogavam com 10 elementos, por expulsão de Artur Jorge.

Pelo meio, e na sequência da falta que deu o vermelho ao central arsenalista, o goleador Rui Varela empatou, também de penálti. JLM. □

2	SP BRAGA B	1	
	ATLÉTICO		
Estádio 1.º Maio, Braga Árbitro: António Moreira (Porto) Auxiliares: Nuno Fraguito e Sérgio Jesus			
Kritciuk	3	Filipe Leão	4
Thales	3	Pedro Caipiro	3
Artur Jorge	2	Fábio Marinheiro	3
Hugo Basto	3	Hugo Carneira	3
Núrio	3	Raúl Martins	2
Djibril	2	Eridson	2
Patrão (c)	3	Marco Bicho (c)	3
Nikiema (59')	2	Fábio Oliveira (65')	2
Piqueti (59')	2	Mauro Antunes (76')	2
Kappel	4	Tiago Cerveira (73')	2
Diogo Ribeiro (84')	2	Rui Varela	3
Xeka (59')	2	Luís Dias (65')	2
Chidi (59')	2	Backar (73')	1
Erivaldo (84')	1	João Mário (76')	3
José Alberto Costa	3	Gerka Etxeberria	2
Ao intervalo: 0-0 Marcadores: 1-0 Kappel (66'); 1-1 Rui Varela (78, gp); 2-1 Kappel (88', gp) Disciplina: amarelo a Raúl Martins (87') Vermelho a Artur Jorge (78', direto)			

TONDELA → VITOR PANEIRA DEMITIDO QUANDO NADA O FAZIA ESPERAR

Chicote estalou sem aviso prévio

JOÃO LOBO MONTEIRO
e JOSÉ LUÍS ARAÚJO

■ Vitor Paneira deixou o comando técnico do Tondela, após duas épocas e meia no cargo, onde conseguiu a subida à 2.ª Liga no final da época de 2011/2012. O despedimento causa grande surpresa, visto que os tondeleses ocupam um tranquilo 7.º posto na tabela classificativa, com 22 pontos, a 7 do último lu-

“Ninguém me deu explicações para a decisão”, refere o técnico

gar de subida, ocupado pelo Penafiel. A ascensão à divisão maior do futebol português era um objetivo que, tímidamente, os responsáveis tondeleses – incluindo o próprio treinador – acreditavam que podia ser atingido.

Contactado por Record, Vitor Paneira, de 47 anos, revelou, sem reservas, que tinha sido demitido do seu cargo na noite desta quinta-feira. “Confirmando que já não sou o técnico do Tondela. Não foi por iniciativa ou por vontade minha, portanto não se pode dizer que rescindi o contrato, mas sim que fui despedido”, salientou.

As razões para o despedimento, essas, não as soube apontar. “Ninguém me deu explicações em relação a esta decisão, nem eu tenho nenhuma explicação razoável para isto ter acontecido”, dis-



SURPRESO. Vitor Paneira não esperava ser despedido do Tondela

MOMENTO

Saldo. Pelo Tondela, Vitor Paneira venceu a zona Centro da II Divisão em 2011/12 e na época passada alcançou um 10.º lugar na 2.ª Liga.



se o antigo internacional.

O ex-técnico tondelesense admitiu, porém, que a rela-

ção com o presidente do clube não era a melhor desde há algum tempo, confirmando ter havido um desentendimento público no final do jogo da última quarta-feira, frente ao Trofense (empate por 1-1). “É verdade que eu e o presidente tivemos uma discussão no fim do jogo na Trofa, mas não foi só desta vez. Muitas outras discussões já tinham acontecido recentemente”, afirmou.

Record tentou ouvir também o presidente do Tondela, Gilberto Coimbra, mas tal não foi possível até ao fecho desta edição. □

Quarta troca de treinador

• O despedimento de Vitor Paneira foi o quarto na presente edição da 2.ª Liga. O primeiro a ser despedido foi Mauro de Brito (Farense), seguido por Luis Diogo (Trofense) e, mais recentemente, por João Eusébio (Chaves).

BEIRA-MAR → JÁ TODOS FORAM UTILIZADOS

Dança dos guardiões

■ É pouco normal um treinador ter de usar todos guarda-redes do plantel sem ser por mera opção, mas aconteceu em Aveiro. O técnico Jorge Neves viu o titular Rui Rego lesionar-se em Moreira de Cónegos, na 11.ª jornada do campeonato. Renato entrou para o seu lugar e foi sempre o escolhido até também ele se ter magoado na quarta-feira, no jogo com o Ac. Viseu, a contar para a 14.ª jornada da 2.ª Liga. Posto isto, o júnior Samuel entrou no minuto 29 e fez a

sua estreia na formação principal, recebendo elogios do técnico no final da partida.

Esta rotação deve ter seguimento no encontro com o Tondela, mas desta vez por vontade do treinador aveirense, Rui Rego está apto e pode retomar o posto que foi seu desde o início da temporada. Já Renato vai ser hoje reavaliado à lesão sofrida na perna direita e não deve estar em condições para ser convocado para o desafio de domingo. Samuel volta a ser o suplente. **ca** □

CHAVES → QUIM MACHADO DEU SERMÃO

Puxão de orelhas

■ A goleada sofrida frente ao Sporting B obrigou Quim Machado a tomar medidas drásticas. O treinador dos flavienses não gostou da atitude dos seus jogadores em Alvalade e isso ficou evidenciado no puxão de orelhas que deu ao plantel no regresso ao trabalho: um sermão de duas horas para dissecar a derrota da véspera.

“Não gostei do que vi em Alvalade”, começou por dizer o técnico, de 47 anos. “As minhas equipas

lutam e entregam-se dentro de campo até ao fim e aqui vai ter de ser assim”, garantiu. Além deste abanão, o treinador promete reunir em breve com os responsáveis flavienses. “Entre todos, temos de ver o que queremos para Chaves: lutar pelos lugares cimeiros ou andar no fundo da tabela”, vincou.

Em Arouca, para a Taça de Portugal, Quim Machado espera ver essa imagem retificada com uma atitude muito diferente. **psr** □

Anexo 4 – Crónica do FC Porto – Kolding (1 de dezembro)



EFICAZ. João Ferraz foi um dos principais finalizadores dos dragões

FC PORTO SONHA COM APURAMENTO PARA A CHAMPIONS

Primeira linha forte mantém chama acesa

■ A defender e a atacar, a primeira linha do FC Porto, composta por Pedro Spínola (8 golos), João Ferraz e Gilberto Duarte, ambos com 5 golos, foi a base de uma difícil e saborosa vitória por 27-24 sobre o Kolding, atual campeão dinamarquês de andebol e que ainda só tinha sofrido uma derrota na Liga dos Campeões – na Alemanha, frente ao Kiel –, facto que valoriza ainda mais o triunfo portista.

Sem a sua maior estrela (o sueco Kim Andersson que se encontra lesionado), os nórdicos começaram o jogo a tentar demonstrar uma técnica superioridade, mas a defesa acutilante e a eficácia no ataque da formação da casa fizeram o resultado alternar entre o empate e a vantagem mínima dos visitantes. Nos últimos dez minutos do primeiro tempo, os homens comandados por Ljubomir Obradovic aproveitaram os erros técnicos do adversário, tanto defensivos como ofensivos, e saíram para o intervalo a vencer por 4 golos (15-11). Além dos três jogadores referidos no início, também o guarda-linha Alfredo Quintana foi importante na boa prestação dos dragões.

A intranquilidade do Kolding manteve-se no princípio da 2.ª parte, e o FC Porto ficou a 7 golos de distância (20-15). O treinador dinamarquês alterou o sistema defensivo, os dragões abanaram um pouco, mas sem nunca perde-

FC PORTO 27
KOLDING 24

At intervalo: 15-11

Local: Dragão Caixa, no Porto
Árbitro: Javier Mata e Ian Lopez (ESP)

	Ataque	Defesa	Ataque	Defesa
Alfredo Quintana (gal.)	0	0	0	0
Alfredo Duarte	1	1	0	0
João Ferraz	5	1	0	0
Hugo Laurentino	2	1	0	0
Ricardo Moreira	1	1	0	0
Alonso Lorenzo	0	1	0	0
Hugo Santos	2	1	0	0
Hugo Laurentino (gal.)	2	1	0	0
André Gonçalves	0	1	0	0
Diogo Ralha	1	0	0	0
Alonso Lorenzo	0	0	0	0
Miguel Coimbra	0	0	0	0

goleiros: Ljubomir Obradovic – Torbjørn Henck Krogh

rem a lucidez a atacar e a defender e, fundamentalmente, sem nunca perderem a vantagem. Na fase final do encontro, foi essencial o contributo do guarda-redes Hugo Laurentino que fez três defesas consecutivas e não deixou que os escandinavos se aproximassem do marcador, ajudando ao resultado final.

Caminhada. Os portistas mantêm viva a esperança de ainda chegarem aos quatro primeiros lugares do Grupo B que dão acesso à fase seguinte da competição. No entanto, o caminho é tudo menos simples: recepção aos polacos do Kielce, viagem a França para defrontar o Dunkerque e um desafio em casa do todo-poderoso Kiel. JLM

7.ª jornada

GRUPO B

Resultados

FC PORTO	27-24	Kolding
Dunkerque	20-25	Targi Kielce
THW Kiel	16-20	Wiało Plock

Classificação

	P	V	D	G	Res/Bx
1.º THW KIEL (ALE)	10	6	5	0	1.180-165
2.º Kolding (DEN)	10	7	5	0	2.173-165
3.º Targi Kielce (POL)	9	7	4	0	3.206-189
4.º Wiało Plock (POL)	9	9	3	0	3.183-154
5.º FC PORTO (POR)	4	7	2	0	5.197-188
6.º Dunkerque (FRA)	2	7	1	0	6.160-165

Próxima jornada

FC PORTO	Wiało Plock	Kolding
Kielce	Dunkerque	THW Kiel

13 Vencemos uma grande equipa. Foi o nosso melhor jogo nesta época, mas quero ainda mais

LJUBOMIR OBRADOVIC,
treinador do FC Porto

14 Estivemos combativos na defesa e calmos no ataque. Estes desafios fazem-nos crescer e é para isso que serve esta competição

PEDRO SPÍNOLA, jogador do FC Porto

Anexo 5 – Antevisão do SC Braga B – FC Porto B (11 de dezembro)

R QUARTA-FEIRA
11 DE DEZEMBRO DE 2013

FC PORTO B → LUÍS CASTRO RESPEITA O ADVERSÁRIO MAS QUER ASSERTIVIDADE

Diretos aos golos

JOÃO LOBO MONTEIRO

■ O lema “direto ao golo” pertence ao Marselha, mas pode muito bem aplicar-se ao discurso do treinador do FC Porto B, na antevisão do confronto em Braga. Embora seja cauteloso na abordagem ao potencial dos bracarenses (apesar do 16.º lugar que ocupam), Luís Castro quer objetividade por parte da sua equi-

“Vamos jogar com os olhos postos na baliza contrária”, avisou o técnico

pa e que esta tenha sempre “os olhos postos na baliza contrária”. “Teremos pela frente uma equipa organizada, forte e com um treinador muito experiente, que sabe organizar bem as equipas. Isso faz com que cheguemos ao jogo a respeitar muito o adversário. Mas neste clube joga-se sempre com vontade de ganhar e de ter uma boa prestação em termos exibicionais. É isso que tentaremos fazer”, assumiu.

Confiança. Mesmo sem poder contar com alguns reforços da equipa principal dos portistas ou dos Sub-19, já que ambas as formações jogam hoje em Madrid, o técnico portista não deixa a confiança esmorecer. “Jamais a



FORTES. Luís Castro quer manter a chama do dragão acesa perto do topo da tabela

falta deste ou daquele jogador nos vai diminuir a capacidade de olhar para o próximo desafio com mentalidade de vitória. Todo o grupo nos merece confiança. Quando acontecem estes jogos da Liga dos Campeões e da Liga Jovem da UEFA, só podemos é desejar toda a sorte do mundo a ambas as equipas. Nós, em Braga, também vamos fazer por defender o nome do FC Porto com sucesso”, garantiu.

Ainda assim, nomes como Kelvin ou Carlos Eduardo podem aparecer como titulares na equipa dos dragões. □

SP. BRAGA B → JOSÉ COSTA ASSUME DESEJO

«Estar num dia bom»

■ Sem vencer há dois jogos e com o terceiro classificado pela frente, José Alberto Costa espera dificuldades neste jogo e atribui favoritismo ao FC Porto B.

“Vamos enfrentar uma das melhores equipas da 2.ª Liga. Temos de ser realistas e ver as mais-valias que o adversário tem. Esperamos estar num dia bom, coletiva e individualmente, pois só as-

sim poderemos discutir o desafio cara a cara com o adversário”, salientou. Porém, o técnico arsenalista vê também um lado positivo no frente a frente com os portistas: “Estes confrontos motivam ainda mais os atletas. Espero que os meus jogadores não se inibam, que ponham em campo toda a sua capacidade e lutem por um resultado positivo.” □

PÉ ESQUERDO OPERADO FORÇA PARAGEM DE MÊS E MEIO

Éder volta a lesionar-se e faz disparar o alarme

■ Esta sexta-feira 13 foi de pouca sorte para Éder. Sofreu uma fratura no quinto metatarso do pé esquerdo, lesão provocada pela fadiga, e já foi operado pelo cirurgião João Lourenço. O alarme é grande no Axa, dado que a referência ofensiva da equipa só deverá estar nas melhores condições perto de fevereiro próximo.

O internacional português vai falhar toda a fase de grupos da Taça da Liga, a eliminatória da Taça de Portugal frente ao Arouca e quatro jogos do campeonato, entre eles o dérbi minhoto com o V. Guimarães. O avançado de 25 anos deve voltar ao ativo na 17.ª jornada da Liga, com o Belenenses, se tudo correr bem.

Éder, recorde-se, já tinha sofrido uma rotura de ligamentos no joelho direito, em fevereiro deste ano, e regressou aos relvados seis meses depois, no final de agosto, num jogo em que os arsenalistas foram eliminados pelo Pandurii. A lesão, desta vez, não será tão grave, mas é mais uma dor de cabeça para Jesualdo Ferreira que agora só tem um ponta-de-lança de raiz à sua disposição (Edinho), podendo optar ainda por utilizar Hugo Vieira, até agora um extremo...

Além de Éder, também Pardo é baixa de última hora para a partida de hoje, devido a uma virose. Paulo Vinicius e Joãozinho continuam lesionados e fora das opções. JLM. □



Azar bateu à porta de Éder

PAUL BIERCO

SP. BRAGA → NUNO CARVALHO OFICIALIZOU ONTEM A CANDIDATURA

«A nossa gestão vai ser transparente»

RICARDO VASCONCELOS

■ Foi ontem dado o primeiro passo oficial de Nuno Carvalho no sentido de suceder a António Salvador na presidência do Sp. Braga. O candidato entregou a sua lista às eleições do próximo dia 13 de dezembro e até deu o tiro de partida na corrida ao poder: “Vamos ter uma campanha para marcar a diferença e claro que acredito que posso vencer. Posso já dizer que a nossa gestão vai ser rigorosa e transparente”, afirmou, antes de revelar o seu lema: “Comigo, é o Sp. Braga sempre em primeiro!”

A proximidade com os associados será outra das bandeiras do empre-

Proximidade com os associados é um dos principais objetivos do empresário

sário, de 37 anos. “Vou lutar muito para ter os sócios de volta ao clube. Vamos dinamizar o cargo de provedor do sócio, procurando um espaço para os ouvir a todos”, prometeu, lançando outro desafio para os seus pares caso seja eleito presidente: “Queremos também dinamizar os vários órgãos sociais do clube, como por exemplo o conselho geral, que há três anos não se reúne...”

Estranho. Numa primeira fase, Nuno Carvalho afirmou que só avançaria caso António Salvador abandonasse o clube, mas algo o fez mudar de ideias e agora assegura que vai mesmo até ao fim. “O que me fez avançar foram os impasses da atual direção. Ainda não tive nenhuma explicação sobre as razões que levaram a que as eleições fossem adiadas. A irregularidade detetada na lista podia ter sido corrigida e não foi”, explicou, apelando a que outras vezes se levantem: “Até hoje sou o único candidato ao Sp. Braga, mas azeuar-



V DE VITÓRIA. Nuno Carvalho mostrou-se bastante confiante

FIGURAS DA LISTA QUE DESAFIA SALVADOR

DIREÇÃO
Nuno Carvalho
administrador empresas, sócio 12.022

ASSEMBLEIA GERAL
João Fernandes Magalhães
juiz jubilado do Supremo Tribunal, sócio 378

CONSELHO FISCAL
João Ferreira Braga
técnico oficial de contas, sócio 15.364

CONSELHO GERAL
José Barros Pereira
ex-dirigente desportivo, sócio 88

do que venham novas candidaturas pois isso só vai dinamizar o clube.”

Rodado de várias pessoas que já trabalharam no emblema arsenalista, Nuno Carvalho também não se esqueceu delas na primeira intervenção: “A minha lista é composta por pessoas notáveis e estou orgulhoso de a encabeçar.”

Portão do Axa serviu de palanque

• Passavam cinco minutos das 16 horas quando Nuno Carvalho e alguns colaboradores mais próximos entraram no Axa para entregar a sua lista na secretaria do clube. À chegada, o empresário não escondeu um largo sorriso por ver um contingente tão grande de jornalistas à espera. As primeiras palavras, após ser oficialmente candidato, foram mesmo junto a um dos portões do estádio. Dentro de uma semana, Nuno Carvalho vai dar a conhecer o seu programa eleitoral e só aí arrancará a verdadeira campanha para divulgar as suas ideias e conquistar o voto dos sócios.

NUNO CARVALHO >> Empresário oficializou candidatura e recusou ideia de cair de paradas na corrida à presidência do clube. Dar voz aos sócios é uma das bandeiras eleitorais.

É oficial. Nuno Carvalho será candidato à presidência do Braga nas próximas eleições, agendadas para 13 de dezembro, encontrando-se a partir de agora à espera de saber se corre sozinho ou terá a anunciada concorrência de António Salvador (falta apresentar a lista para oficializar a candidatura). Eram 16h05 quando o empresário, de 37 anos, surgiu no AXA para formalizar a candidatura, entregando na secretaria do clube a lista de nomes que o acompanharão na corrida. À saída, 30 minutos mais tarde, mostrou-se “orgulhoso por encabeçar uma equipa com pessoas notáveis” e fez a primeira promessa: “Vou lutar muito para ter os sócios de volta ao clube. Vamos ter e dinamizar o cargo de provedor do sócio, criando um espaço em que possamos ouvi-los. Queremos fazer uma gestão rigorosa, criteriosa e transparente; e dinamizar os vários órgãos, entre os quais o Conselho Geral, que não se reúne há mais de três anos”, revelou, num tom crítico.

Nuno Carvalho passou os últimos anos no anonimato, mantendo-se até à margem de assembleias gerais, mas fez questão de avisar que não cai nestas eleições de para-

-quedas. “Estive sempre ‘off’, nunca quis lá estar [nas AG], mas estive sempre atento a todas as movimentações do Braga”, venceu o empresário, sócio 12 022 dos arsenalistas, que, ao invés do que sucedeu em outubro, em que desistiu em detrimento de António Salvador, desta vez avançou mesmo. Mas, então, o que o fez mudar de ideias? “O que me levou a avançar com esta candidatura foram os impasses do presidente e a falta de explicação para o adiamento das eleições. Por que motivo não foi corrigida uma irregularidade quando o podia ter sido?”, questionou.

Convencido de que poderá ganhar o ato eleitoral mesmo com a concorrência de António Salvador, Nuno Carvalho reconheceu que o trabalho efetuado pelo atual presidente “tem sido bom”. “Mas a nossa candidatura vai marcar a diferença”, ressaltou, confirmando o apoio de “algumas pessoas”. Quem, só mais tarde se saberá, pois quer apresentar o programa eleitoral na próxima semana. Contudo, Artur Monteiro, ex-diretor executivo do clube, é um dos nomes mais falados para o acompanhar na corrida.

“Não entramos em polémicas”

Fotografado com o cachecol do Benfica, depois de amigos terem dito a O JOGO que era bracarense de gema, Nuno Carvalho desvalorizou o episódio. “Já está esclarecido e a nossa candidatura não vai entrar em qualquer tipo de polémicas. Queremos pessoas que tragam ideias para o nosso clube e eu estarei sempre disponível para ouvir todos os sócios que queiram dar o contributo para ela”, afirmou o empresário, que encerrou o discurso com uma garantia: “Braga sempre primeiro”.

Anexo 8 – Notícias de 22 de novembro de Record e O Jogo (versão *Word*)



SALVADOR APRESENTA LISTA DEPOIS DA LUZ

A recandidatura de António Salvador à presidência dos órgãos sociais do Braga será formalizada após o jogo de amanhã, com o Benfica, no Estádio da Luz. O atual líder do clube e da SAD arsenalista apresentará os nomes com que avançará para o ato eleitoral, agendado para 13 de dezembro, no início da próxima semana, bem antes de expirar o prazo limite estabelecido para o efeito (28 de novembro). A expectativa para saber quem acompanhará Salvador é enorme, já que, há cerca de um mês, antes de serem detetadas irregularidades na lista que elaborara, Mesquita Machado aparecia como candidato a presidente da Assembleia Geral e José Mendes como presidente do Conselho Geral. Seja como for, uma coisa é certa: desta vez o empresário terá de enfrentar a concorrência de Nuno Carvalho, depois de nos últimos escrutínios ter sido eleito por aclamação.

R SEGUNDA-FEIRA
25 DE NOVEMBRO DE 2013

LIGA | 27

FERNANDO TORRES É CANDIDATO A VICE DAS FINANÇAS **Lista de Carvalho cresce**

■ A candidatura de Nuno Carvalho à presidência dos bracarenses continua a ganhar forma e ontem ficou a conhecer-se mais um membro da sua lista. Fernando Torres, presidente do conselho de administração do Grupo Torrestir, uma das maiores empresas da cidade dos arcebispos, é o candidato a vice-presidente para a área financeira.

O seu nome junta-se aos de João Fernandes Magalhães (para a assembleia geral), João Ferreira Bra-

ga (para o conselho fiscal) e José Barros Pereira (para o conselho geral), como **Record** anunciou atempadamente.

A semana que hoje arranca será decisiva para o candidato que irá discutir a liderança do clube com António Salvador. Na quinta-feira, Nuno Carvalho deve oficializar o seu programa eleitoral, cuja principal bandeira passa por uma "gestão rigorosa e transparente" das contas dos arsenalistas. □

TORRES NA LISTA DE CARVALHO

Fernando Torres, presidente do Conselho de Administração do Grupo Torrestir (empresa ligada a transportes e logística), juntou-se à candidatura de Nuno Carvalho. Caso o empresário de 37 anos vença as eleições do clube, Fernando Torres, que também preside à ANTRAM, assumirá o cargo de vice-presidente para a área financeira.

SALVADOR POR HORAS

Presidente do Braga há 10 anos, António Salvador deverá formalizar a sua recandidatura entre hoje e amanhã. A lista do dirigente já está praticamente definida, tudo apontando para que Mesquita Machado, o ex-presidente da Câmara Municipal, troque o Conselho Geral pela presidência da Mesa da Assembleia Geral.

TERÇA-FEIRA
26 DE NOVEMBRO DE 2013

LIGA 123

SP. BRAGA → NUNO CARVALHO QUER PROMOVER AUDITORIA ÀS CONTAS

«Receio encontrar dívidas avultadas»

RICARDO VASCONCELOS

■ No último mês de setembro, a SAD do Sp. Braga apresentou lucros superiores a 5 milhões de euros, mas o candidato Nuno Carvalho teme que a situação seja bem diferente. «Receio encontrar dívidas encapitadas e muito avultadas. Várias pessoas de lá de dentro falam-me em valores na ordem dos 35 ou 45 milhões de euros. Alguma coisa não bate certo», assumiu, passando a dar exemplos concretos: «A Autoridade Tributária reclama 2 milhões e 236 mil euros de IRS, IRC e IVA, mas este valor não consta do relatório porque pensam que vão ganhar o processo. Isto é ser rigoroso? No espaço de um



INTRIGADO, Nuno Carvalho quer saber se existe algum fundo de jogadores

Candidato questiona silêncio da direção ao longo dos anos sobre dossiês importantes

ano, os gastos com a frota automóvel subiram de 80 mil para 640 mil euros. Há algum critério nisso?»

Para que estas e outras perguntas tenham resposta, Nuno Carvalho promete fazer uma auditoria externa para clarificar os associados: «Tê-lo andado na sombra, mas fico em pânico com tudo isto. Os sócios não podem só estar preocupados em saber se a bola entra... Eu não quero ver o meu clube como o V. Guimarães e não vou permitir que o Sp. Braga se cridvide.»

O candidato promete ter uma gestão transparente e ir comunicando regularmente o que se passa no clube e na SAD: «Preocupa-me que nos últimos anos ninguém diga nem explique nada no Sp. Braga. Há ou não algum fundo de jogadores? Como se gastaram 5 milhões de euros em contratações? Há muita coisa que se passa e as pessoas não sabem.» □

Troca de acusações aquece a campanha

• Nuno Carvalho mostrou-se «estupefacto» com a declaração de António Salvador, que disse que o futuro do clube não pode ser «hipotecado por meras aventuras de quem está ligado a um passado condizente com o progresso registado nos últimos anos». E atirou uma nova achá para a fo-

queira que aquece a campanha: «Não estaria a referir-se a um membro da sua própria lista?», questionou, antes de lembrar que o antigo presidente «Fernando Oliveira esteve diretamente ligado às polémicas transferências de Tiago, Ricardo Rocha e Oum para o Benfica».

CIDADE DESPORTIVA E CANAL DE TELEVISÃO DO CLUBE

Salvador recupera promessas antigas

■ António Salvador oficializou, ontem da parte da tarde, a recandidatura à presidência dos arsenalistas. Sob o lema de «O Sp. Braga não pode parar», Salvador destacou quatro pontos estratégicos para o próximo triénio, dois deles desejos bem antigos: «A cidade desportiva é absolutamente fundamental para o progresso que temos registado no plano desportivo e financeiro. Os projetos que já temos em mãos têm de permitir que toda a nossa estrutura do futebol bem como das modalidades registem o desenvolvimento pretendido», explicou, passando a outra promessa: «O lançamento da Sp. Braga TV será um meio fundamental de aproximação a todos os nossos sócios e adeptos. As propostas que temos em mãos há vários meses estão a ser analisadas e 2014 marcará o arranque deste projeto que traduz o progresso do nosso clube.»

Uma das novidades do programa eleitoral, e talvez o maior dos desafios, é ultrapassar a barreira dos 40 mil sócios. «Os últimos 10 anos aproximaram e fidelizaram a massa associativa do Sp. Braga. Passámos de 12 mil sócios em 2003 para mais de 31 mil nos dias



Presidente quer títulos até 2016

de hoje e os verdadeiros guerrilheiros do Minho deixaram de ter o nosso clube como o segundo amor», recordou.

Por último, o presidente falou das ambições desportivas: «O Sp. Braga tem de continuar a lutar por títulos e lugares cimeiros. A presença na Liga dos Campeões será sempre o nosso objetivo. Não podemos regressar ao passado de insucesso desportivo.» □

ANTIGO AUTARCA DEU LUGAR A JOSÉ MANUEL FERNANDES

Mesquita fica de fora

■ Afinal, o antigo presidente da Câmara Municipal de Braga não consta da lista de António Salvador para as eleições do dia 13 de dezembro. Mesquita Machado era dado como possível substituto de José Mendes na presidência da assembleia geral, mas nem um nem outro fazem parte dos nomes escolhidos para a direção ou para os órgãos sociais. A AG será liderada pelo eurodeputado José Manuel Fernandes, com o antigo presidente Fernando Oliveira a surgir como candidato ao conselho ge-

ral. Nos últimos dias, Fernando Oliveira já tinha aparecido em público a aplaudir a continuidade de António Salvador e perspetivava-se que fosse uma das surpresas da nova lista apresentada. Por último, Gaspar Vieira foi novamente escolhido para o conselho fiscal.

No plano desportivo, a equipa continua a preparar a recepção de sexta-feira ao O'Haverense, em que Paulo Vinícius será o único ausente devido a lesão. Para esse jogo, os sócios pagam cinco euros e o público entre 10 e 20 euros. □

SALVADOR QUER TELEVISÃO E CIDADE DESPORTIVA - RECANDIDATURA FORMALIZADA >> O atual presidente apresentou ontem a sua lista às eleições de 13 de dezembro e revelou os pontos estratégicos para os próximos três anos

António Salvador apresentou ontem à tarde a lista candidata às eleições de 13 de dezembro e revelou os seus projetos para o clube no próximo mandato de três anos. O atual presidente dos arsenalistas, 42 anos, mantém a farsquia alta relativamente aos resultados desportivos e, também, às infraestruturas e à comunicação. A criação de um canal televisivo do clube, já em 2014, e de uma cidade desportiva são as metas mais ambiciosas de Salvador. Em comunicado intitulado «O SC Braga não pode parar», António Salvador enumerou os objetivos para o próximo mandato. «A Braga TV será um meio de aproximação a todos os nossos adeptos. A Cidade Desportiva é um sonho pelo qual muito lutei e que pretendo ver concretizado nos próximos anos, obra absolutamente fulcral para todo o futebol e modalidades», revelou, deixando também claro que nos próximos três anos o clube terá de continuar a lutar «por títulos e lugares cimeiros», superando ao mesmo tempo a barreira dos atuais 31 mil associados para «ultrapassar os 40 mil». A nível desportivo, António Salvador aponta claramente a uma participação mais assídua na Liga dos Campeões. «Será sempre o nosso objetivo, bem como a ambição de conquistar troféus, como sucedeu na época passada com a vitória na Taça da Liga. Não podemos regressar ao passado de insucesso», assinalou. «Não podemos deixar que o futuro seja hipotecado por meras aventuras de quem está ligado a um passado pouco condizente com o progresso registado nos últimos anos. O Sporting de Braga não pode voltar atrás», termina o comunicado, que salienta que o Braga é um «clube apetecível». Ao longo dos 10 anos da presidência de António Salvador, na vertente desportiva o Braga esteve na final da Liga Europa, em 2011, perdendo em Dublin para o FC Porto, por 1-0, conquistou a Taça da Liga no ano passado, frente aos dragões, por 10, e marcou presença com assiduidade na Liga dos Campeões e na Liga Europa.

Eurodeputado na Assembleia Geral - Ex-presidente da Câmara de Braga não figura na lista. As novidades são José Manuel Fernandes e Fernando Oliveira

José Manuel Fernandes, engenheiro, eurodeputado e ex-autarca de Vila Verde (de 1997 a 2009), 46 anos, é a maior novidade na lista de António Salvador, na qualidade de candidato à presidência da Assembleia Geral. O desaparecimento do nome de Mesquita Machado, como candidato à presidência da Assembleia Geral, é o dado mais inesperado da lista definitiva de António Salvador às eleições do Braga, marcadas para 13 de dezembro. Em caso de vitória, o ex-autarca da cidade, que ainda preside ao Conselho Geral, preparava-se para trocar de órgão social com José Mendes, mas o segundo não gostou da ideia e recusou-se terminantemente a assinar o primeiro elenco apresentado, tendo sido essa uma das irregularidades detetadas. Um mês depois, confirmando-se igualmente a exclusão de José Mendes. Outra das novidades é Fernando Oliveira, ex-presidente do Braga e administrador da agência Cosmos, candidato à presidência do Conselho Geral. Gaspar Castro, revisor oficial de contas, volta a apresentar-se como candidato à presidência do Conselho Fiscal.



PESO. CR7 é um autêntico herói nacional e o apoio a Salvador tem muito peso

SP. BRAGA → RONALDO NA COMISSÃO DE HONRA COM 120 NOMES

O melhor do Mundo dá “voto” a Salvador

ANTÓNIO MENDES

■ António Salvador não o faz normentes e tenta já marcar posição de líder no início à corrida da presidência do Sp. Braga, com eleições agendadas para 13 de dezembro.

No dia seguinte à apresentação formal da sua lista e do programa que pretende cumprir, António Salvador divulgou uma extensa lista de nomes, são “só” 120, de várias personalidades que apoiam a sua candidatura. No topo, naturalmente, destaca-se Cristiano Ronaldo, que obviamente não pode votar, mas o

Atual líder responde à oposição e garante à sua volta figuras de vários quadrantes

peso do apoio do melhor jogador do Mundo é significativo. Ronaldo surge nesta história com óbvias ligações ao seu empresário Jorge Mendes, que também integra esta comissão

Antigos jogadores também apoiam

• Antigos jogadores também fazem questão de dar a cara por Salvador. E o caso de Hugo Viana e Mossoró, que na época passada pertenciam ao plantel, ou Artur Jorge e Zé Nuno Azevedo, duas figuras do passado e agora treinadores. O treinador Manuel Cajuda dá igualmente o seu “voto” ao atual líder, bem como Iva Domingues, apresentadora da TVI, e a incontornável D. Amélia, a sócia mais carismática do clube.

são de honra, ele que é amigo pessoal de Salvador e parceiro em muitos negócios. De resto, também Joaquim Oliveira, dono da Olivedesportos e maior acionista da SAD do Sp. Braga a seguir ao próprio clube, faz parte da lista, bem como Mar-

celo Rebelo de Sousa, reconhecido adepto e comentador político.

Esta comissão de honra, divulgada no dia seguinte à ameaça de Nuno Carvalho, o opositor de Salvador nas eleições, de que iria promover uma auditoria às contas e que tinha o receio de encontrar “dívidas avultadas”, é o primeiro passo de uma luta eleitoral que promete aquecer e que é inédita no reinado de António Salvador nos últimos dez anos.

Naturalmente, a apresentação de uma lista deste tipo vale o que vale, mas o atual presidente reuniu à sua volta muitas figuras com direito a voto. Basta registar que na comissão de honra estão, por exemplo, a grande maioria dos presidentes de juntas de freguesia do concelho de Braga...

Há ainda alguns ex-presidentes do clube, como Alberto Silva, Luís Machado ou João Gomes Oliveira, e nomes como o de Miguel Macedo (ministro da Administração Interna), Carlos Coutada (vice-presidente da Federação Portuguesa de Futebol) e Manuel Machado (presidente da Associação de Futebol de Braga). □

NUNO CARVALHO SALVA BINGO E QUER ATLETISMO VIVO

Três medidas já definidas

■ A lista encabeçada por Nuno Carvalho só vai divulgar amanhã o seu programa eleitoral, pois até lá ainda há alguns pormenores a ultimar.

O candidato que concorre com António Salvador pela liderança dos arsenalistas, todavia, já avançou com algumas das ideias que tem para o Sp. Braga, caso consiga vencer as eleições marcadas para o dia 13 de dezembro. Uma delas passa por “criar melhores condições no Estádio 1.º Maio, revitalizando todas as infraestruturas já existentes e gastando o mínimo de dinheiro possível”. Nuno Carvalho encerra assim o ca-

pitulo do centro de estágios, uma das bandeiras de António Salvador, uma vez que o candidato opositor considera que “deve-se aproveitar o que o clube já tem à disposição”.

Além desta medida, Nuno Carvalho diz, sem revelar que já tem “uma solução para o bingo, um assunto em que ninguém do clube fala há muito tempo, por ser polémico”.

“Se formos eleitos, haverá sempre atletismo no Sp. Braga, pois esta é uma modalidade que nos diz muito e que já deu muito troféus a este clube”, divulgou ainda o candidato a liderar os minhotos. R.R. □

CRISTIANO RONALDO APOIA SALVADOR

COMISSÃO DE HONRA >> O extremo é o nome mais sonante de uma lista que inclui Jorge Mendes, Joaquim Oliveira, Miguel Macedo e Marcelo Rebelo de Sousa

No dia seguinte à apresentação do programa e da lista com que António Salvador concorrerá às eleições de 13 de dezembro, na qual já constavam algumas surpresas, ficou a saber-se que Cristiano Ronaldo apoia o atual presidente do Braga na corrida eleitoral. O nome do internacional português é mesmo o mais sonante de uma comissão de honra recheada de personalidades ligadas às mais variadas áreas da sociedade portuguesa. Joaquim Oliveira, presidente do grupo Controlinveste, Jorge Mendes, agente FIFA, Miguel Macedo, ministro da Administração Interna, Marcelo Rebelo de Sousa, professor catedrático e conhecido adepto do clube, Artur Jorge, Zé Nuno Azevedo, Hugo Viana e Mossoró, ex-jogadores do clube, Manuel Cajuda, ex-treinador dos bracarenses, Carlos Coutada, vice-presidente da FPF, Manuel Machado, presidente da AF Braga, e Iva Domingues, apresentadora de televisão, são outras das figuras que surgem neste grupo de apoio a António Salvador, que, pela primeira vez, terá um concorrente na corrida pela presidência dos órgãos sociais do emblema arsenalista.

NUNO CARVALHO EM REUNIÃO

Nuno Carvalho vai reunir-se, amanhã, com o grupo que pretende alterar a data da fundação oficial do Braga. O objetivo deste lote de sócios, composto por alguns antigos dirigentes, vai entregar ao candidato à presidência do clube um dossiê sobre a temática, à semelhança do que já havia feito há um mês com José Mendes, presidente da AG cessante.

ANTIGO LÍDER DA CÂMARA AFASTADO DA LISTA MAS NÃO ESTÁ NA DE NUNO CARVALHO

Salvador e Mesquita em guerra

■ Há uma guerra que deixou de ser surda a marcar as eleições no Sp. Braga a partir do momento em que António Salvador entregou a sua lista candidata.

O atual líder do clube surpreendeu com a novidade de uma mudança no nome do presidente da assembleia geral. Na primeira lista que Salvador entregou, e que depois foi retirada por alegadas irregularidades, Mesquita Machado, antigo edil de Braga, aparecia como candidato, mas na relação definitiva a escolha recaiu em José Manuel Fernandes,

eurodeputado do PSD, a cor política que gere a Câmara depois de 35 anos de domínio socialista com Mesquita Machado ao leme. A “colagem” de Salvador ao novo domínio partidário parece óbvia e até natural, uma vez que grande parte dos projetos para o futuro do clube, como o Centro de Estágio, está dependente do apoio camarário, sendo que o presidente do Sp. Braga e Mesquita Machado, cujo nome nem sequer aparece na comissão de honra de apoio a Salvador, estão agora de costas voltadas. De tal maneira que Mesquita

Machado até já surgiu associado à lista concorrente de Nuno Carvalho, como eventual líder da SAD, algo negado a **Record** pelas duas partes.

“Não queremos entrar nesta luta entre Mesquita Machado e Salvador e estamos completamente alheios aos desentendimentos entre eles. A nossa ideia é apresentar o programa e começar a trabalhar nele”, garantiu Nuno Ferreira, porta-voz da lista de Nuno Carvalho. Já Mesquita Machado desmente qualquer colagem a esta lista, registando que vai tomar hoje uma posição pública. □

ARTIGO DE OPINIÃO

Uma pergunta

A que canal, exatamente?

António Salvador não precisava ter reunido o Conselho de Estado na Comissão de Honra da sua candidatura. Chega a dar ideia de que ser reconduzido na presidência do Sporting de Braga não é o fim último das suas démarches. De resto, já se sabe: é o melhor presidente que os arsenalistas alguma vez tiveram e, seguramente, um dos melhores jamais surgidos num clube português de segunda linha. Próximos objetivos: ultrapassar os 40 mil sócios, criar uma cidade desportiva e lançar um canal de televisão. Pergunto apenas: que canal? Hoje em dia, basta um computador e um tipo para carregar links (já nem sequer é preciso meter cassetes) para fazer um canal de televisão. Um canal a sério – é disso que estamos a falar? Com 40mil pessoas como público-alvo? Quer me parecer que esse canal terá de ter mais do que futebol. Não: este homem não pára aqui...

SP. BRAGA → ANTIGO AUTARCA CRITICA ANTÔNIO SALVADOR

Mesquita arrasador

■ Sem papas na língua, Mesquita Machado atirou-se a Antônio Salvador na sequência de o presidente do Sp. Braga o ter retirado da lista para as próximas eleições. “Só aceitei o cargo para candidato à mesa da assembleia geral porque ele insistiu muito. Houve uma irregularidade, ele lá saberá porquê, e depois comunicou-me que eu não estaria na nova lista. Foi um gesto indigno, que me magoou e me deixou desiludido. Tenho um passado no clube, ao contrário dele”, disparou o antigo autarca, prosseguindo: “Não troco nem

vendo a minha dignidade. Tenho palavra, ao contrário de outros. Razões políticas no afastamento? Se alguém pretende misturar vida partidária com o clube, é lá com eles...”

Mesquita Machado foi convidado a encabeçar uma lista, mas recusou para não causar instabilidade: “Não tinha o Cristiano Ronaldo a apoiar-me, apenas pessoas que gostam do Sp. Braga! Não quero causar mais estragos porque, ao contrário de pessoas que estão no clube, eu só sou do Sp. Braga. No futuro estou disponível para qualquer cargo.” **R.V.** □

MESQUITA ATACA SALVADOR

Ex-autarca de Braga acusa o presidente do clube de ter um comportamento “indigno”

O desaparecimento do nome de Mesquita Machado da lista definitiva de Antônio Salvador, na qualidade de candidato a presidente da Assembleia Geral, deixou o ex-autarca amargurado. Em conferência de Imprensa, o ex-presidente da Câmara Municipal de Braga considerou que a substituição pelo eurodeputado do PSD José Manuel Fernandes foi um ato “indigno”. “Ofereceram-me outras coisas e recusei”, contou. Se houve razões políticas a sustentar a troca, ninguém tem certezas, incluindo Mesquita Machado. “Vocês (jornalistas) é que poderão responder a isso”, sugeriu, revelando que um grupo de associados recolheu o número necessário de assinaturas para avançar com uma candidatura. “Só não o farei para não dividir o clube”, explicou. Disponível para “conduzir” o clube em qualquer altura, o ex-autarca criticou ainda a associação de Cristiano Ronaldo à candidatura de Salvador. “A vida do Braga só diz respeito aos associados e não aos que podem tirar vantagens do clube”, disparou.

R SÁBADO
30 DE NOVEMBRO DE 2013

ANTÓNIO SALVADOR SEM ESCLARECER RAZÃO DA EXCLUSÃO DO EX-EDIL

«Não cedo a pressões»

EUGÉNIO QUEIRÓS E PEDRO MALACÓ

■ O presidente do Sp. Braga, António Salvador, não esclareceu as razões que levaram ao afastamento de Mesquita Machado da sua candidatura. O dirigente arsenalista apenas elogiou a obra do ex-presidente da Câmara e foi pragmático a abordar o período eleitoral que se avizinha.

“O cidadão Mesquita Machado é uma pessoa por quem tenho muito respeito e admiração pela obra feita ao serviço do clube e da cidade. Disse-o no passado, afirmo-o agora e continuarei a dizer o mesmo no futuro”, asseverou o dirigente, confiante em continuar a liderar os arsenalistas: “Quem me conhece sabe que não cedo a pressões, nem a chantagens. Estou aqui para servir o clube, tal como o tenho feito nestes últimos dez anos e só espero que esta seja uma campanha limpa e não de roupa suja.”

Otimista com a avaliação do seu programa para o clube, António Salvador espera agora por um voto de confiança dos associados. “As pessoas sabem que as eleições não se decidem por uma vitória ou uma derrota, mas por um projeto audaz. Os sócios são soberanos e vão decidir quem será o melhor presidente.”

Administração. Mesquita Machado está mesmo de costas voltadas com António Salvador e ontem não ocupou o lugar no camarote destinado a quem é presidente do conselho geral do clube. O ex-edil até já terá enviado para o clu-



ATRITO. Salvador (à esq.) em rota de colisão com Mesquita Machado

MOMENTO

Na bancada, Mesquita Machado abdicou do lugar no camarote destinado ao presidente do conselho geral e assistiu ao jogo entre os adeptos.



be o cartão que lhe dava acesso à zona VIP e preferiu sentar-se na bancada, onde tem lugar anual e viu o jogo na companhia da família sem trocar muitas impressões com aqueles que o rodeavam. Com um cobertor vermelho

sobre as pernas e o inseparável charuto na boca, Mesquita Machado, que já foi presidente do Sp. Braga e também liderou a mesa da assembleia geral da FPF, aplaudiu os golos e esteve sempre no foco dos adeptos.

A “guerra” com Salvador é um facto, sobretudo depois de Mesquita Machado se ter posicionado para uma futura corrida pela presidência, ele que na 1.ª lista de Salvador surgiu como candidato à liderança da AG mas que na 2.ª se recusou a integrar a equipa. **Record** apurou que MM exigiu a António Salvador um cargo na administração da SAD, situação que o atual presidente não aceitou. E começou aí a confusão... □

MESQUITA FORA DA TRIBUNA

Ao contrário do habitual, Mesquita Machado não viu o jogo na tribuna presidencial ao lado de António Salvador, mas antes na bancada, juntamente com alguns familiares. Uma imagem invulgar que surge depois de o antigo autarca de Braga ter acusado o presidente do clube de “ato indigno” por este o ter excluído da lista de recandidatura.

SP. BRAGA → ELEIÇÕES AQUECERAM EM TABULEIRO INESPERADO

Xeque ao bispo

EUGÉNIO QUEIRÓS E JOÃO LOBO MONTEIRO

■ As pedras estão em movimento no tabuleiro político-desportivo de Braga. Mesquita Machado “cortou” com António Salvador, depois de este o ter deixado fora da sua lista e, embora não assuma a corrida eleitoral, vai tentar desviar votos para o opositor de António Salvador nas eleições marcadas para dia 13 (sexta-feira).

O homem que presidiu durante 37 anos à Câmara Municipal de Braga e que também já dirigiu o Sp. Braga é uma figura agregadora na cidade e, neste momento, pode dizer-se que é o reator da campanha de Nuno Carvalho. Aliás, o candidato que esteve antontem no Axa a fazer campanha até lhe ofereceu a possibilidade de liderar a SAD, enquanto Carvalho as-

Guerra Mesquita-Salvador ao rubro e Nuno Carvalho fez campanha no Axa

sumia a presidência do clube no caso de vitória sobre António Salvador. Mesquita Machado recusou, isto depois de ter sido surpreendido por Salvador quando este não acedeu à sua pretensão de ser administrador executivo da SAD. Uma situação que o líder não podia garantir, pois o clube não tem a maioria das ações da SAD.

Record sabe que o momento em que saltou a tampa a Mesquita Machado deu-se quando Salvador lhe propôs ser o seu “braço direito”, o que foi considerado uma ofensa para quem comandou não só a autarquia mas também o Sp. Braga, indicando os presidentes, como aconteceu, aliás, com o próprio António Salvador – hoje um dirigente já enamorado pelo poder laranja que agora domina a cidade dos arcebispos. □



AFASTADOS. Mesquita esteve na bancada e Salvador na tribuna

Listas ordenadas e votos até às 22 horas

• A organização das eleições arsenalistas está a avançar e já foi definida a ordem das listas: António Salvador encabeça a Lista A e Nuno Carvalho a Lista B. Entretanto, e face às reclamações dos sócios, o horário da votação foi alargado das 18 horas até às 22 horas.

Entretanto, quando a equipa regressar amanhã à tarde ao trabalho, depois de cumprido um dia de folga (ontem houve treino pela manhã), Jesualdo Ferreira irá começar a preparar a deslocação ao Dragão, um palco que bem conhece, para encerrar o ciclo dos grandes na 1.ª volta.

CARVALHO QUER REATIVAR ATLETISMO E NATAÇÃO

Uma boa parte do programa eleitoral de Nuno Carvalho foi divulgado na noite de sexta-feira, quando os adeptos se preparavam para entrar no AXA para assistir ao jogo com o Olhanense. Milhares de panfletos, intitulados “Braga em Primeiro”, foram distribuídos à entrada do recinto, onde era possível ler nove propostas, entre as quais a intenção de “apostar nas modalidades extintas (atletismo e natação) e reabrir o bingo do clube”. Refira-se que Artur Monteiro, ex diretor-executivo do clube, foi visto no camarote de Nuno Carvalho, mas para já ninguém confirma a inclusão do ex-dirigente na equipa do candidato.

Anexo 16 – Notícias de 2 de dezembro de Record e O Jogo (versão Word)



MANAGER DE CARVALHO SERÁ ARTUR MONTEIRO

Antigo diretor do ABC (andebol) e ex.diretor-executivo do Braga, Artur Monteiro é o novo trunfo do candidato Nuno Carvalho. Caso vença as eleições, o empresário conta com o professor para gerir o futebol profissional do clube, desconhecendo-se, por enquanto, se o fará em full-time ou apenas fora do horário escolar. Essa foi uma das razões, aliás, que levou à sua saída da estrutura do clube, já sob a presidência de António Salvador, verificando-se posteriormente o regresso do assessor desportivo Rui Casaca, com quem Artur Monteiro chegou a trabalhar no clube minhoto.

“QUEM AMA O CLUBE NÃO O PODE BELISCAR”

José Manuel Fernandes >>> Substituto de Mesquita Machado na candidatura à presidência da AG, eurodeputado desvaloriza zanga entre ex-autarca e Salvador

(Pergunta sobre a zanga entre Mesquita e Salvador)

Quem ama o seu clube, não profere afirmações que o possam beliscar. Não posso comentar atitudes ou afirmações de nenhum sócio, especialmente as do engenheiro Mesquita Machado que sempre contribuiu para o clube com o seu amor. O Braga deve é crescer, de forma sustentada, tal como se verificou nos últimos anos, sob a presidência de António Salvador.

Quando foi convidado a entrar na lista de Salvador, já estava a par da saída de Mesquita Machado?

Não, não estava. Sabia apenas que tinham sido detetadas irregularidades numa lista inicial. Da minha parte, nunca serei um fator de divisão, antes um fator de união. O Braga é um clube independente, mas tem liberdade para fazer pontes com todas as outras instituições.

Sente que funcionará como elo de ligação entre o Braga e o recém-eleito presidente da Câmara Municipal de Braga (Ricardo Rio), seu camarada no PSD?

Sempre fui contra a mistura do futebol com a política. É nesse sentido que digo que o Braga não pode ser contrapoder, muito menos um espaço de afirmação ou de exercício desse contrapoder. Posso garantir que este clube, com António Salvador e comigo, tudo fará para manter um bom relacionamento com as mais diversas instituições, sendo a Câmara Municipal um parceiro importantíssimo. Cada instituição tem o seu espaço e autonomia, mas podemos falar numa convergência, até porque temos a felicidade de o atual presidente da Câmara Municipal ser um braguista convicto.

Presidente do clube? Não, obrigado

Salvador é “melhor” do que “qualquer sócio”

A presidência na Assembleia Geral do Braga não funcionará para José Manuel Fernandes como trampolim para outros voos no dirigismo desportivo. O eurodeputado diz-se totalmente disponível para colaborar, mas garante que nem a brincar admite suceder a António Salvador na presidência da direção. “Não tenho perfil, nem disponibilidade e António Salvador desempenha melhor do que qualquer um dos sócios esse cargo”, destaca, certo de que Salvador projeta a conquista do título no campeonato. “Esse é o sonho de todos nós. Até há bem pouco tempo era impossível ao Braga chegar a uma final da Liga Europa. Ou seja, vale a pena ter ambição. Estive lá e fiquei com um valente nó na garganta. Não me sai da cabeça o golo do Falcao. Como me acalmei? Bom, admito que comigo o coração manda mais do que a razão no futebol”, confessa.

Uma Cidade por erigir

De todos os projetos já traçados por António Salvador para o próximo mandato, José Manuel Fernandes nutre um carinho especial pela construção da futura Cidade Desportiva. “Pelas suas valências, potencial e cariz social, a Cidade Desportiva é um projeto de difícil execução, mas temos de ambicionar o que é difícil. Tornará o clube mais eclético e valerá a pena procurar soluções. Depois, o projeto da televisão ajudará muito na aproximação do clube aos adeptos”, estima, garantindo que não lhe falta bagagem em matéria de gerir consciências. “Já fui presidente da Câmara e agora sou deputado europeu. Modéstia à parte, estou preparadíssimo para desempenhar um bom papel”, afiança.



Salvador leva 10 anos de clube

OS CANDIDATOS...

ANTÓNIO SALVADOR VAI MESMO DEFRONTAR NUNO CARVALHO NAS ELEIÇÕES DE DIA 13

Duas candidaturas foram aceites

■ O presidente da mesa da assembleia geral confirmou, ontem, que as duas listas candidatas às eleições do próximo dia 13 preencheram todos os requisitos e foram aceites. Assim sendo, António Salvador (Lista A) vai ter, pela primeira vez em dez anos, um adversário. Nuno Carvalho (Lista B) há muito tinha manifestado a intenção de avançar com

um lista e acabou por fazê-lo após o atual presidente ter apresentado uma primeira candidatura com irregularidades. Ontem foi ainda confirmado o horário alargado das mesas de voto, que serão instaladas na zona mista do Axa, das 11 às 22 horas.

Novos trunfos. Depois de Fernando Torres e Artur Monteiro, Nuno Carvalho anunciou mais uma pessoa que está consigo na corrida eleitoral:

Manuel Leão será, em caso de vitória, administrador da SAD, ele que pertence ao Grupo Pre Build, antigo patrocinador das camisolas dos arsenalistas em 2001/12. O empresário promete ajudar o clube nas mais diversas necessidades, nomeadamente injetando dinheiro...

Os antigos jogadores Rui Correia e Barroso também já manifestaram o seu apoio à Lista B.



Nuno Carvalho é um estreado

SALVADOR NA LISTA A

José Mendes, o presidente da Assembleia Geral, validou as candidaturas de António Salvador e Nuno Carvalho. Através de sorteio, na presença de representantes de ambas as listas, ficou decidido que nos boletins de voto surgirá em primeiro lugar António Salvador, pela Lista A, e depois Nuno Carvalho, pela Lista B.

LEÃO NA SAD DE CARVALHO

Caso vença as eleições, Nuno Carvalho terá como parceiro Manuel Roriz Leão, administrador do Grupo Prebuild. O empresário fará parte do conselho de administração da SAD sob a liderança do candidato da lista B, que já juntou à sua equipa Artur Monteiro, como diretor desportivo. Já os ex-jogadores Rui Correia e Barroso farão campanha com Carvalho.

18 | QUINTA-FEIRA 5 DE DEZEMBRO DE 2013 **R**

TROCA DE COMUNICADOS
Polémica agita corrida eleitoral

■ Uma troca de comunicados pontuou o dia de ontem na campanha eleitoral do clube. A Lista B, de Nuno Carvalho, frisou que “a estrutura do Sp. Braga” é paga “por todos os sócios”, razão pela qual “não pode estar ao serviço” de António Salvador, depreende-se da denúncia. A Lista A respondeu de pronto, qualificando como “manobra de diversão” as queixas tomadas públicas e apelando a “uma campanha limpa, sem truques ou ataques” que prejudiquem “a imagem do Sp. Braga”. □

LISTA A APELA A CAMPANHA LIMPA

A lista A, encabeçada por António Salvador, negou em comunicado que esteja a ser utilizado “algum meio do serviço do Braga” para fins eleitorais, recordando que o clube “sempre se pautou pela democracia”. “Voltamos a apelar para que esta seja uma campanha limpa, sem truques ou ataques que só tentam denegrir a imagem do nosso clube”. Esta foi a resposta da candidatura de Salvador a um comunicado da lista B, de Nuno Carvalho, alegando que a candidatura de Salvador se tem aproveitado dos funcionários do clube para preparar ações de campanha: “Exigimos o cessar imediato da intervenção de todos os funcionários do clube”.

ANTÓNIO SALVADOR

«O Sp. Braga tornou-se apetecível»



Recorda o estado em que o clube se encontrava quando assumiu a "missão". Recuperou-o, deu-lhe condições de êxito, mas quer mais

ANTÓNIO MAGALHÃES

RECORD – O que o levou a alimentar o tabu da recandidatura à presidência do Sp. Braga?

ANTÓNIO SALVADOR – A minha hesitação teve que ver com o trabalho desgastante a que me entreguei durante estes dez anos. Achava que havia pessoas que estavam comigo e que poderiam dar seguimento ao que temos vindo a desenvolver. Tentei, até à última, que isso fosse possível. Não o foi. Depois de muitos apelos, entre eles de pessoas com responsabilidades na cidade e no clube, acabei por me convencer a avançar.

R – Tinha então um nome em mente. A quem desafiou para ser seu sucessor?

AS – Não vou agora dizer o nome, mas é óbvio que era importante dar continuidade ao que foi feito e ao que proporcionou a sustentabilidade do clube. Não podemos esquecer o que era o Sp. Braga nos dez ou 20 anos anteriores à nossa gestão, sempre sem estabilidade diretiva, desportiva e fi-

« Há quem faça tudo para ter notoriedade [...] Os sócios não são parvos. Eles sabem o que era o Sp. Braga antes de chegarmos

nanceira. Hoje atingiu uma projeção e reputação que resultou da organização que implementamos. Para a atividade futura do clube, era importante manter a estabilidade.

R – Essa pessoa a quem desafiou continua na sua equipa?

AS – Continua, como continuam outros numa equipa que foi reforçada de acordo com o projeto que pretendemos que vá crescendo.

R – Disse que foi sensível a muitos apelos. Não estava à espera que fosse assim?

AS – Não sou pessoa que se preocu-

pe com vagas de fundo. Vim para este clube com uma missão: recuperar o Sp. Braga, proporcionar o seu crescimento e torná-lo respeitado. Acho que está à vista de todos que há obra feita. E isso que me motiva.

R – Não se tratou de uma estratégia premeditada para provocar uma vaga de fundo?

AS – Nada disso. Comigo as coisas são claras. Sempre foi assim ao longo destes dez anos. Repito: foi uma missão que aceitei e que continuará se no dia 13 [n.r.d. data das eleições] os sócios assim o entenderem.

R – Como interpreta o facto de ter pela primeira vez um opositor na corrida eleitoral?

AS – Sempre disse que era importante haver debate na vida deste clube. Debates de ideias e de projetos. Sintome confortável com essa situação, porque sou exigente comigo próprio e gosto que sejam lançadas novas ideias. Trata-se de uma situação nova nos últimos 20 anos. Isso nunca tinha acontecido, mas hoje o Sp. Braga é um clube apetecível.

R – E não é por isso mesmo que há agora quem queira o poder?

AS – Não vou por aí. É verdade que há dez anos, quando cá cheguei o Sp. Braga, este era um clube quase destruído. Hoje, não o é. Todos sabem o crescimento que tivemos. O Sp. Braga fez mais jogos na Europa nestes últimos dez anos do que em toda a sua história anterior. Quando chegámos, tinha um ativo de 5 milhões de euros e agora é cerca de 50 milhões. Com a minha gestão, só por duas vezes registámos resultados negativos. Na altura em que entrei, o clube tinha capitais negativos de cerca de 4 milhões, hoje tem 15 milhões de capitais positivos. Além disso, passou a ombrear com os

clubes de topo. Sim, tomou-se um clube apetecível. Mas eu estou cá e não preciso de qualquer visibilidade. Aliás, bem sabe que sou "alérgico" a entrevistas. As poucas que dou quase que sou "obrigado" a dá-las. Repito: a minha missão é trabalhar em prol do Sp. Braga e para a sua sustentabilidade. Foi esse o meu comprometimento com os sócios quando cá cheguei. A minha promessa agora é lutar para que este clube continue a crescer.

R – Nuno Carvalho inicialmente abdicaria se Salvador avançasse. Afinal, vai a votos. Que explicação tem para este volte-face?

AS – Não tenho. Eu não troco de opinião de um momento para o outro e em função das ocasiões. Tenho uma linha de rumo que tracei para este clube há dez anos e que procuro seguir. Felizmente, temos atingido

« Auditoria? Estou à vontade. Se houve rigor nas contas foi nos últimos dez anos. Não tivemos um dia de salários em atraso

aquilo a que nos propomos. No entanto, não estamos ainda satisfeitos; queremos ir ainda mais além.

R – O Sp. Braga necessita que haja uma auditoria às contas dos últimos dez anos, conforme foi pedido pelo seu adversário?

AS – Quanto a isso estou completamente à vontade. Se houve rigor nas contas foi nos últimos dez anos. Durante todo este tempo o Sp. Braga não voltou a ter um dia de salários em atraso, um dia de incumprimento ao Fisco ou à Segurança Social. Posso dizer-lhe que o Sp. Braga paga ao Esta-

do 5 milhões de euros por ano. Não são 5 mil euros, são 5 milhões!

R – Quando Nuno Carvalho, este diz que o clube tem uma dívida ao fisco. É completamente falso?

AS – Repito: estou totalmente tranquilo nessa matéria. Este clube tem um acompanhamento fiscal permanente. Pode haver ações pontuais em que divergimos – e não sou eu, são os revisores oficiais de contas responsáveis pela contabilidade e auditorias que, aliás, são feitas todos os anos – com as autoridades fiscais. Mas essas situações não sucedem apenas aqui, mas em todos os outros clubes. No entanto, está tudo escrito e clarificado no Relatório e Contas e nas assembleias; como os sócios têm testemunhado, temos prestado esclarecimentos sobre todas as matérias, inclusivamente a uma ou a outra contestação

«Hoje os nossos sócios não têm dois clubes»

R – Há dois anos apontou para uma fiação de 40 mil sócios. Já lá chegou? Tem sentido um grande envolvimento da cidade e da região ao Sp. Braga?

AS – Quando chegámos, o Sp. Braga tinha 12 mil sócios. Hoje tem mais de 31 mil. Nos próximos três anos temos esse objetivo: chegar aos 40 mil. É curioso notar que hoje os sócios são bracarenenses, não dividem a sua simpatia por outro clube como acontecia no passado.

Mais: 53 por cento dos sócios têm menos de 23 anos, o que é uma garantia para o futuro. As crianças são do Sp. Braga desde o primeiro dia, e isso mudou radicalmente. Não posso, aliás, deixar de sublinhar o trabalho do nosso departamento de marketing. Obviamente que para toda esta dinâmica muito contribuem os resultados. Sem eles, nada feito. Por isso, digo que é o fruto de um trabalho de todos e não apenas de uma ou outra estrutura.



LVADOR

Chegou há 10 anos ao Sp. Braga e transformou o clube num caso de sucesso. Garante que esteve determinado a entregar o projeto a um dos que o acompanhou nesta caminhada de uma década, mas viu-se obrigado a apresentar a recandidatura. Aos 42 anos, o atual presidente do clube minhoto vai a votos, tendo pela primeira vez um concorrente nas eleições

PROJETO É FUNDAMENTAL PARA O CRESCIMENTO E SUSTENTABILIDADE DO CLUBE

«Cidade desportiva pronta para avançar»

R – O que há ainda para fazer no Sp. Braga? O que se propõe fazer no próximo mandato se for eleito?

AS – Há duas situações. Uma tem que ver com as modalidades do clube, pois ao contrário do que dizem não acabaram as modalidades. Pelo contrário, reforçamos o ecletismo do Sp. Braga. A outra está relacionada com o crescimento da SAD. Temos projetos ambiciosos que sempre idealizamos e que entendemos ser prementes e fundamentais para darmos seguimento ao trabalho

que iniciámos há dez anos. Nessa altura, a preocupação foi organizar o clube e depois estruturá-lo em termos desportivos. De seguida, lutar pelos títulos. Essas três etapas estão cumpridas. A próxima é o desenvolvimento deste ciclo sempre com uma preocupação: garantir a sua sustentabilidade.

R – Que projetos são?

AS – Eles estão bem claros no manifesto eleitoral e têm que ver com a ambição de lutar pelos títulos, ficar no topo. E para isso é fundamental a construção da cidade desportiva. É um projeto que não queremos reduzir ao clube, mas torná-lo um motor de desenvolvimento regional. Não visará apenas a sustentabilidade do Sp. Braga, mas terá uma dimensão social no sentido de formar e educar centenas e centenas de milhares que aqui se tornarão homens.

R – Esse projeto ainda está no grau zero?

AS – Não, andamos a trabalhar nele há muito tempo. Está pronto. Temos falado com as entidades com quem temos de colaborar em conjunto. Se continuar a ser presidente, os sócios, a cidade de Braga e a região do Minho vão poder orgulhar-se de um projeto que, pela primeira vez, será pertença do clube. Por outro lado, temos preparado há algum tempo outro projeto: a Braga TV. Queremos que os sócios possam acompanhar em permanência a atividade do futebol e das modalidades, além de promover ações de solidariedade.

R – E quando é que começa?

AS – O projeto está pronto a avançar. Na fase inicial vai ser difundido via internet, mas encontra-se preparado para entrar no cabo numa segunda fase. □

que temos feito junto das autoridades. **R** – Ha duas criticas que foram feitas à atual direção. Uma tem que ver com o custo da frota automóvel que disparou de 80 mil para 600 mil euros e outra está relacionada com a dívida do clube que pode atingir os 45 milhões. O que responde?

AS – Os relatórios e contas da SAD e do clube são auditados e públicos. Mas quando falam do custo da frota, as pessoas não sabem o que estão a dizer. Esse é o valor do ativo, do que lá está, e não o que o Sp. Braga paga. Mas é óbvio que os ativos crescem de forma proporcional ao crescimento do clube. É impossível qualquer clube crescer sem que os seus ativos não cresçam. Não tem lógica nenhuma não ser assim. Quando cá cheguei, o clube tinha uma dívida à banca de 4 milhões de euros. Hoje não deve um

«Aquele jogo em Sevilha...»

R – Qual foi a situação mais complicada que viveu no clube?

AS – Houve alguns momentos difíceis, especialmente nos primeiros anos. Tive de ser de uma enorme dedicação ao clube, assim como a minha equipa. A situação não era fácil e resolver os problemas e ter logo resultados só foi possível com uma entrega total. Passei muitas horas neste clube, prejudiquei a minha vida familiar e até profissional, mas não me arrependo de tudo o que fiz em prol desta instituição. **R** – E a mais feliz?

AS – Muitas, mas há uma que fica para a história... [emocionase]: aquele jogo em Sevilha [n.d.r. vitória por 4-3 no playoff que conduziu pela primeira vez o Sp. Braga à Champions em 2010/11]. Foi uma sensação...

tostão! As pessoas deviam olhar com atenção para os números dos relatórios. As dívidas que a SAD tinha foram liquidadas. O Sp. Braga é estável em termos financeiros.

R – Não estranha que surjam este tipo de críticas quando a imagem que existe é que o Sp. Braga tem sido um caso de sucesso exemplar?

AS – Quando digo que o Sp. Braga é um clube apetecível, provavelmente há quem faça tudo para conseguir ter notoriedade e chegar ao poder. Mas os sócios não são parvos. Eles sabem o que era o Sp. Braga antes de chegarmos. E sabem no que se tornou nestes últimos dez anos. E isso ninguém pode esconder e escamotear. Temos honrado e cumprido todos os nossos compromissos, sejam salariais, pagamentos de impostos, tudo! Junta-se a valorização dos ativos, as conquistas que alcançamos ao nível nacional e internacional. Veja que nos últimos quatro anos fomos por duas vezes à Liga dos Campeões, atingimos uma final da Liga Europa, sagramo-nos vice-campeões nacionais, discutindo o título até à última jornada. Acho impossível as pessoas esquecerem-se disto. Mas no dia 13 terão de escolher se querem continuar neste caminho de crescimento ou se querem voltar ao tempo que já falei de instabilidade. Os sócios são soberanos, e eu estou preparado para o que eles decidirem. Mas quero que fique claro: estou aqui por missão.

R – E por dinheiro, está?

AS – Nunca ao longo destes dez anos a administração da SAD auferiu salários. Comigo nunca irá receber. Jamais aceitei ser um presidente remunerado. Nunca o fui nem nunca o serei. A minha missão é de trabalho, organização, crescimento para fazer do Sp. Braga uma referência no desporto nacional, como o passou a ser nos últimos anos.



GARANTE QUE NÃO MUDA DE OPINIÃO SOBRE MESQUITA MACHADO

«Processo de candidatura foi limpinho, limpinho, limpinho»

R – Desde a primeira hora que contou com o apoio de Mesquita Machado. O que aconteceu para ele ter passado para o outro lado?

AS – Não se passou nada; a história não está muito bem contada. **R** – Então conte lá...

AS – Não vou entrar em polémicas com o eng.^o Mesquita Machado. É uma pessoa que respeito e da qual sou amigo e irei continuar a ser. Ele fez muito por esta cidade durante os 37 anos que a serviu. Todos os bracarenses, incluindo eu, devem-lhe muito. Se Braga é hoje o que é, muito o deve a Mesquita Machado. Deve ter, por isso, toda a consideração, até pelo que fez, também, pelo Sp. Braga. Nos momentos de grande instabilidade no período que antecedeu a minha chegada, ele foi a pessoa mais importante que o clube teve.

R – Não fica magoado?

AS – Não. Aquilo que dizia do eng.^o Mesquita Machado já o dizia no passado, digo-o hoje e vou continuar a dizê-lo no futuro. Não mudo de opinião em função das atuais circunstâncias e das declarações que ele fez sobre a minha pessoa.

R – O passado será intocável, mas em função do que Mesquita Machado tem dito, não fica com rancor? Aceita as acusações que ele lhe faz?

AS – Não, isso não aceito. O eng.^o Mesquita Machado sabe que as coisas não foram como têm sido contadas. Estou de consciência tranquila em relação ao facto de Mesquita Machado não ter ido para a presidência da assembleia geral. Convidei-o para estar comigo no projeto e ele não aceitou. Além disso, as irregularidades de que se falam não têm fundamento. O processo de candidatura foi limpinho, limpinho, limpinho.

R – É verdade que Mesquita Ma-

chado quis um cargo de administrador na SAD?

AS – Não vou responder, pois isso agora não é o mais importante. O que é fundamental é unir os sócios em prol de um projeto de continuidade e de sucesso.

R – Tem já sentido da nova câmara o apoio que reclama para o clube? O que entende que deve ser esse apoio?

AS – O clube jamais poderá dissociar-se da câmara. O Sp. Braga atingiu tal dimensão que as duas instituições têm de estar em sintonia. Uma eventual rutura seria prejudicial para a cidade. Atualmente, o Sp. Braga é o maior embaixador da cidade. A câmara só terá a ganhar se estivermos em sintonia. Isso não

« Todos devemos muito a Mesquita Machado [...] Estou de consciência tranquila. Convidei-o para o projeto e ele não aceitou

valida que se possa dizer que haja interesses políticos no Sp. Braga.

R – Mesquita Machado insinuou isso mesmo...

AS – Se há alguém que separou a política deste clube com a câmara chama-se António Salvador – desde o primeiro dia. A separação foi clara e honra, seja feita justiça ao eng.^o Mesquita Machado, pois desde então nunca se meteu na atividade do Sp. Braga. Sobre respeitá-la. Agora, no novo elenco, continuando eu como presidente, as coisas irão processar-se da mesma forma.

R – Mas já deu conta disso mesmo ao novo executivo?

AS – Não há misturas. O clube tem a sua atividade e influência na cidade. Há projetos cuja envolvimento da câmara será fundamental, mas mais do que isso comigo a presidente nem pensar. □



À CONVERSA. No gabinete do presidente do Estádio AXA com o Record

«Só posso e só quero ser presidente do Sp. Braga»

R – Sempre assumiu a sua simpatia pelo FC Porto. Hoje, após dez anos no Sp. Braga e pronto para mais três, admite ser presidente de outro clube?

AS – Não. Sou sócio de apenas um clube: o Sp. Braga. E nunca fui de outro, ao contrário do que possam dizer. Logo, não posso ser presidente de mais nenhum clube. Nem quero.

R – Procurou “imitar” alguém quando se lançou nesta aventura de dirigir?

AS – Tenho as minhas convicções e são essas que procuro seguir. No caso do Sp. Braga, fazer deste clube um clube de sucesso, cumpridor e organizado.

«Não é impossível ser campeão»

R – O Sp. Braga já esteve perto de ser campeão. Acha que voltará a ter essa oportunidade?

AS – A esperança nunca morre. Sempre acreditei. Muitos me diziam que seria uma utopia pensar tão grande. Tentei passar sempre internamente a mensagem forte de que deveríamos acreditar no nosso trabalho numa dinâmica constante de vitória. De que somos capazes de fazer.

R – Portanto, não é impossível?

AS – Não, e tanto não é que já o demonstrámos. É verdade que lutamos contra orçamentos e massas adeptas superiores, mas não é só com isso que se ganha e está provado que se consegue esbater essa desigualdade de campo.

«Alan fará o que entender»

R – Alan está no Sp. Braga há seis anos e já vai com 34. Vai ter futuro no clube?

AS – O Alan é o exemplo de um grande profissional. Todos os seus colegas devem rever-se nele e orgulhar-se dele. Está em final de contrato e, apesar de já não ser um jovem, trabalha com empenho e dedicação notáveis. Alan sabe que o Sp. Braga é a sua casa e que o futuro dele passa por aqui, se ele assim o entender. Seja a jogar ou noutra função. Ele é que vai definir o futuro que pretende ter.



«Sabíamos o risco que corríamos mas voltaremos a ter um ciclo vitorioso»

R – No arranque da época, o 3.º lugar estava “entregue” ao Sp. Braga, até pela fragilidade de um dos grandes, o Sporting. Hoje, quando olha para a classificação e vê a equipa em 8.º lugar, o que sente?

AS – Sabíamos que este ano ia ser complicado, atendendo à reestruturação que fizemos no plantel. Analisando-o, chegamos à conclusão que é de excelente qualidade mas que houve uma grande mudança. Sairam jogadores que estavam cá há muitos anos, de modo a que pudéssemos alavancar um novo ciclo para o Sp. Braga.

R – Não foi um grande risco?

AS – Já houve um ciclo similar quando o treinador era o Jorge Jesus. Corremos esse risco sem receios. Terminamos a Liga em 5.º lugar, mas eu disse na altura aos sócios que essa etapa seria fundamental para o futuro e que nos anos seguintes teríamos boas provas disso. Assim foi. A convicção que tinha nessa altura, tenho-a de novo agora. Acredito que esta reestruturação resultará num ciclo vitorioso.

R – Mas está a ser mais difícil do que esperava?

AS – Temos muitos jogadores novos e jovens. Um treinador novo também. Mas acreditamos nos nossos ideais. Curiosamente, começámos bem, mas depois atravessámos um período

complicado que nos levou de facto para um lugar a que não estamos habituados. Houve também muito azar.

R – Foi só azar?

AS – Acho que fizemos um jogo muito mau na Madcira [n.d.r.: derrota 3-0 com o Nacional], mas em todos os outros que perdemos mostrámos ser

☛ A saída de Jesualdo Ferreira nunca esteve na minha mente. Tínhamos uma convicção comum: as coisas iam mudar

superiores ao adversário. Todos temos responsabilidades e tudo faremos para ultrapassar a situação o mais rápido possível. Nos últimos jogos, a equipa tem dado boa resposta e no final do campeonato vamos chegar aos lugares a que nos propusemos. Sabemos que os outros concorrentes estão fortes e que o próprio Sporting está a fazer um excelente campeonato. Olhe, é a prova também de que não é só com os milhões que se ganham coisas.

R – Nalgum momento pensou que teria de mudar de treinador?

AS – Nunca! E transmiti sempre isso ao prof. Jesualdo Ferreira. Além do dito azar – que,

acho que já foi embora –, a nossa convicção era comum: as coisas iam mudar. O pior que pode acontecer numa organização é que a fragiliza é o impasse, a dúvida, e a saída do treinador nunca esteve na minha mente. Acredito que Jesualdo Ferreira vai alcançar aquilo a que nos propusemos.

R – Admite que noutros tempos poderia ter reagido mais a quente?

AS – Recordo-se que houve uma época em que saíram treinadores a meio [2006/07: Machado, Carvalho, Rogério Gonçalves, Jorge Costa]... Nunca mais aconteceu.

R – Foi uma lição?

AS – Foi um erro que cometi, que nada trouxe de bom à equipa.



«Não vamos vender ninguém em janeiro»

R – Rafa foi o grande achado do Sp. Braga?

AS – Há muito tempo que estava referenciado. Estão à vista as qualidades que tem e o futebol português vai poder contar com ele para o futuro.

R – E pode representar um grande encaixe financeiro para o Sp. Braga...

AS – Não estamos a fazer contas a isso neste momento. Aliás, posso tranquilizar os sócios e dizer que não iremos vender em janeiro nenhum jogador do núcleo duro e que constitui a base da equipa.

Pelo contrário, iremos reforçá-la e já é público que iremos ter um novo central [n.d.r.: Kadu].

R – Para que lugares o Sp. Braga está mais carenciado no imediato?

AS – Essa análise é feita pelo treinador. Tivemos de definir a questão do central mais cedo, por causa das lesões. Estamos, porém, satisfeitos com a reestruturação que fizemos e o plantel que construímos.

Aprendi essa lição. Aliás, durante a fase mais difícil desta época, passei a mensagem aos sócios de que acreditava que as coisas iriam mudar.

R – Quantas vezes foi este ano ao balneário?

AS – O prof. Jesualdo confirmou que fui ao balneário a seguir ao jogo com o Nacional. Chamei os jogadores à realidade e lembrei-lhes o compromisso que temos. Eles sabem que podem contar comigo. Aliás, tomamos juntos o pequeno-almoço, falamos antes do treino, tudo na maior informalidade. Tenho uma presença normal e continua com a equipa.

R – A saída da Europa foi a maior frustração da época?

AS – Não fiquei satisfeito. Aliás, é curioso que manifestei desagrado após o primeiro jogo, que ganhámos. A ambição do Sp. Braga é máxima: além de ganhar, além de jogar bem. E a quele

«Treinadores são apostas pessoais»

R – Jesualdo Ferreira assinou por três anos quando, depois dele, na primeira passagem só Domingos aguentou dois anos. E Jesualdo forever?

AS – O prof. Jesualdo foi uma escolha fundamentada neste novo ciclo que projetámos. Esteve connosco no início e tem conhecimento profundo da nossa realidade. A confiança foi tanta, que lhe propus os três anos de contrato.

R – Dá-lhe um gozo especial ver que quem passa pelo banco do Sp. Braga tem dado o salto para outros voos?

AS – Não fico indiferente à situação, até porque todos eles têm sido uma aposta pessoal minha.

É com orgulho que constato o acerto das opções e o reconhecimento dos seus trabalhos.

R – A saída de Peiseiro ao fim de uma época e após a conquista da Taça da Liga foi inesperada...

AS – Peiseiro era um treinador que eu desejava há muito. Aliás, antes de ele ter ido para o Sporting, convidei-o para vir para o Sp. Braga. Estive em Coruche em casa dele, mas horas antes ele comprometeu-se com o Sporting. O ano passado, o clima criado em seu redor não foi favorável à sua continuidade. Ganhou a Taça da Liga, mas ficámos aquém das expectativas no campeonato e na Champions. Tínhamos condições para fazer melhor.



«Baixar de 15 milhões é descer de nível»

R – Qual é a verba que tem de encaixar no final da época para manter as contas da SAD equilibradas?

AS – Esse valor está indicado no orçamento de início da época. O Sp. Braga terá de fazer 6 milhões de euros de receitas adicionais. E só pode ser obtido de duas formas: ou com investimento dos parceiros institucionais ou com venda de ativos. É inevitável o Sp. Braga continuar a ser um clube vendedor todos os anos.

R – Baixou o orçamento de 18 para 15 milhões. A ten-

dência é para continuar a reduzir?

AS – Se queremos atingir o patamar que pretendemos, é impossível baixar. Podemos dizer que o país e o futebol estão em crise, mas o certo é que o Sp. Braga tem apresentado resultados. E se queremos que continue assim, temos de manter este nível competitivo e esta ambição para podermos a valorizar os ativos. De outra forma os nossos parceiros institucionais e comerciais não estarão tão presentes no clube.

«Sabemos que podemos fazer um bom resultado [no Dragão]. Mas não é uma vitória ou uma derrota que muda o nosso rumo»

fazer o melhor trabalho possível. A minha preocupação é que nada lhe falte no dia-a-dia, para desenvolver as suas capacidades.

R – Vem aí o jogo com o FC Porto.

É o melhor momento para dar uma sapatada em definitivo na crise?

AS – O FC Porto é um grande clube, ali não há crises. Pode haver situações pontuais menos boas, mas a crise não passa por eles graças à organização e estabilidade que tem desde há muitos anos. Aliás, a estabilidade é um ponto comum aos clubes que conseguem ter sucesso. FC Porto, Benfica e Sp. Braga são exemplos disso. Antes das estruturas que têm desde há alguns anos, qual era o êxito que tinham? O que tem sucedido ao Sporting e ao V. Guimarães ao longo deste tempo com as sucessivas trocas de liderança?

R – Voltando ao jogo no Dragão...

AS – É complicado, é na casa do campeão mas temos confiança e sabemos que podemos fazer um bom resultado. Mas não é uma vitória ou uma derrota que muda o nosso rumo. Queremos vencer todos os dias. Para mim perder é complicado, mas sei que tenho de lidar com isso.

R – A quase 10 pontos do 3.º lugar, a Champions já é só uma miragem?

AS – Poderia detalhar alguns jogos para justificar a perda de alguns pontos. Por exemplo, o Sporting quando jogou e venceu em Braga beneficiou em grande parte do facto de termos

ficado limitados, logo aos 15 minutos, pelas lesões dos dois centrais. Esse momento despoletou a instabilidade que se seguiu e, em contrapartida, deu outro clio no Sporting. Mas ainda há muito campeonato. O Sporting está de parabéns pelo que tem feito, mas enquanto for possível lutaremos pelas lugares do topo.

R – O Sp. Braga vai focalizar-se nas taças e sobretudo no Jamor?

AS – É uma ambição que temos. Já caímos em duas meias-finais. As duas taças são um objetivo, tal como o campeonato. Tudo em pé de igualdade. □

«Liga não pode estar em guerra com todos»

R – O Sp. Braga tem estado entre aqueles que querem fazer cair Mário Figueiredo. Porquê?

AS – O Sp. Braga quer estar de bem com as instituições do futebol, mas acho que há algo que não vai bem. Esta direcção da Liga foi eleita em função de interesses de alguns clubes. Melhor prova de que as coisas não estão bem verifica-se no facto de a Liga estar de candeeiras às avessas com os seus filiados e com quase todas as outras entidades, desde a FPF, aos árbitros e até patrocinadores. Não é tempo para andarmos em guerras mas sim altura de unir os clubes, porque a Liga existe para os servir. É preciso conseguir mais receitas.

R – Quem gostaria de ver na presidência da Liga?

AS – Não tenho nomes nem nunca tivemos interesse em nomear pessoas. Quero é que a Liga funcione, que esteja perto dos clubes e das instituições e que resolva os problemas.

Luís Filipe Vieira, Bruno de Carvalho, Jorge Mendes e os inimigos

R – Sempre que há um Benfica-Sp. Braga, fala-se nas relações de negócio entre si e Vieira. Isso incomoda-o?

AS – Não. Antes de chegar ao futebol já conhecia o Luís Filipe Vieira. Não foi o futebol que nos uniu, pelo contrário...

R – Tem relações mais difíceis com Vieira por causa do futebol?

AS – Não, continuei meu amigo, mas nenhum de nós mistura o futebol com a amizade. Desde a primeira hora, subemos respeito os interesses dos clubes que representamos.

R – Como vê a entrada em

cena de Bruno de Carvalho?

AS – Não comento a pessoa, mas constato o facto de que o Sporting estava no fundo e agora as coisas estão a correr melhor. Aliás, pior não poderia correr. Não vou entrar em guerras com o Sporting, já tantas vezes se falou da história de quem é o quarto grande... Para o futebol português só vejo vantagens em que todos os clubes sejam cada vez mais fortes.

R – Jorge Mendes reduziu a sua influência em Braga e “mudou-se” para o Rio Ave. Algum motivo para este afastamento?

AS – Não há qualquer afastamen-

to. A minha relação profissional com Jorge Mendes começou quando cheguei ao Sp. Braga e evoluiu para uma relação de amizade que irá sempre sobreviver à minha saída. O Jorge Mendes tem jogadores no Sp. Braga, tem sido um parceiro de excelência e os bracarense só podem orgulhar-se de o clube ter uma forte ligação ao melhor empresário do Mundo.

R – Criou muitos inimigos no futebol?

AS – Alguns, em defesa dos interesses desta instituição, e em defesa dela não me importo de, se valer a pena, criar aqueles que forem necessários.

Carvalho quer debate na TV

Nuno Carvalho propõe “um debate público na rádio ou na televisão” com António Salvador, o candidato da Lista A. “Acreditamos que essa seja a única forma de esclarecer os sócios sobre as propostas dos clubes”, defendeu, em comunicado, a Lista B. Esta tarde (18h00), a equipa de Nuno Carvalho apresenta-se à comunicação social num restaurante do Sameiro.

Serviços “sem dificuldades”

José Mendes, o presidente da Assembleia Geral, deixou a garantia de que os serviços do clube estão em condições de facultar a listagem dos sócios votantes. “O candidato da lista B falou-me hoje de dificuldades, mas os serviços do clube dizem-me que não há qualquer problema”, explicou.

ANTÓNIO SALVADOR RESPONDE A NUNO CARVALHO

«Um projeto credível e sem vender ilusões»

■ António Salvador aproveitou um encontro com sócios no Arsenal da Devesa – entre eles o antigo jogador Zé Maria que venceu a Taça de Portugal pelo Sp. Braga em 1966 – para voltar a frisar a credibilidade da sua candidatura. “O nosso projeto é credível e não vendemos ilusões”, afirmou, como que respondendo à crítica de Nuno Carvalho, oponente que, na tarde de ontem, vincava que Salvador “é um vendedor de sonhos”.

O candidato da Lista A reforçou na noite de ontem a importância de o clube continuar a reunir mais associados, na sequência do que tem acontecido desde que assumiu a presidência: “Quando chegámos o

clube tinha 12 mil sócios e agora são 31 mil, muitos deles jovens.” Salvador enalteceu o seu desejo de “criar património” no Sp. Braga e qualificou os associados do clube como “inteligentes”: “Eles sabem a credibilidade que conquistámos.”

Milhões. Entretanto, horas antes, o candidato da Lista B, Nuno Carvalho, revelou ter 20 milhões de euros para o futebol e um “naming” para o estádio no valor de 5 milhões por ano. O candidato venceu que o “objetivo mínimo é que o Sp. Braga esteja todos os anos na Liga dos Campeões”. Carlos Gomes é o novo investidor da Lista B (junta-se a Manuel Leão). JMA& □

Carvalho anuncia 20 milhões de euros

Investimento e novo naming no estádio “garantidos”

Nuno Carvalho, candidato da Lista B, apresentou ontem o seu programa eleitoral, com destaque para o investimento no futebol. “Tenho garantidos 20 milhões de euros para o futebol, de investidores nacionais e estrangeiros, que ainda não posso revelar, o que fará com que não tenhamos de desinvestir e que o objetivo mínimo seja a Liga dos Campeões”, afirmou. O candidato adiantou também já ter assegurado um novo “naming” para o estádio, que permitirá ao clube um encaixe “a rondar os cinco milhões de euros/ano”. Nuno Carvalho prometeu ainda revitalizar modalidades “abandonadas”, como a natação e o atletismo, e criar “um centro de formação para o futebol”. Além disso, caso vença as eleições irá proceder a uma auditoria externa às contas da SAD e do clube. Nuno Carvalho mostrou-se ainda muito crítico de António Salvador. “Ver o programa da Lista A é embarcar numa ilusão só comparável a um vendedor de sonhos. A promessa da construção da cidade desportiva tem dez anos, mas ainda ninguém disse quem a pagará. Quem vai investir 200 milhões de euros? Tenho a informação de que a construção seria na Quinta de Jós, onde os terrenos pertencem a Salvador. Será verdade? Com que interesses?”, questionou. Para Nuno Carvalho, Salvador é remunerado e só se recandidatou porque foi “obrigado”. Carlos Gomes, presidente da maior leiloeira do país, faz parte da Lista B.

“NÃO VENDEMOS ILUSÕES”

ANTÓNIO SALVADOR >> Em campanha junto dos adeptos, presidente do Braga respondeu a Nuno Carvalho, que o acusou de ser um vendedor de sonhos

Depois de Nuno Carvalho o ter acusado de ser um vendedor de sonhos, António Salvador respondeu ao adversário eleitoral elencando alguns dos seus méritos. “O Braga é agora um clube apetecível, que projetou a cidade, o país e a marca. Fizemos um trabalho com ambição, rigor e persistência. Temos um projeto credível, sustentável; não é daqueles de atirar para o ar. Não é verdade que vendemos ilusões, porque concretizámos muito objetivos. Lutámos pelo título, fomos à Liga dos Campeões e fomos a uma final europeia, quando ninguém acreditava”, afirmou o líder da Lista A, reforçando o ataque a Nuno Carvalho. “Os sócios do Braga são inteligentes e sabem o que foi feito. Não é preciso vir agora alguém falar em venda de ilusões. No dia 25 de outubro houve uma pessoa que emitiu o seguinte comunicado, e passo a citar: ‘Tomo esta decisão, porque a missão de António Salvador não foi concluída e o clube tem muito a receber deste homem notável.’ Os meus ideais são sempre os mesmos no passado, no presente e no futuro”, frisou.

Nuno Carvalho também pôs em causa a possibilidade de a cidade desportiva avançar e não ficou sem resposta. “Vamos criar uma obra que vai pertencer ao Braga. Está na hora de criar património e riqueza; não é um projeto megalómano. É uma obra que todos desejam, que irá orgulhar o Braga e que dará sustentabilidade ao clube”, venceu. Quanto ao capítulo financeiro, Salvador garantiu que o Braga “é um clube sem dívidas, que cumpre com atletas e impostos”. De resto, deu como “pronto” o projeto Braga TV: “Terá um noticiário diário e será uma realidade no início de 2014.”

Presença inédita, cânticos e confiança para o Dragão

Pela primeira vez, um presidente do Braga marcou presença na sede do Arsenal da Devesa, pequeno clube que fica ao pé do 1º de Maio. Cerca de 80 adeptos ouviram António Salvador, que na despedida recebeu o cântico habitual que lhe é dedicado. “Hoje, os sócios são bracarenses; não são benfiquistas, portistas ou sportinguistas”, referiu Salvador, que pediu um aplauso para uma presença ilustre, a de José Maria, ex-jogador que venceu a Taça de Portugal em 1966. Quanto ao jogo com o FC Porto, o dirigente tem a “convicção de ir fazer um grande resultado e ganhar”.



SALVADOR E OS SEUS PARES CONTESTAM PROMESSAS DE MILHÕES

Críticas à oposição aumentam de tom

JOSÉ MÁRIO E RICARDO VASCONCELOS

■ A menos de uma semana do ato eleitoral, a troca de acusações entre candidatos à presidência do Sp. Braga subiu de tom. Ontem, António Salvador e duas figuras de proa da sua lista, José Manuel Fernandes e Fernando Oliveira, responderam ao anúncio de Nuno Carvalho de que teria 20 milhões de euros para investir no futebol.

“Os sócios têm de escolher se querem um clube para continuar a crescer ou escolher alguém que diz que eu sou um vendedor de sonhos,

“Este é um projeto para continuar e não para parar”, frisou o líder da lista A

mas que tem um projeto que, esse sim, é de sonhos”, atirou António Salvador, indo ao encontro das declarações que já tinha proferido no passado sábado. O ainda presi-

Presidente andou a entregar flores

• António Salvador esteve ontem em campanha e escolheu um restaurante bracarense para conquistar o voto de meia centena de mulheres, surpreendendo as presentes com flores que entregou... uma a uma. Já pela noite recebeu o apoio, via televisão, do comentador político Marcelo Rebelo de Sousa: “O meu Sp. Braga vai a eleições na sexta-feira e espero bem que o António Salvador ganhe!”

dente voltou a apelar ao voto de todos os associados, sem nunca deixar de recordar a obra que realizou. “Esta semana é importantíssima para o clube. É uma situação que não se via há 25 anos. Isto também se deve ao crescimento do Sp. Bra-

ga. Peço a todos os sócios que, na próxima sexta-feira, vão votar. É importante mostrar a força e o crescimento deste clube”, reforçou, vindando a ideia: “Este é um projeto para continuar e não para parar...”

Ataques. Bem mais contundente do que Salvador foi José Manuel Fernandes, candidato a líder da AG. “Não conheço nenhuma ideia da lista adversária, mas afirmações como aquelas onde dizem ter 20 milhões de euros só descredibilizam quem as profere. Nem na Alemanha se conseguem ter namings de estádios por esses valores”, referiu, prosseguindo: “Os sócios devem votar na credibilidade de António Salvador. Fez algo que muitos diziam ser uma utopia, como lutar pelo título ou andar na Champions. Não podemos deitar fora este trabalho.”

Fernando Oliveira, candidato a líder do conselho geral, afinou pelo mesmo diapasão: “Os 20 milhões de euros não fazem qualquer sentido. Se a lista A ganhar, eles que nos forneçam esse projeto...” □

NUNO CARVALHO ESTÁ CANSADO DE DERROTAS

Reforços a caminho...

■ Após mais um desaire da equipa principal, o candidato Nuno Carvalho anunciou que, se for eleito, vai reforçar a equipa já no mercado de janeiro. “Urge acrescentar valor, dinamismo e novas emoções que nos deem mais vitórias”, afirmou o candidato da lista B, explicando o que tenciona levar avante: “Depois do jogo com o FC Porto, decidi confirmar os contactos que já tinha encetado, de modo a que nas próximas horas sejam apresentadas soluções profissionais que visam dar mais valor qualitativo ao plantel. Falar do que fizemos no

passado não faz com que se ganhem jogos. Eu e os adeptos do Sp. Braga queremos vencer jogos.”

Referindo que adiou abordar este assunto para não perturbar Jesualdo e os jogadores, o candidato mostrou-se agastado e preocupado pelas seis derrotas nos últimos sete jogos da Liga: “Chegou a altura de dizer basta. Sábado será o último jogo sob a letargia do senhor António Salvador. Parece que anda mais preocupado em tentar solucionar os seus problemas pessoais e empresariais do que em impor respeito pela camisola do Sp. Braga.” □

“O OUTRO PROJETO É DE SONHADORES”

SALVADOR ENTRE AS MULHERES >> Atual líder e candidato da Lista A defende que o clube é estável e enviou bicada ao rival. Marcelo Rebelo de Sousa entra na campanha

O final de tarde de ontem de António Salvador foi dedicado às mulheres, numa ação de campanha que contou com cerca de 50 participantes. Acompanhado de José Manuel Fernandes e Fernando Oliveira, candidatos a presidentes da Assembleia Geral e Conselho Geral, respetivamente, o atual presidente e candidato da Lista A voltou a defender a credibilidade do projeto que traçou, aproveitando para dar uma alfinetada no adversário, Nuno Carvalho. “Estamos a viver uma semana importante, como não se via há quase 25 anos, e isso deve-se à estabilidade e ao crescimento do Braga. Hoje é um clube apetecível, mas têm de ser vocês a escolher se querem a continuidade de um projeto sustentável e em crescimento ou outro liderado por alguém que diz que sou um vendedor de sonhos. A verdade é que do outro lado só vejo um projeto de sonhos, que jamais será concretizado”, venceu, ouvindo aplausos de uma plateia que o recebeu com o cântico “Vota Lista A, Salvador vencerá”, recebendo em troca um beijinho do empresário. Apesar de a confiança na vitória no ato eleitoral de sexta-feira ser enorme, António Salvador continua a apelar ao voto por parte dos adeptos e a receber apoios. Ontem, Marcelo Rebelo de Sousa fez questão de entrar na campanha para expressar um desejo. “O meu Braga vai a eleições sexta-feira e espero bem que o António Salvador ganhe”, referiu o professor universitário, no habitual espaço de comentários que tem, ao domingo, na TVI.

Lista B desafiada a ceder proposta

O anúncio, por parte da Lista B, de um naming para o estádio que renderia cinco milhões de euros por ano ao Braga causou espanto na Lista A. “Se sabemos que na Alemanha os estádios não conseguem ter um naming com o valor que agora prometem, é fácil perceber que alguma coisa não bate certo”, referiu José Manuel Fernandes, candidato à presidência da AG na lista de António Salvador, antes de Fernando Oliveira deixar um desafio. “Se têm esse contrato, que o coloquem à disposição desta Direção quando perderem as eleições”, atirou o candidato a presidente do Conselho Geral.

NUNO CARVALHO A APOIAR O FUTSAL EM VILA DO CONDE

Depois de, na sexta-feira, ter dado o pontapé de saída na campanha eleitoral, Nuno Carvalho deverá encontrar-se hoje com um grupo de sócios em Celeirós, onde poderá esclarecer algumas dúvidas sobre o programa eleitoral que delineou. Ontem, o candidato da Lista B às eleições presidenciais do Braga, agendadas para sexta-feira, marcou presença em Vila do Conde para apoiar a equipa de futsal dos arsenalistas no embate com o

SP. BRAGA → GANHE QUEM GANHAR A CORRIDA ÀS URNAS, JESUALDO VAI TER CARAS NOVAS

Reforços anticrise são trunfos eleitorais

RICARDO VASCONCELOS

■ É já sexta-feira que os associados do Sp. Braga vão escolher o novo presidente e, mesmo não sabendo quem ganha a corrida às urnas, já têm uma certeza: em janeiro a equipa de futebol vai ser reforçada! Face aos últimos resultados (apenas uma vitória em sete jogos do campeonato), António Salvador colocou-se em campo para acrescentar qualidade ao plantel de Jesualdo Ferreira. As reuniões técnicas com o professor sucedem-se e há muito que há fumo branco em relação a caras novas:

SAD assegurou Kadu e Rafael Lopes mas ainda quer outro central e um goleador

dois centrais e homens-golo são as prioridades.

Nessa lógica, Kadu, do Vitória da Bahia, está assegurado, e ainda pode chegar outro jogador para o eixo defensivo, mesmo que no plantel existam quatro opções (Santos, Nuno André Coelho, Sasso e Paulo Vinícius, este último em final de contrato...). Para o ataque, Rafael Lopes, do Penafiel, deverá ser aposta de futuro, podendo integrar a equipa B, mas Eder e Edinho vão contar com um novo concorrente a partir de janeiro (recorde-se que o portista Kléber foi negociado no verão e acabou por não assinar). Por decidir, entre Salvador e Jesualdo, estão as dispensas, pois para entrarem os reforços é mesmo preciso que saia alguém.

Promessa. Preocupado face a um dos períodos mais críticos em termos desportivos dos arsenalistas, também Nuno Carvalho, candidato da lista B, assumiu já estar a posicionar-se para injetar qualidade no plantel principal. Ontem, prometeu anunciar, ainda antes da ida às ur-



A ESPERA. Jesualdo agradece empenho na melhoria do plantel

Ruben Micael voltou aos treinos

• O médio Ruben Micael regressou ontem aos treinos, no que pode considerar-se uma excelente notícia para Jesualdo Ferreira. O internacional português sofreu um problema muscular de última hora que o impediu de atuar no Dragão, forçando o professor a alterar o onze que tinha finalmente estabilizado com bons resultados em termos exibicionais. A partir do momento em que já se encontra a trabalhar sem limitações, o jogador, de 27 anos, deverá voltar à equipa para a recepção ao V. Setúbal.

nas, os nomes de um defesa-central e um médio criativo que serão reforços de janeiro, caso a sua candidatura assegure a maioria dos votos.

Tradição. O mercado de inverno está à porta e as eleições são apenas uma curiosidade, até porque Salvador tem aproveitado todos os meses de janeiro para fechar contratações. Na época passada chegaram Kriuciuk, Diego Ivo (acabou por não ser inscrito na Liga), Sasso, Êmido Rafael, João Pedro e Rabiola, sendo que apenas um foi aproveitado por José Pesciro. Um ano antes, Leonardo Jardim teve mais sorte e usufruiu bem de Miguel Lopes, Ruben Amorim e até de Ukra, sendo o central Samuel a exceção. Recuando ao tempo de Domingos Paciência, saltam à memória nomes como os de Kaká, Vinícius, Olberdam, Luís Aguiar, Renteria e Rafael Bastos.

FORMULOU APELO AO VOTO

Salvador enviou carta aos sócios

■ António Salvador escreveu aos associados do emblema minhoto para apelar ao voto. Tratando cada um por "tu", o presidente destacou o crescimento do clube, o rigor desportivo e financeiro, mostrando orgulho pela obra realizada. Para o futuro, se for eleito, prometeu a mesma ambição e voltou a enumerar as promessas eleitorais: aumentar o número de associados, criar um canal de televisão e construir a cidade desportiva.

Ontem, foram conhecidos os nomes que acompanham José Manuel Fernandes como candidatos à assembleia geral: António Paisana, a antiga atleta Albertina Machado e Aurélio Correia.

CASO NUNO CARVALHO VENÇA

Haverá conversa com o treinador

■ Nuno Carvalho realizou ontem uma ação de campanha no Clube Desportivo de Celeirós. Até agora não se tinha pronunciado sobre a continuidade do treinador, mas a esse propósito o líder da lista B assegura que vai "conversar" com Jesualdo Ferreira, caso vença as eleições, não dando qualquer garantia em relação ao futuro do professor. De resto, o técnico dos arsenalistas até passou por uma situação semelhante em Alvalade, aquando do triunfo de Bruno de Carvalho nas urnas.

Ainda em relação ao seu projeto, Nuno Carvalho garantiu ter meios financeiros para o viabilizar e assegurou que o Sp. Braga estará cada vez mais próximo dos clubes de raiz popular.

NUNO CARVALHO PROMETE CENTRAL E MÉDIO

Caso vença as eleições, Nuno Carvalho promete reforçar a equipa principal do Braga com um central e um médio-ofensivo. "Tenho pré-acordos com dois jogadores para essas posições. Dentro de 48 horas poderei dizer quem são", anunciou o candidato da lista B, que projeta "uma conversa" com Jesualdo Ferreira já na condição de dirigente do clube. De visita, ontem, ao Clube Desportivo de Celeirós, Nuno Carvalho pretende que o Braga se aproxime dos clubes do concelho, propondo inclusivamente reuniões "de seis em seis meses" no sentido de obter "parcerias". "Quero que o Braga se descentralize", explicou.

FERNANDES JÁ TEM EQUIPA

O eurodeputado José Manuel Fernandes reuniu-se ontem com a equipa que o acompanha na candidatura à Mesa da Assembleia Geral do Braga, integrando a lista A, da qual fazem parte António Paisana, Albertina Machado e Aurélio Correia. Hoje, o cabeça de lista António Salvador promove um "megajantar" num hotel da cidade.

SP. BRAGA → PERANTE 350 APOIANTES ANTÓNIO SALVADOR FEZ SUAS AS PALAVRAS DE OBAMA

«Sim, nós podemos um dia ser campeões»

JOSÉ MARIO

■ "Deixem-me citar Barack Obama quando ele disse 'yes, we can', para vos dizer que, sim, nós podemos ser campeões", foi com esta tirada absolutamente presidencial que António Salvador arrancou o aplauso da noite perante 350 apoiantes que se juntaram no restaurante do Hotel Melia, em Braga, naquela que foi a sua maior ação de campanha.

Na aceleração para as eleições de 6.ª feira, o presidente do Sp. Braga fez um apelo ao voto, para que seja "dada uma prova de amor ao clube" e aconteça também "a derrota dos aventureiros que querem tomar de assalto o nosso Sp. Braga".

"Sempre disse que gostava de que aparecessem mais pessoas, mas quem apareceu não tem sabido hon-

"Nossos adversários não têm sabido honrar este clube", disse o presidente

rar o nome do clube e se dizem que eu vendo ilusões posso sempre responder-lhes dizendo que não vendo mentiras e que ninguém vai parar esta onda", atirou, entusiasmado.

Depois de ter entrado na sala ao som do conhecido hino de Vangelis ("1492 - Conquest of paradise"), António Salvador assistiu também a um vídeo sobre os seus dez anos de presidência, com destaque para os momentos da conquista da Taça da Liga, final da Liga Europa e presença na Liga dos Campeões. "O Sp. Braga não pode voltar ao passado", repetiu quem destacou o facto de, em 2011, o clube ter sido considerado o que mais cresceu em toda a Europa.



CONFIANTE: António Salvador rasgou um sorriso perante uma plateia de apoiantes da sua lista

MOMENTO

Apoiantes. Alexandre Pinto da Costa esteve presente, bem como Cajuda, Artur Jorge, José Nuno Azevedo e Paulo Paraty.



Diara esteve em dois Mundiais

NUNO CARVALHO ASSEGUROU CENTRAL DO OLYMPIACOS E MÉDIO INTERNACIONAL FRANCÊS Medjani e Diarra garantidos

■ Tal como prometido, Nuno Carvalho já assegurou reforços para contratar em janeiro, caso seja eleito, depois de amanhã, presidente do Sp. Braga. Os primeiros nomes divulgados pelo candidato, e anunciados em exclusivo por **Record Online** a meio da tarde de ontem, foram os de Carl Medjani e de Alou Diarra.

Este último dispensa qualquer tipo de apresentações, e as mais de 40 internacionalizações pela Seleção principal de França (duas presenças em Campeonatos do Mundo, com um 2.º lugar conquistado em 2006) demonstram bem as suas qualidades.

Agora, com 32 anos, pode estar de saída dos ingleses do West Ham, com Nuno Carvalho a assegurar os seus serviços a custo zero. Médio de combate, Diarra representou clubes como Bayern de Munique, Liverpool e Lyon, e os golos também são uma das suas imagens de marca, muito graças à sua altura – 1,88 metros.

Já Carl Medjani pode ser menos conhecido, mas ainda há pouco tempo defrontou o Benfica na fase de grupos da Liga dos Campeões. O central, internacional pela Argélia, atua no Olympiacos, ao lado de Salino e de Paulo Machado, e é outro

trunfo da Lista B, sendo que o seu ingresso no Sp. Braga seria a título de empréstimo. Descoberto muito novo pelo Liverpool nas camadas jovens do Saint-Étienne, acabou por não vingar em Inglaterra e regressou a França para fazer carreira. Na época passada, foi um dos trunfos para a subida de divisão do Monaco e no verão mudou-se para a Grécia.

Além destes, Nuno Carvalho deve anunciar mais um reforço para o meio-campo no dia de hoje. O candidato continua a fazer campanha pela cidade e ontem fez uma arruada no centro histórico. **RL**

MEDJANI E DIARRA COM PRÉ-ACORDOS

Candidato Nuno Carvalho confirmou central e médio

Uma eventual vitória da Lista B, encabeçada por Nuno Carvalho, nas eleições da próxima sexta-feira garantirá as contratações do central Carl Medjani (Olympiacos) e do médio-defensivo Alou Diarra (West Ham). Caso seja eleito presidente, o empresário promete reforçar a equipa principal com três jogadores de renome, tendo anunciado, por comunicado, pré-acordos com o franco-argelino, de 28 anos, que será emprestado pelo clube grego; e o franco-maliano, de 32 anos, em vias de rescindir com o West Ham, ao serviço do qual é pontualmente utilizado. Com 44 internacionalizações ao serviço da seleção de França e passagens pelo Bayern de Munique, Liverpool, Bordéus, Marselha e Rennes, entre outros clubes; Diarra é o trunfo de Nuno Carvalho com maior peso em termos de currículo, mas Medjani também tem grande experiência internacional, somando 24 jogos pela seleção da Argélia. Para hoje, está previsto o anúncio de mais um médio-ofensivo. "Temos um pré-acordo com mais um jogador", garantiu o candidato da Lista B, sem o identificar, assumindo negociações avançadas com dois empresários no sentido de acrescentar qualidade à equipa principal. "Estamos a fechar mais pré-acordos", referiu. Numa arruada pelo centro da cidade de Braga, acompanhado de João Fernando Magalhães, candidato à presidência da Assembleia Geral, e de José Barros Pereira, candidato à presidência do Conselho Geral, Nuno Carvalho sublinhou mais uma vez a ideia de que "é urgente" regressar às vitórias. "Quero um Braga ganhador, que é uma coisa que não tem acontecido. Andamos a falar do passado, mas nós não vivemos do passado. Sinto que as pessoas estão preocupadas com a situação do clube e com o seu distanciamento" testemunhou, dizendo-se ainda disponível para um debate com António Salvador. "É importante esclarecer os sócios. A outra lista é que não responde ao desafio", apontou, deixando escapar a admiração pelo técnico Domingos Paciência. "Traz boas memórias", comentou.

SALVADOR SONHA A CITAR OBAMA - "TITULO? SIM PODEMOS" >>> Presidente crê em vitória esmagadora nas eleições, referindo-se a Nuno Carvalho como "aventureiro"

Entrou ao som de "Vangelis" e saiu em verdadeira apoteose. António Salvador não podia ter desejado maior manifestação de apoio por parte dos adeptos antes das eleições da próxima sexta-feira. Cerca de 350 pessoas estiveram no jantar organizado pela comissão de honra do candidato da Lista A, que surpreendeu ao inspirar-se na frase que guiou Barack Obama à presidência americana num discurso em que manteve vivo o sonho de ver o Braga conquistar o título nacional. "Queremos continuar no sucesso desportivo que tornou este clube um dos grandes do futebol português. Um dia Obama disse: 'sim, nós podemos'. Pois bem, eu digo a todos: sim, nós podemos ser campeões", venceu, para júbilo dos presentes. Depois da exibição de um filme sobre os dez anos de presidência, António Salvador lembrou ter entrado no clube "com o espírito de missão". "Estou aqui para servir e não para me servir", referiu o empresário, numa das primeiras bicadas enviadas ao adversário, Nuno Carvalho, a quem acusou de ter beneficiado de um perdão para regularizar as quotas em atraso e, assim, candidatar-se às eleições. "Sempre disse que seria benéfico para o Braga o surgimento de candidatos com ideias e projetos, mas apelei a uma campanha limpa, sem ataques e insinuações. Infelizmente, quem apareceu não está a honrar a história do clube", atirou, antes de fazer um pedido. "Todos sabemos que, num processo eleitoral, não há vencedores antecipados. Votar é fundamental. Vamos dar uma prova de grandeza, vitalidade e amor ao nosso clube, infligindo uma grande derrota aos aventureiros, que pensam que é fácil tomar de assalto o Braga".

NUNO CARVALHO

Candidato da Lista B expõe o seu programa, fala dos investidores e promete maior ambição no futuro

RICARDO VASCONCELOS

RECORD – Em 10 anos, foi o primeiro com ousadia para defrontar António Salvador. Sentia que o clube e os associados precisavam de uma alternativa?

NUNO CARVALHO – Há 30 anos que no nosso clube não há eleições, o que não é nada normal num Estado democrático. Nunca houve alternativas, mas hoje os sócios podem optar. Apresentei-lhes uma equipa credível, com pessoas válidas e com provas dadas, e queremos implementar um projeto de gestão diferente do que esteve em vigor nos últimos 10 anos.

R – Avança apenas por não concordar com a gestão de Salvador? No futebol terá feito obra...

NC – As pessoas estão cansadas de ouvir esta direção dizer que estivemos perto de ser campeões ou que fomos a uma final europeia. Os associados, tal como eu, querem vitórias e o que sei é que estamos em 10.º lugar e a apenas cinco pontos da linha de água. Eu quero construir um Sp. Braga campeão e já estou a trabalhar para isso. Como sabem, até já tenho reforços para melhorar a equipa na reabertura de mercado de janeiro.

R – Antunciou ter 20 milhões de euros para investir na equipa. A lista de António Salvador não gostou nada de ouvir isso e até já o criticou...

NC – Anunciei 20 milhões, mas, se calhar, até tenho mais... Como em todos os casos, vou elucidar sempre os associados de tudo: este dinheiro chega de

«**Espero que o Tribunal não tenha reservada uma surpresa contundente para a fluidez financeira do clube**»

empresários que acreditam no nosso projeto e que já me deram o seu apoio. Como é óbvio, a Lista A está equivocada quando diz que os 20 milhões são apenas do "naming" do estádio. Isso é mentira! Já tenho uma empresa interessada no "naming" e o nome dela e as verbas envolvidas serão divulgadas aos associados depois de eu ganhar as eleições.

R – Como é que tenciona investir esse dinheiro?

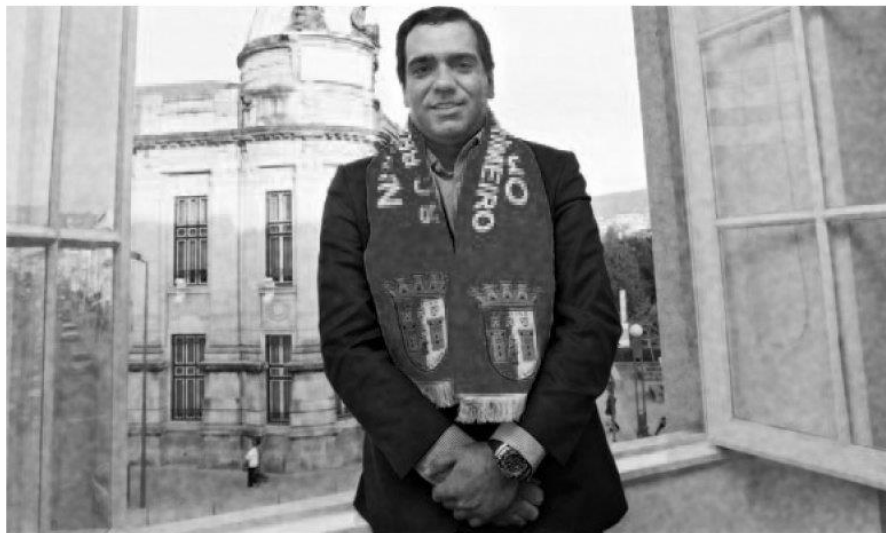
NC – No reforço da equipa. Como disse, é impensável estarmos em 10.º lugar. Quero um Sp. Braga vencedor já na próxima temporada.

R – A que atribui os maus resultados do Sp. Braga?

NC – É curioso reparar que o ciclo de derrotas começa quando o António Salvador foi ao balneário despedir-se dos jogadores, anunciando que a sua vontade era abandonar o Sp. Braga. A instabilidade começou, precisamente, nesse momento. Este plantel tem condições para fazer muito melhor, mas António Salvador deixou toda a gente apreensiva porque o clube podia cair num vazio diretivo. Como se vê, isto está a pagar-se mesmo muito caro.

«Quero construir um Sp. Braga campeão»

Acusa Salvador de ter desestabilizado a equipa quando foi ao balneário anunciar a saída do clube



Carlos Alberto é o médio desejado

R – Já anunciou o nome de dois reforços para janeiro. Poderá chegar mais alguém?

NC – Estamos em conversações avançadas com o Carlos Alberto, médio que venceu a Liga dos Campeões, pelo FC Porto, quando José Mourinho era o treinador.

R – Por falar em campeão, o nome de Cristiano Ronaldo apareceu numa comissão de honra de António Salvador...

NC – A minha comissão de honra é composta por sócios do Sp. Braga, muitos deles anónimos, e de pessoas como o antigo capitão Barroso. Quando for eleito, os símbolos do clube regressarão a casa. Há pessoas que lutaram muito pelo Sp. Braga e que foram postas de parte e esquecidas por esta direção. Urge mudar o nosso clube e o nosso projeto é credível e temos os pés bem assentes na terra.

R – Justaldo está ilibado de culpas? É um treinador que lhe agrada?

NC – É uma pergunta difícil... Neste momento, digo apenas que será uma das primeiras pessoas com quem eu quero falar depois de ser eleito.

R – Independentemente do treinador que escolher, quais serão os objetivos da equipa?

NC – Quero construir um Sp. Braga

campeão. Queremos andar na Liga dos Campeões todas as temporadas e, quem sabe já na próxima, tentar lutar pelo título nacional.

R – Deixando um pouco de falar de futebol, acredita que a sua mensagem tem passado?

NC – Sinto que sim. As pessoas sabem o que se passa no Sp. Braga. Todos me pedem vitórias e andam can-

sados que esta direção lhes esteja sempre a dizer o que fez no passado. Os sócios querem vitórias e uma gestão rigorosa e transparente. Sempre fui um ganhador nos projetos em que me meti e sei que tenho muitas hipóteses de vencer as eleições. O António Salvador já se apercebeu disso e anda a reboque das nossas ideias. Já fala, por exemplo, da parte social do nosso clube. Essa é uma ideia nossa.

R – Se for eleito, uma das suas primeiras medidas será mesmo uma auditoria às contas?

NC – É preciso perceber bem a realidade do clube e da SAD. Tenho a certeza que a SAD tem um passivo grande e nota-se o nervosismo do António Salvador a esconder o que se está a passar. Espero que o Tribunal Administrativo de Braga não tenha reservada alguma surpresa contundente e avassaladora para a fluidez financeira do clube, pois, pelas contas feitas, será isso que nos espera... uma grande surpresa! Há situações que podem não constar do relatório e

contas, mas que elas existem, existem... Muitos sócios têm-se mostrado preocupados em relação a transferências de jogadores que nunca lhes foram explicadas. Vieram-me falar de algumas, como a do Nunes para o Majorca, mas essa, como outras, não constam dos relatórios e contas. Comigo haverá sempre transparência. Eu digo quem são os meus investidores e o que eles estão cá a fazer, mas António Salvador nunca diz se o Sp. Braga tem um fundo de jogadores e quem está por trás dele.

R – Sempre pediu um debate com António Salvador. Era para o confrontar com essas situações?

NC – Até como sócio, gostava que houvesse um debate. O António Salvador nunca o aceitou. Não entendo porque foge ou do que tem medo.

«**A SAD tem um passivo grande e nota-se o nervosismo de Salvador a esconder o que se passa**»



«De limpinho não vejo nada»

R – O que lhe pareceu o afastamento, à última hora, de Mesquita Machado da lista de António Salvador?
NC – Sempre questione-se a nova lista seria igual à primeira e verifica-se que, afinal, não é. Terá sido essa a irregularidade? António Salvador nunca explicou aos sócios... O Mesquita Machado foi uma pessoa que deu muito ao clube e que sempre o ajudou nos momentos mais difíceis. Eu não sou nenhum cata-vento. Comigo, o Sp. Braga terá uma identidade própria. Não sei se houve razões políticas para o afastamento, mas que pareceu lá isso pareceu. De limpinho, limpinho, limpinho não vejo nada. Ninguém esclarece as preocupações dos sócios.

Frente a frente, ele podia-me esclarecer algumas questões que tenho levantado sobre a atual situação do Sp. Braga. Eu disse que não avançava se ele continuasse, mas importa dizer que, entretanto, recebi informações sobre a realidade financeira do clube e da SAD que me preocuparam. Só nesta segunda fase tenho levantado tantas questões e todas elas continuam sem resposta como os sócios bem sabem.

R – Crítica do silêncio e o afastamento de António Salvador. Se for eleito, será um presidente mais próximo dos associados?

NC – Jamais estarei distante deles. O Sp. Braga para crescer tem de estar próximo dos associados, dos investidores, dos sponsors, dos outros clubes da cidade. Os sócios devem participar ativamente em ações e decisões do clube e vou chamá-los, de forma regular, para um debate de ideias.
R – António Salvador assumiu a Record que não se queria mesmo recandidatar. Ficou surpreendido com a sua mudança de posição?
NC – Sempre soube... e nem eleições ele queria! O programa da Lista A diz tudo: é um vazão de ideias e de explicações. Não diz onde vai ser construída a cidade desportiva, quem a vai pagar, quanto vai custar a manutenção, como será rentabilizada. Nos tempos que correm, não há necessidade de gastar tanto dinheiro quando se tem património que se pode reaproveitar, como o 1.º de Maio.

SÓCIOS MAIS ANTIGOS DEIXAM DE PAGAR

«O humanismo vai voltar ao clube se eu for eleito»

R – Acusou António Salvador de andar a reboque de algumas das suas ideias, como, por exemplo, falar da parte social do clube. Em concreto, o que tenciona fazer nessa área?

NC – O humanismo vai voltar ao clube se eu for eleito. Preocupa-me que hoje o Sp. Braga não tenha uma sede onde os sócios possam ir e sentirem-se em casa. Vamos adquirir um espaço no centro da cidade que estará sempre de portas abertas. Vamos lá instalar o provedor do adepto, organizar atividades regulares de manutenção física, fazer palestras sobre nutrição e também organizar viagens para as famílias que queiram acompanhar a nossa equipa nos jogos fora de casa. Damos muito valor aos sócios e queremos valorizá-los. Aos que são sócios há 25 anos vamos fazer uma redução de 25 por cento nas quotas anuais e aos

que têm 50 ou mais anos de sócio vamos oferecer uma cadeira no Estádio Axa e a isenção de quotas.
R – É verdade que também está a pensar criar uma Fundação Sp. Braga?
NC – É outro dos nossos grandes objetivos. É imperioso que o clube se associe às causas sociais num período tão complicado. A Fundação vai patrocinar iniciativas de cariz solidário, premiar os resultados es-

colares a jovens com necessidades sociais e colaborar com instituições não governamentais do Minho que trabalhem com crianças. Vamos ainda fazer um protocolo com a AF Braga para que os atletas possam vir ao estádio de forma gratuita. Queremos o estádio cheio de pessoas a apoiar a nossa equipa.
R – Também tem solução para o bilingo?
NC – Vamos dar o bilingo à esplanada num curto espaço de tempo, queremos devolver o atletismo e a natação já no primeiro trimestre de 2014 e reabilitar o Estádio 1.º de Maio, com custos reduzidos. Para além de ter a melhor pista de atletismo do país, poderá albergar os escalões de formação do futebol e até as equipas profissionais. Existe um projeto antigo e que me parece bem interessante.



FRONTAL Nuno Carvalho abordou todos os assuntos com Record

AVANÇADO COLOMBIANO FAZ CAMPANHA PELO LÍDER

Pardo votava Salvador se tivesse direito a isso

■ Mais uma ação de campanha de... angariação de sócios! Pardo, Baiano e Sasso foram os eleitos no convívio com os alunos do Centro Escolar do Vale de Lamações, onde o clube angariou cerca de 50 novos associados. Naturalmente, as eleições de amanhã, que decorrem entre as 11 e as 22 horas no Estádio Axa, marcam o quotidiano do Sp. Braga e o colombiano Pardo não fugiu à questão, fazendo... campanha por António Salvador. "Não posso votar, mas se pudesse votava no presidente atual pelo excelente trabalho que faz no clube", disse o avançado contratado no último defeso, altura em que se tornou sócio bracarense, pelo que não cumpre um dos principais requisitos para exercer o direito de voto, só possível a quem se inscreveu como sócio antes do dia 31 de dezembro de 2012. Os jogadores do plantel que podem votar, de resto, são esperados nas urnas pelas 12.45, logo a seguir ao próprio António Salvador.

Pardo registou ainda ser "muito importante este tipo de iniciativas nas escolas", pois é uma forma para o clube "ter futuro", procurando aproximar os jovens aos craques.

O colombiano diz ser necessária "muita ambição e dedicação ao jogo" para que a equipa possa superar o V. Setúbal, no jogo de sábado em que é necessário "ganhar para que a equipa possa sair rapidamente da posição em que se encontra". A ação de ontem incluiu ainda a oferta de 500 bilhetes para a receção aos sadinos. Todos os 250 alunos da escola levaram dois para oferecer um deles ao seu encarregado de educação, uma forma de preencher mais as bancadas do Estádio Axa no último jogo do ano.

Sasso pronto. Vincent Sasso também falou aos jornalistas, mas no caso do defeso francês o foco foi a sua recuperação plena ao fim de nove meses de sacrifício. "Foi mesmo muito complicado, pois isso é o pior que pode acontecer a um jogador", desabafou o jogador de 22 anos, mostrando-se "totalmente disponível para voltar a ser útil à equipa, caso o treinador assim entenda". No mês de novembro, Sasso readquiriu ritmo competitivo ao serviço da equipa B, onde completou 5 jogos, algo "muito importante e decisivo" para o regresso às opções de Jesualdo Ferreira. **AA**



VISITA. Sasso, Pardo e Baiano foram à escola de Lamações

PODE IMPUGNAR ELEIÇÕES

Lista B suspeita de irregularidade

■ Nuno Carvalho suspeita que a lista de António Salvador tenha uma nova irregularidade e, ontem, tentou consultar os documentos do processo eleitoral: "Solicitamos uma reunião com caráter de urgência com o presidente da AG, José Mendes. Este recusou e confrontou-me de modo estranho. Caso se conclua que a atitude do presidente da assembleia geral, de ocultar e impedir acesso aos documentos, seja ilegal a Lista B irá solicitar a impugnação do ato eleitoral." **AA**

LISTA B E JOSÉ MENDES ÀS AVESSAS

Impedido, por José Mendes, presidente da AG, de consultar documentos para tirar a limpo uma alegada "irregularidade nas folhas de assinatura da candidatura" da Lista A, Nuno Carvalho ponderou impugnar as eleições mas recuou. "Não o vamos fazer. Mas isto só prova a falta de transparência dos atuais órgãos sociais", referiu a O JOGO. Já Mendes diz que isto são "manobras de diversão", pois teve uma reunião com as listas e "a B não colocou nenhuma objeção".

Carlos Alberto será o terceiro trunfo

Livre desde o começo de agosto, altura em que rescindiu com o Vasco da Gama, o ex-FC Porto, Carlos Alberto, está em vias de assinar um pré-acordo com a Lista B, encabeçada por Nuno Carvalho, tal como o central Carl Medjani (Olympiacos) e o médio-ofensivo Alou Diarra (West Ham). "Está tudo tratado. Dentro de horas, será formalizado o acordo", anunciou André Dias, assessor de Nuno Carvalho. Recorde-se que o médio-ofensivo, de 29 anos, foi suspenso a 29 de agosto pelo período de um ano, após um controlo anti-doping positivo num jogo com o Fluminense, disputado a 2 de março. No entanto, o Tribunal Arbitral do Desporto brasileiro acabou por revogar a punição imposta pelo Superior Tribunal de Justiça

Salvador vota às 12h30

ANTES DA EQUIPA >>> Ato decorrerá na zona mista do Estádio Axa

Quando os jogadores se apresentarem amanhã na zona mista do Estádio AXA, para exercerem o direito de voto, já António Salvador, o candidato da Lista A, terá colocado o seu boletim de voto numa das urnas. O dirigente tem previsto votar pelas 12h30, enquanto jogadores e treinadores deverão aparecer no mesmo espaço, apenas um quarto de hora depois. Já Nuno Carvalho, candidato da Lista B, deve exercer o direito de voto por volta das 11h30, ficando depois à espera dos resultados. Estes deverão ser conhecidos bastante tarde, já que as urnas encerram apenas às 22 horas, permitindo que os sócios que trabalhem até ao final da tarde ainda tenham hipótese de votar.

ATUAL PRESIDENTE VAI A VOTOS PELA PRIMEIRA VEZ, COM NUNO CARVALHO AINDA A ACREDITAR

Salvador mede forças

EUGÉNIO QUEIRÓS

■ Uma vitória por 90/10 é a previsão dos responsáveis da lista A, protagonizada por António Salvador, naquelas que são as suas primeiras eleições em dez anos de presidência. Mas a confiança também mora nas hostes de Nuno Carvalho e o peso dos votos vindos da ala de Mesquita Machado pode suavizar o fosso na contagem final. De qualquer dos modos, o atual presidente bracarense não perdeu o sorriso e foi com ele que ontem se passeou nos bastidores do Estádio Axa.

As urnas abrem hoje às 11 horas no Estádio Axa e encerram às 22

Urnas abertas entre as 11 e as 22 horas com autocarros em serviço permanente

horas. Os resultados devem ser conhecidos uma hora depois. Não há sondagens que suscitem qualquer antecipação do resultado eleitoral, mas Salvador parece ter o caminho aberto para a vitória, embora Nuno Carvalho tenha pelo seu lado uma espécie de sindicato de votos eventualmente formado após o cisma Mesquita Machado. O ex-presidente da Câmara Municipal de Braga cortou relações com Salvador e tem na cidade e no concelho um forte poder agregador. E a grande sombra que pesa sobre a candidatura do atual líder dos Guerreiros do Minho, mas falta saber até que ponto terá expressão nas urnas.

O clube disponibilizou autocar-



DUELO. António Salvador e Nuno Carvalho acreditam na vitória, mas o primeiro é claramente o favorito

ros, em serviço permanente, que transportarão os associados com as quotas em dia entre o Campo da Vinha e o estádio, onde, no hall de acesso aos balneários e junto ao memorial do clube, decorrerá o ato eleitoral. Há 17.500 sócios com direito a voto, sendo que 8.007 (45,7%) têm direito a dez votos pelo facto de terem mais de dez anos de filiação. São 5.390 os sócios com direito a cinco votos e os restantes ficam-se por um voto. □

PROMESSAS ELEITORAIS

LISTA A

António Salvador não se assusta com o atual momento do Sp. Braga e garante "um novo ciclo vitorioso", continuando a manter as contas com números positivos, como aconteceu nos últimos cinco anos. O atual presidente quer ainda criar um canal de televisão – não tendo definido, porém, em que moldes – e em entrevista a **Record** disse que não será "impossível" ver o Sp. Braga um dia campeão nacional. Na sua mente está também uma cidade desportiva.

LISTA B

Nuno Carvalho sprintou forte na reta final das eleições, apresentando jogadores com cartaz. Um deles é o brasileiro Carlos Alberto, campeão europeu pelo FC Porto, que ontem, a uma rádio, desmentiu qualquer acordo com a lista B. O candidato a presidente quer um espaço-sede onde os sócios se possam encontrar e também criar uma fundação. Tal como referiu ontem em entrevista a **Record**, Carvalho aposta ainda num Sp. Braga campeão e anuncia ter 20 milhões para investir já no futebol.

LÍDER DA CONTINUIDADE REGISTOU UMA VITÓRIA ELEITORAL ESMAGADORA DE 87 POR CENTO

Claro, Salvador olé

ANTÓNIO MENDES

■ Tudo começou às 11 horas de uma sexta-feira 13 e acabou às 0.40 do dia 14. Ai Salvador fechou o seu discurso de vitória e ficou com a lágrima no canto do olho perante uma sala com perto de 200 adeptos que não se cansaram de berrar o já famoso "Salvador olé" que souu naturalmente para um vencedor anunciado às 0.32 e com 87 por cento dos votos!

Quando António Salvador exerceu o seu direito de voto, às 12.35, o sinal de vitória já estava no ar. Tudo se confirmou com um triunfo esmagador daquele que gere os destinos do Sp. Braga desde fevereiro de 2003 e que se prepara para mais três anos de mandato em que o grande objetivo passa por dar continuidade à boa gestão financeira, mas com projetos mais arrojados e que implicam outros cuidados, como são

"Sócios não se deixaram levar pelos aventureiros da calúnia", atirou

a construção de um centro desportivo para treinos e estágios e a colocação no ar de um sonho antigo do presidente: a Braga TV.

Ontem, fez-se história pela simples razão de que se tratou do maior ato eleitoral do clube. Há 25 anos que não se via uma luta a dois quando João Gomes Oliveira, que vinha mais tarde a ser também presidente, perdeu as eleições de 1988 para Alberto Silva. Na altura, João Gomes Oliveira chegou a prometer um novo autocarro para o clube e desta vez António Salvador limitou-se apenas a uma palavra: continuidade!

Feitas as contas, de nada valeram os argumentos de Nuno Carvalho e da lista B, pois cedo se percebeu que os sócios do Sp. Braga, num universo de 31 mil e apenas 17.500 votantes, não o deixa-



TRIUNFANTE. António Salvador ergueu os punhos perante 200 sócios que assinalaram o seu triunfo

riam "tomar de assalto o clube", como catalogou Salvador, quando carregado em ombros no final de um dia muito movimentado e que levou às urnas mais de 3 mil associados, um recorde absoluto.

"Esta não é uma vitória do Sp. Braga e não da lista A. Os sócios fa-

concorrência que encontrou nesta eleições: "Estamos no caminho do crescimento e sustentabilidade. Os sócios não se deixaram levar pelos aventureiros que fizeram da calúnia a sua bandeira nos últimos tempos. Estes sócios são inteligentes e sabem bem o caminho que querem continuar a seguir. Espero que com este sinal todos os que atacaram, a mim e ao clube, enterrem de vez o machado de guerra. Esta é uma inequívoca demonstração de confiança no trabalho desta direção."

Registe-se que num total de 3.080 sócios votantes, houve apenas 11 nulos e 21 em branco, mais um sinal de quem exerceu o seu direito quis mesmo mostrar que conta com... António Salvador!

PORMENOR

Como? Alguma confusão nos números. Mesa da AG anunciou 85,82% para Salvador e 14,45% de Carvalho. A seguir já era 87%/13%. Esmagadora mesmo assim!

laram e falaram de uma forma bem clara sobre o futuro que pretendem para o Sp. Braga", registou Salvador, lançando depois algumas farpas à

CONTAS FINAIS



NUNO CARVALHO CHEGOU ESPERANÇADO E MESQUITA MACHADO AVISOU A NAVEGAÇÃO

Recado na prova de vitalidade

■ O dia foi muito longo no Axa, mas o fio condutor entre os discursos apontava para a satisfação face à elevada comparência de associados após tanto tempo sem eleições no Sp. Braga. O candidato da lista B mostrou-se esperançado em obter um bom resultado, mantendo-se firme mesmo perante o desmentido de Carlos Alberto e do seu empresário, que negaram qualquer contacto da sua parte. "Ainda ontem [quinta-feira], pelas 21 horas, falei com o Carlos Alberto e ele manifestou-me todo o desejo que tem em ingressar no Sp.

Braga", venceu Nuno Carvalho, procurando minimizar os danos de uma aposta que não surtiu efeito.

Quem terá, certamente, um papel a desempenhar no futuro do Sp. Braga é Mesquita Machado. O ex-edil chegou mais cedo à assembleia de voto, não se cruzou com António Salvador, mas numa simples frase deixou bem entendido que as relações não são, definitivamente, como eram: "Fico muito feliz de ver esta afluência às urnas. É um sinal da vitalidade do clube e é também muito importante haver duas listas

para que ninguém se sintira rei e senhor do Sp Braga..."

Outra voz que se fez ouvir foi precisamente a do sucessor de Mesquita na autarquia bracarense. Ricardo Rio separou as águas e deu continuidade ao seu discurso em prol da permanência de Salvador à frente do clube. "A aproximação entre o Sp. Braga e a Câmara nunca esteve em causa. O clube é um ativo estratégico para a cidade; é, de resto, um dos principais cartões de visita da cidade", disse o político que pintou de laranja um concelho que era rosa.



Nuno Carvalho disse presente

URNAS ABERTAS A PAR E PASSO

11.00 Abertura das urnas na zona mista do Estádio Axa. Há mais de 50 pessoas que já esperam a sua vez para exercer o direito de voto. A fila estende-se até ao parque de estacionamento.

11.10 Mesquita Machado, antigo líder da Câmara, chega ao Axa para votar, direito que só exerce às 11.55. Chegou a estar indigido como líder da AG na lista de Salvador, mas na versão final acabou por ser preterido.



12.05 Nuno Carvalho, candidato pela lista B, coloca o seu voto na urna e regista logo a seguir a "clara demonstração de vivacidade do clube". Vários jogadores do plantel tomam a sua vez, entre eles Eduardo, Alan e Éder.



12.35 António Salvador já espera a sua vez. O atual presidente e candidato da lista A está acompanhado pelo filho, Diogo Rodrigues, e por todos os vice-presidentes que integram a sua lista.

13.07 Ricardo Rio, edil de Braga, está a votar. É o sócio n.º 1.533. Com 40 anos é associado há 35! O autarca, apoiante de Salvador, regista a manifestação de "absoluta democracia interna" no Sp. Braga.

22.07 Fecho das urnas no dia mais longo do Sp. Braga. Votaram 3.080 sócios, o número tomado definitivo pela organização do ato, confirmando terem sido as eleições mais concorridas de sempre do clube.

0.32 É divulgado o resultado final deste ato eleitoral histórico para o Sp. Braga. Nunca tantos sócios acorreram às urnas e há 25 anos que não havia duas listas a concorrer.

Anexo 27 – Notícias de 14 de dezembro de O Jogo (versão *Word*)

ANTÓNIO SALVADOR ESMAGA E É REELEITO

QUARTO MANDATO >>> António Salvador venceu Nuno Carvalho por larguíssima margem. A vitória foi comemorada com um discurso de união, contra a calúnia

Naquele que foi o ato eleitoral mais concorrido da história do Braga, António Salvador foi reeleito presidente do clube com uma vitória categórica sobre Nuno Carvalho. O líder da lista A recolheu 87 por cento dos votos, contra 13 do adversário, e vai iniciar o quarto mandato de três anos à frente dos destinos dos arsenalistas. Tomará posse dentro de dez dias.

Passavam 35 minutos da meia noite quando António Salvador surgiu na sala de Imprensa do Estádio AXA para discursar perante uma plateia composta por cerca de uma centena de sócios. Antes mesmo de os resultados oficiais serem divulgados, as claques arsenalistas já cantavam para António Salvador, que, no fim do discurso da vitória, até foi levado em ombros pelos seus apoiantes.

“Esta não é a vitória da lista A ou B, é a vitória do Braga”, começou por afirmar o dirigente, dando os parabéns, de seguida, ao presidente da Mesa da Assembleia Geral (José Mendes), “pela forma como decorreram os trabalhos”, e aos “funcionários”, que, no seu entender, mostraram que “o Braga é um clube organizado, à altura dos desafios”.

“É um dia histórico neste clube, um dia de democracia, com os sócios a manifestarem a sua vontade. Eles falaram de uma forma bem clara sobre o caminho para o Braga, com inovação, competência e crescimento”, prosseguiu António Salvador, que visou ainda os opositores. “Os sócios não se deixaram levar pela campanha da calúnia e da ofensa, são inteligentes e não estão dispostos a voltar ao passado. Os que me atacaram e que atacaram também o Braga que enterrem o machado de guerra. Aos que não votaram em mim, digo que sou presidente de todos os bracarenses. Aos que acreditaram em mim e na viragem histórica dos últimos dez anos, garanto que os objetivos serão uma realidade”, referiu, apelando por fim à união dos sócios. “O Braga não pode parar e vai ter um futuro de sucesso. Juntos seremos mais fortes”, concluiu.

Sócios em longa espera

Após o fecho das urnas (pouco depois das 22h00), os sócios do Braga esperaram duas horas pelos resultados, o que aumentou a ansiedade dos mesmos. Os presentes previam uma contagem mais rápida e não colocavam outro cenário que não a vitória de Salvador: nenhum, aliás, mencionou o nome de Nuno Carvalho. No Facebook, chegaram a circular os resultados, mas todos ficaram no AXA até à oficialização dos mesmos.

CARVALHO EXIGE “GESTÃO MAIS CRITERIOSA”

Nuno Carvalho, o outro candidato, reagiu em comunicado aos resultados eleitorais: “Cabe-me felicitar a lista vencedora e desejar que o nosso clube tenha os maiores sucessos sob a gestão do novo presidente.” Carvalho prometeu ficar “atento à vida do clube” no capítulo desportivo, no qual exige “mais vitórias”, mas também “às opções de gestão, exigindo que estas sejam mais criteriosas”. O candidato derrotado prometeu igualmente “uma oposição responsável”.

“QUE NINGUÉM SE SINTA REI E SENHOR DO CLUBE”

Mesquita Machado, ex-presidente da Câmara Municipal de Braga que esteve envolvido numa recente polémica com António Salvador, por alegadamente ter sido excluído da Lista A, exerceu o direito de voto e mostrou-se “extremamente feliz por ver esta afluência às urnas”. “É um sinal da vitalidade do clube”, acrescentou, considerando que “é importante haver duas listas para que ninguém se sinta rei e senhor do Braga”. O novo autarca bracarense, Ricardo Rio, também votou e realçou que o “clube é um ativo estratégico para a cidade e um dos principais cartões de visita”.

Anexo 28 – Tipo de notícias e tom das notícias no Record

Tabela I: Tipo de notícias

	Nuno Carvalho	António Salvador
21 novembro	Abertura + breve	Referência na abertura
22 novembro	-	Referência de Eduardo
25 novembro	Artigo	Referência ao nome
26 novembro	Abertura + referência na breve	Ref. abertura + ref. breve + artigo + ref. artigo
27 novembro	Referência na abertura + artigo	Abertura + breve + referência no artigo
28 novembro	Referência no artigo	Artigo (vs Mesquita)
29 novembro	-	Artigo (vs Mesquita)
30 novembro	-	Abertura
1 dezembro	Referência na abertura + ref. breve	Abertura + referência na breve
2 dezembro	Breve	Referência na breve
3 dezembro	Artigo	Referência no artigo
5 dezembro	Breve	Referência na breve
6 dezembro	Referido na entrevista	Entrevista de quatro páginas
7 dezembro	Referência no artigo + breve	Artigo
9 dezembro	Referência na abertura + artigo	Abertura + breve + referência no artigo
10 dezembro	Referência na abertura + breve	Referência na abertura + breve
11 dezembro	Referência na abertura + artigo	Abertura
12 dezembro	Entrevista uma página e meia + breve	Ref. entrevista + ref. artigo + ref. na breve
13 dezembro	Abertura + breve	Abertura (faz título) + breve
14 dezembro	Ref. na abertura + artigo + ref. artigo	Abertura + referência no artigo + ref. no artigo

Tabela II: Tom das notícias

	Nuno Carvalho	António Salvador
21 novembro	Positivo + Positivo	Negativo
22 novembro	-	Positivo
25 novembro	Neutro	Neutro
26 novembro	Positivo + Negativo	Negativo + Negativo + Positivo + Neutro
27 novembro	Neutro + Positivo	Positivo + Neutro + Neutro
28 novembro	Positivo	Negativo
29 novembro	-	Negativo
30 novembro	-	Neutro
1 dezembro	Neutro + Neutro	Negativo + Neutro
2 dezembro	Neutro	Neutro
3 dezembro	Neutro	Neutro
5 dezembro	Negativo	Negativo
6 dezembro	Negativo	Positivo
7 dezembro	Negativo + Positivo	Positivo
9 dezembro	Negativo + Positivo	Positivo + Positivo + Negativo
10 dezembro	Positivo + Positivo	Positivo + Positivo
11 dezembro	Negativo + Positivo	Positivo
12 dezembro	Negativo + Negativo	Negativo + Positivo + Negativo
13 dezembro	Negativo + Neutro	Positivo + Neutro
14 dezembro	Negativo + Negativo + Neutro	Positivo + Neutro + Neutro

Anexo 29 - Tipo de notícias e tom das notícias em O Jogo

Tabela III: Tipo de notícias

	Nuno Carvalho	António Salvador
21 novembro	Abertura + breve	Referência na abertura
22 novembro	Referência no artigo	Artigo
25 novembro	Breve	Breve
26 novembro	Referência indirecta na abertura	Abertura + artigo sobre a lista
27 novembro	Breve + pequena referência no artigo	Artigo
28 novembro	-	Artigo de opinião sobre Salvador
29 novembro	-	Artigo Mesquita vs Salvador (conf. imprensa MM)
30 novembro	-	Breve (Salvador vs Mesquita)
1 dezembro	Artigo	-
2 dezembro	Artigo + referência no artigo	Entrevista JMF + dois artigos (referências a Salvador)
3 dezembro	Breve + referência na breve	Breve
5 dezembro	Pequena referência no artigo de Salvador	Artigo
6 dezembro	Uma breve + referência na outra	Referência numa das breves
7 dezembro	Referência na abertura + artigo	Abertura + referência no artigo + artigo
9 dezembro	Breve + ref. abertura + ref. artigo	Abertura + artigo
10 dezembro	Artigo	Breve sobre a lista
11 dezembro	Referência no artigo + artigo	Artigo + referência no artigo
12 dezembro	Artigo + breve + referência na breve	Referência na breve + breve
14 dezembro	Ref. abertura + ref. breve + breve	Abertura + referência nas três breves

Tabela IV: Tom das notícias

	Nuno Carvalho	António Salvador
21 novembro	Neutro + Neutro	Neutro
22 novembro	Neutro	Positivo
25 novembro	Neutro	Neutro
26 novembro	Negativo	Positivo + Neutro
27 novembro	Neutro + Neutro	Positivo
28 novembro	-	Positivo
29 novembro	-	Negativo
30 novembro	-	Negativo
1 dezembro	Positivo	-
2 dezembro	Negativo + Neutro	Positivo + Positivo + Positivo
3 dezembro	Neutro + Neutro	Neutro
5 dezembro	Negativo	Positivo
6 dezembro	Positivo + Negativo	Neutro
7 dezembro	Negativo + Positivo	Positivo + Negativo + Positivo
9 dezembro	Negativo + Negativo + Neutro	Positivo + Positivo
10 dezembro	Positivo	Neutro
11 dezembro	Negativo + Positivo	Positivo + Negativo
12 dezembro	Negativo + Positivo + Neutro	Negativo + Neutro
14 dezembro	Negativo + Negativo + Negativo	Positivo + Positivo + Neutro + Negativo